

FACULDADE DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

FLAVIA DE BRITO PANAZZOLO

PEREGRINAÇÃO A SANTIAGO DE COMPOSTELA COM OS OLHOS DO PRESENTE

Porto Alegre
2021

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

FLAVIA DE BRITO PANAZZOLO

**PEREGRINAÇÃO A SANTIAGO DE COMPOSTELA COM OS OLHOS DO
PRESENTE**

Tese apresentada como requisito para obtenção do grau de Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dra. Lúcia Helena Alves Müller

Porto Alegre

2021

Ficha Catalográfica

P187p Panazzolo, Flavia de Brito

Peregrinação a Santiago de Compostela com os olhos do presente
/ Flavia de Brito Panazzolo. – 2021.

186 f.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências
Sociais, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Helena Alves Müller.

1. Peregrinação. 2. Santiago de Compostela. 3. Etnografia. 4.
Religião. 5. Turismo. I. Müller, Lúcia Helena Alves. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

FLAVIA DE BRITO PANAZZOLO

**PEREGRINAÇÃO A SANTIAGO DE COMPOSTELA COM OS OLHOS DO
PRESENTE**

Tese apresentada como requisito para obtenção do grau de Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: 26 de Agosto de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Luiz Pereira da Silva Neto – UFPel

Profa. Dra. Mary Sandra Guerra Ashton – Feevale

Prof. Dr. Emil Albert Sobottka – PUCRS

Profa. Dra. Lúcia Helena Alves Müller – PUCRS (orientadora)

Porto Alegre

2021

AGRADECIMENTOS

Uma tese de doutorado exige grande dedicação por parte do pesquisador. É um trabalho que envolve diversas áreas de conhecimento e, principalmente, por pessoas que auxiliam e indicam o melhor caminho. Por isso só tenho a agradecer pelas contribuições:

Aos meus familiares, pela compreensão, ensinamentos e valores da vida.

Agradeço aos colegas das Ciências Sociais pelo incentivo e apoio, à equipe do PPGCS, em especial a Rosane Andrade e ao corpo docente do programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUCRS por contribuir com meu aprendizado.

Agradeço à minha orientadora, Dra. Lúcia Helena Alves Müller, por ter me acolhido e contribuído para o desenvolvimento da tese, como também, me apresentar novos desafios e olhares.

Em memória, agradeço ao professor Dr. Airton Luiz Jungblut, por ter sido um ótimo orientador, me apresentar novos caminhos no estudo da antropologia da religião. Seus ensinamentos estarão sempre comigo e nas minhas pesquisas.

Agradeço a professora Dra. Diney Adriana Nogueira de Oliveira, pelo incentivo, apoio, confiança, mentoria, amizade e ajuda. Muito obrigada!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

RESUMO

A presente tese aborda a temática da peregrinação nos dias atuais no Caminho de Santiago de Compostela, Espanha. O estudo apresenta, de forma sucinta, a história do Caminho, o meu relato etnográfico sobre a experiência na peregrinação e, através do olhar antropológico, as relações existentes no mercado de serviços oferecidos na comunicação, na alimentação, na hospedagem, nos transportes, nas agências de viagens e nas diversas lojas de presentes e souvenirs. O objetivo do trabalho é compreender o que está ocorrendo no mundo atual, mais precisamente, nas peregrinações, analisando através do método etnográfico a peregrinação pela rota portuguesa no Caminho de Santiago de Compostela, que se tornou um atrativo turístico consolidado, com um grande consumo no âmbito cultural, social e econômico, além de trazer uma reflexão sobre o corpo, sobre as experiências da dor, do cansaço, dos limites, angústias e superações no espaço de sacrifícios em função do sagrado e da fé, das motivações e das reflexões pós caminho. Busco verificar como a peregrinação à Compostela tem modificado a vida e o olhar destes peregrinos através da superação corpórea. Os problemas corporais, como as dores musculares, dores nos pés entre outros, tem ajudado os peregrinos em suas evoluções espirituais? Apresento, como esses peregrinos narram suas motivações, seus sacrifícios pessoais durante a jornada e quais foram suas aprendizagens e avaliações no pós-caminho.

Palavras-chave: peregrinação; Santiago de Compostela; etnografia; religião e turismo.

ABSTRACT

This thesis approaches the theme of pilgrimage in the current days on the Camino to Santiago to Compostela, Spain. The study succinctly presents the history of the Way, my ethnographic report on the experience of the pilgrimage and, through an anthropological perspective, the relationships existing in the market of services offered in communication, food, accommodation, transport, travel agencies and the various gifts and souvenirs shops. The objective of the work is to understand what is happening in the current world, more precisely, in pilgrimages, analyzing through the ethnographic method the pilgrimage along the Portuguese route on the Camino to Santiago to Compostela, which has become a consolidated tourist attraction, with a large consumption in the cultural, social and economic scope, in addition to bringing a reflection on the body, on the experiences of pain, fatigue, limits, anguish and overcoming in the space of sacrifices due to the sacred and faith, motivations and post-path reflections. I seek to verify how the pilgrimage to Compostela has changed the life and outlook of these pilgrims through bodily overcoming. Have bodily problems, such as muscle pain, foot pain, among others, helped pilgrims in their spiritual evolution? I present how these pilgrims narrate their motivations, their personal sacrifices during the journey and what were their learning and evaluations after the journey.

Keywords: Pilgrimage; Santiago de Compostela; Ethnography; Religion and Tourism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 01 –	Evolução história de Santiago de Compostela.....	29
Figura 1 –	Reunião dos peregrinos.....	37
Figura 2 –	Entrega da minha credencial.....	37
Figura 3 –	500 pessoas no II Caminho de Porto Alegre.....	48
Figura 4 –	Catedral de Santiago de Compostela.....	54
Figura 5 –	Fachada <i>Hostel</i> cidade do Porto.....	61
Figura 6 –	Xícara de café com leite e pastel de Belém.....	63
Figura 7 –	Pequena vila de moradores.....	69
Figura 8 –	Montanha Labruja, Portugal.....	70
Figura 9 –	Frente Igreja de Íria Flavia.....	94
Figura 10 –	Lateral Igreja de Íria Flavia e o cemitério.....	95
Figura 11 –	Último jantar em Santiago de Compostela.....	109
Quadro 2 –	Impacto negativo e positivo no Caminho.....	112
Figura 12 –	Prato do peregrino com entrada e prato principal.....	122
Figura 13 –	Pratos típicos da Galícia.....	126
Figura 14 –	Estante para sapatos e quarto do Albergue.....	129
Figura 15 –	Possibilidades de transporte.....	133
Figura 16 –	Site de uma agência de viagens.....	141
Figura 17 –	Variedade de <i>souvenirs</i> na loja em Santiago de Compostela.	143
Quadro 3 –	Os tipos de sacrifícios.....	156
Quadro 4 –	As aprendizagens do Caminho.....	169
Figura 18 –	Caminho Português, pedras espalhadas pelo muro.....	172

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACASARGS	Associação dos Amigos do Caminho de Santiago de Compostela do Estado do Rio Grande do Sul
FRENTUR	Frente Parlamentar do Turismo da Câmara Municipal de Porto Alegre
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	PERCURSOS METODOLÓGICOS	12
1.2	ESTRUTURA DA TESE	17
2	PEREGRINAÇÃO	19
2.1	SIGNIFICADOS DA PEREGRINAÇÃO	19
2.1.1	O que é uma peregrinação para quem a realiza?	23
2.1.2	O que é ser um peregrino?	25
2.2	A PEREGRINAÇÃO NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA	26
3	APROXIMAÇÃO AO CAMPO.....	31
3.1	A ASSOCIAÇÃO DOS PEREGRINOS: Acasargs	33
3.2	BEATRIZ: A DIRETORA DA ACASARGS	41
4	EXPERIÊNCIA NO CAMINHO DE PORTO ALEGRE	46
5	O CAMINHO DE SANTIAGO DE COMPOSTELA.....	54
5.1	JANETE: A ORGANIZADORA DO GRUPO	56
5.2	MARIA FERNANDA: A QUE FOI EM BUSCA DE RESPOSTAS	84
5.3	JANA: A PEREGRINA ALEMÃ.....	86
5.4	PATRÍCIA: ESTAVA ELA EM PENITÊNCIA?	90
6	A PEREGRINAÇÃO COMO MERCADO DE SERVIÇOS.....	110
6.1	A COMUNICAÇÃO	117
6.2	A ALIMENTAÇÃO.....	121
6.3	A HOSPEDAGEM.....	126
6.4	OS TRANSPORTES.....	131
6.5	AS AGÊNCIAS DE VIAGENS E SERVIÇOS.....	136
6.6	AS LOJAS DE PRESENTES E <i>SOUVENIRS</i>	141
7	O OLHAR DO CAMINHANTE E SUAS EXPERIÊNCIAS	146
7.1	AS MOTIVAÇÕES.....	146
7.2	OS SACRIFÍCIOS PESSOAIS.....	154
7.3	AS APRENDIZAGENS PÓS CAMINHO.....	164
7.4	QUAL FOI O MEU LUGAR NO CAMPO?	170
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	174
	REFERÊNCIAS.....	181
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....	189

1 INTRODUÇÃO

“[...] a peregrinação encontra-se entre o tipo de experiências que... só se podem entender... passando por elas... se alguém quer realmente saber o que é a peregrinação deveria pôr-se a caminho.” (CARDITA, 2012, p. 196).

Foi exatamente isso que eu fiz. Ao escolher o tema em uma pesquisa para o campo antropológico, teria que me por á caminhar e descobrir o que esse trajeto poderia me contar. Esta tese de doutorado tem como tema as peregrinações no Caminho de Santiago de Compostela, Espanha, nos dias atuais.

Santiago de Compostela é considerada, por alguns, apenas como uma cidade da região de Galícia, na Espanha. Mas, para muitas outras pessoas, é um local de peregrinação cristão que, ao longo de mil anos, tem se consolidado, juntamente com as cidades de Roma e Jerusalém, como um lugar sagrado. Este local tem atraído muitos peregrinos, tornando-se, também, um produto comercial que foi incorporado ao mercado turístico.

A peregrinação à Compostela se reinventou como um roteiro turístico religioso, através da organização de itinerários, serviços variados encontrados ao longo das rotas, além de contribuir com o desenvolvimento das cidades e vilarejos por onde os peregrinos passam. Percebe-se que o “Caminho” não é só um local de passagem, mas um trajeto que produz envolvimento cultural e transações econômicas. A motivação central para a realização dessa experiência foi a necessidade de observar mais de perto as interações existentes entre peregrinação e turismo.

O caminho de Compostela é algo muito tangível, que tem relação com ver, ouvir, sentir, tocar e cheirar. Um deslocamento físico e interior, uma forma de compreender o ser humano, as suas buscas, e abordar o sentido das peregrinações e do turismo religioso, como também a relação com a espiritualidade e a crescente religiosidade que possibilita uma nova forma de buscar a fé.

Como Bacharel em Turismo, busco compreender ao longo destes anos de estudos no mestrado e agora no doutorado, as movimentações em torno dos vários setores que compõe o turismo e, percebi que é crescente a busca pelo turismo religioso para os vários locais no mundo. Ao realizar o mestrado nas Ciências Sociais, a pesquisa possibilitou um estudo melhor na área das entrevistas e narrativas, buscando enfocar o turismo e as viagens. Para a realização do

doutorado, me aprofundi na área do turismo religioso por compreender que as peregrinações tem sido o foco de muitas pessoas, e o Caminho de Santiago de Compostela tem tido grande procura por ter sentido religioso, místico e turístico. Essa constatação foi um dos fatores para a escolha de meu tema de estudo para essa tese.

Foi no ano de 2019, que decidi percorrer o chamado Caminho português, acompanhando um grupo de três mulheres brasileiras. Ao longo deste texto, trago para pensar a pluralidade das experiências e trajetórias dessas mulheres que estiveram comigo por sete dias na peregrinação buscando compreender por meio das suas trajetórias a forma como elas percebem, pensam, sentem e organizam suas vivências na pluralidade de sentidos da peregrinação.

O objetivo do trabalho é compreender o que está ocorrendo no mundo atual, mais precisamente, nas peregrinações, analisando através do método etnográfico a peregrinação pela rota portuguesa no Caminho de Santiago de Compostela, que se tornou um atrativo turístico consolidado, com um grande consumo no âmbito cultural, social e econômico, além de trazer uma reflexão sobre o corpo, sobre as experiências da dor, do cansaço, dos limites, angústias e superações no espaço de sacrifícios em função do sagrado e da fé, das motivações e das reflexões pós caminho.

Busco verificar como a peregrinação à Compostela tem modificado a vida e o olhar destes peregrinos através da superação corpórea. Os problemas corporais, como as dores musculares, dores nos pés entre outros, tem ajudado os peregrinos em suas evoluções espirituais? A dimensão sagrada existente nas peregrinações, que levam homens e mulheres a praticarem as suas caminhadas impulsionadas por questões espirituais e/ou religiosas, e que fazem mágicas para alcançar seus objetivos e ganhos (ROSENDAHL,2014), tem realmente algum significado? As histórias de vida desses homens e mulheres nos darão os sinais para a interpretação destes significados.

Às formas como o indivíduo se relaciona com o sagrado são expressas na noção de corpo saudável, que compreendem seus corpos como o lugar privilegiado de conexão com o mundo e principal meio de aperfeiçoamento de si (TONIOL, STEIL, 2011, p.30). As mudanças na forma de relação existente entre os peregrinos e seus corpos são percebidas nas maneiras como buscam cuidados específicos,

preferindo uma caminhada em harmonia com o ambiente, deixando o sofrimento de lado.

Os estudos sobre o sacrifício corpóreo na peregrinação são ainda pouco explorados. A partir desta percepção, busco realizar esta pesquisa com o auxílio dos textos de Carlos Alberto Steil e Rodrigo Toniol (2011), que trazem à tona uma complexa “trama de interesses, motivações, sentimentos e sensações do ato de caminhar junto à natureza” (STEIL; TONIOL, 2011, p.29).

Alguns estudos (CARNEIRO, 2003; STEIL, 1998, 2000, 2003) foram realizados tendo as peregrinações de Santiago de Compostela como tema, e alguns trouxeram dicotomias entre a peregrinação e o turismo. Acredito que existam mais semelhanças do que diferenças, pois muitas pessoas pensam e se comportam da mesma forma, independentes de serem peregrinos ou turistas. Através das trajetórias das peregrinas, trago três categorias que serão pensadas ao longo do trabalho, como as motivações, os sacrifícios e as aprendizagens pós caminho.

A diversidade de experiências e olhares relativos a esta atividade se entrelaçam e nem sempre os seus contornos são bem delineados. Pautada nas trajetórias desses peregrinos, as experiências são contadas conforme seus olhares e vivências. O que dizem essas narrativas? O que expressam esses conteúdos narrativos sobre a peregrinação?

1.1 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Esse trabalho é uma pesquisa etnográfica (LÉVI-STRAUSS, 2012; PEIRANO, 1992; DAMATTA, 1974) de cunho qualitativo, que busca descrever, observar e entender os fenômenos sociais e culturais de um grupo ou de indivíduos. Esse trabalho de campo permite que o pesquisador, em um primeiro momento, tenha a atitude de estranhamento e/ou exterioridade em relação ao objeto, que provém da presença de sua cultura de origem em confronto com a nova cultura estudada. É uma forma do pesquisador entrar em contato com o universo do grupo estudado, em uma relação de troca e entendimento.

Para a realização desse trabalho, foram realizadas entrevistas (LAKATOS; MARCONI, 2010), com a intenção de averiguar fatos ocorridos, conhecer mais sobre a opinião das pessoas, conhecer o sentimento que a peregrinação passa para as pessoas, entre outras. Essas entrevistas foram realizadas com pessoas que

participavam das reuniões da Associação dos peregrinos em Porto Alegre, entrevistas com pessoas que fazem parte dos grupos nas redes sociais- *Facebook*, como também, foram observadas as peregrinas que faziam parte do grupo durante a peregrinação.

O presente trabalho se desenvolveu em três etapas. A primeira foi a da minha inserção no grupo de peregrinos que frequenta a Associação dos Amigos do Caminho de Santiago de Compostela do Estado do Rio Grande do Sul (Acasargs) - com o objetivo de compreender melhor como se dá o contato das pessoas com o Caminho de Santiago de Compostela, através das motivações que podem ser pela fé, status, turismo de passeio, para conhecer pessoas ou pelo aprendizado pessoal, e também como as informações sobre esse caminho são divulgadas e quais os serviços prestados aos caminhantes.

Na internet, busquei informações mais gerais e encontrei blogs, documentários, sites pessoais com narrativas e fotografias que contribuíram para a minha compreensão do que envolve uma peregrinação. Também tive acesso aos grupos existentes nas redes sociais, com ênfase no *Facebook*, podendo assim, trocar mais informações e conhecer pessoas. Destacaria esse primeiro momento como um exercício exploratório em que pude me conectar com uma rede de pessoas que me auxiliou na inserção no universo peregrino.

A segunda etapa foi à participação em uma peregrinação realizada na cidade de Porto Alegre em 2018, organizada pela Associação Acasargs e pela Frente Parlamentar do Turismo da Câmara Municipal de Porto Alegre (FrenTur), com o objetivo de divulgar o Caminho de Compostela e, também, incentivar as pessoas a caminharem mais, praticarem exercícios e se envolverem mais com a natureza.

A última fase da pesquisa foi a da peregrinação, a pé, a Santiago de Compostela, em que utilizei a observação participante (MALINOWSKI, 1986), que tem como preocupação detalhar os indivíduos estudados através de uma observação mais apurada sobre os diferentes caminhos, como a cultura e o cotidiano, referido à coleta de narrativas e trajetórias típicas, expressões, sentimentos e comportamentos. Essa forma de observação, permite ao pesquisador observar mais de perto os grupos estudados em suas particularidades a fim de reconstruir fielmente a vida de cada um deles. A investigação minuciosa dos grupos sociais, e contextualizando-os em seu tempo e espaço, possibilita alcançar novos conhecimentos.

Ao escolher esse método de pesquisa, tive que acompanhar esse grupo de mulheres que realizaram sua peregrinação, em outubro de 2019, entre a cidade de Ponte de Lima (Portugal) e a cidade de Santiago de Compostela (Espanha). Colhi uma série de informações, participando do dia a dia de um grupo de quatro peregrinas e sentindo na pele o ambiente do Caminho de Compostela.

A decisão de realizar um dos percursos de peregrinação deve-se ao fato de me parecer imprescindível, como antropóloga, acompanhar por um período um grupo que vivesse a experiência, para assim compreender as vivências, as dificuldades, os anseios, as emoções e as formas de contato com a oferta de serviços existentes ao longo de todo o percurso da peregrinação.

O *corpus documental* selecionado para a realização da tese consiste em trabalhos acadêmicos, de diversas outras áreas do conhecimento, relacionados a diversos percursos e locais de peregrinações e viagens turísticas com motivação religiosa, pois esse tipo de mobilidade ou deslocamento têm crescido de forma expressiva pelo planeta.

Durante os três primeiros anos de doutorado, realizei leituras, pesquisas na internet e participei de reuniões da Associação dos peregrinos, assisti documentários e filmes que trazem os diversos olhares sobre a peregrinação a Santiago de Compostela, além de participar da peregrinação local em Porto Alegre, em 2018.

Uma grande parte da pesquisa bibliográfica foi coletar material associado ao Turismo Religioso, a História das Religiões, obras com referências ao Sagrado e Profano, e sobre o corpo, tentando assim, encontrar referências sobre as peregrinações. Alguns estudos sobre peregrinação, viagens e turismo têm assumido a divisão durkheimiana entre sagrado e profano como chave de leitura, situando os viajantes e turistas do lado do profano e os peregrinos do sagrado (TONIOL; STEIL, 2016).

Através do desenvolvimento da tese foi possível observar que são poucos os trabalhos publicados na área da antropologia sobre a peregrinação à Santiago de Compostela relacionada ao corpo como forma de sacrifício.

Os primeiros estudos sobre o Turismo na área da Antropologia estiveram presentes através da aproximação existente entre o turismo, viagem e peregrinação, estudado por Nelson Graburn (2009), que parte da experiência do peregrino que estabelece uma semelhança entre a experiência turística e a experiência do sagrado

como momentos extraordinários em relação à vida cotidiana. Para Victor e Edith Turner (1974, p. 20), as diversidades das motivações e de estilos de vida dos que ocorrem para os grandes santuários cristãos por eles estudados, levando a crer que “todo turista é meio peregrino e todo peregrino é meio turista”.

Como referência nos estudos de Antropologia, um dos poucos livros publicados sobre o tema foi o livro *A pé e com fé: brasileiros no Caminho de Santiago*, de Sandra de Sá Carneiro (2003). Nesta publicação, a autora traz uma análise sobre as práticas peregrinas e uma dimensão na religião contemporânea. Este trabalho possibilitou uma melhor compreensão das necessidades e escolhas dos peregrinos brasileiros que percorreram o Caminho Francês.

Os demais trabalhos encontrados foram artigos que tratam dos sacrifícios, das motivações e das narrativas. Encontrei algumas dissertações e pouquíssimas teses, sendo a maior parte de Universidades de Portugal e Espanha. Os artigos de Carlos Alberto Steil e Rodrigo Toniol (1997, 2000, 2011) trazem um estudo e olhar sobre as peregrinações no Brasil em pesquisas focadas nas interfaces com o turismo, abordando as trajetórias e as experiências dos peregrinos nos diversos caminhos brasileiros.

Analisando as manifestações sobre *o Sagrado e o Profano* de Mircea Eliade (1992), que é um marco para a história das ciências da religião, faz-se necessário chamar a atenção para o conceito de sagrado. Embora muitos estudiosos tenham se dedicado sobre o estudo desse fenômeno, temos que considerar que não há uma definição exata sobre o sagrado.

O corpo é um organismo vivo, que está submetido aos critérios do sagrado e profano. A sacralidade do corpo está ligada ao sacrifício. Com os estudos sobre corporalidade, isto é, o corpo como parte integrante e significativa da vivência peregrina, tomo como referência os trabalhos de Marcel Mauss (1974), Thomas Csordas (2008) e David Le Breton (2009) entre outros.

O turismo tem movimentado ao longo dos anos muitos setores na economia, criando assim um mercado com demandas e regras próprias. O mercado de produtos e serviços em torno da peregrinação a Compostela teve grande crescimento após o governo espanhol incentivar o empreendedorismo na região. Para compreender o mercado e as relações existentes entre os agentes e os peregrinos, recorrerei aos estudos de Viviane Zelizer (2005) sobre circuitos, noção que

pressupõe a participação ou cuidado, respeito, negociação. Em suma, arranjos para que os negócios sejam considerados legítimos.

Em relação às entrevistas:

- A primeira entrevista foi realizada com Beatriz (diretora da Acasargs e peregrina), no dia 30 de maio de 2018, final do dia, por volta das 17h, no Instituto Cervantes em Porto Alegre, e foram realizadas perguntas diretas e específicas.

- Também, realizei vinte e cinco entrevistas (LAKATOS; MARCONI, 2010) com pessoas envolvidas com esse tipo de atividade para me preparar para meu trabalho de campo. Essas entrevistas serviram como um pano de fundo para a minha ambientação sobre o tema. Elas foram realizadas na Associação e também nos grupos de peregrinos nas redes sociais – *Facebook* ao longo de 2018 e 2019. Para as entrevistas realizadas nas redes sociais e na Associação, utilizei entrevistas livres, e com pouco interação da minha parte. Nesses anos de pesquisa, observei a grande procura pelas peregrinações ou pela realização das longas caminhadas por todo o tipo de pessoa, como uma forma de se “reconectar” com a natureza ou como uma busca por uma vida saudável por meio da incorporação de novos hábitos das quatro peregrinas. Algumas entrevistas foram realizadas em locais como cafeterias, na Associação dos Peregrinos e via internet.

- Já na Europa, ao longo da minha caminhada pelo trajeto Português, por uma semana eu convivi com três brasileiras e uma alemã. Foram sete dias intensos, repletos de muitas risadas e companheirismo. Durante o caminho, procurava, com frequência, acompanhar outros grupos, como também conversar com os moradores locais e prestadores de serviços. É importante ressaltar que acompanhei de forma discreta as conversas dos caminhantes, nos mais diversos locais, como em cafés, restaurantes, na Oficina do Peregrino, entre outros ambientes pelos quais passei. Durante o meu percurso, optei por registrar os relatos em um diário de campo para não influenciar as conversas e, assim, deixar as pessoas mais livres

A escolha em trabalhar com essas quatro trajetórias, foram construídas através da convivência, conversas e vivências ao longo do Caminho. Normalmente, os primeiros contatos eram estabelecidos com base em comentários sobre amenidades do dia a dia. Já as entrevistas realizadas em Porto Alegre, com pessoas que já tinham realizado as peregrinações foram gravadas, e duraram em média uma hora. Para essas entrevistas, utilizei roteiros semiestruturados, com a intenção de

conhecer as motivações para a realização da peregrinação, como foi a relação com a Acasargs, como se deu a realização do percurso e como foi a chegada ao Santuário de Santiago.

Ao longo das demais entrevistas, percebi que ao deixar as pessoas narrarem livremente, os melhores detalhes das experiências eram contados. O caderno de notas foi importante para descrever os momentos tristes, os olhares e as formas como eram narradas as histórias. Também escrevi em forma de relatório informações sobre o trajeto escolhido, as minhas impressões e experiência sobre o que via em relação aos serviços, as trilhas, as relações pessoais e as comidas.

A partir das primeiras entrevistas realizadas nos dois anos iniciais do doutorado, e do trabalho de campo realizado no Caminho de Santiago, percebi que muitas dessas trajetórias eram histórias de vida (LANGNESS, 1973; POIRIER, 1995) de pessoas que realizaram várias vezes as peregrinações. Tentei compreender os sentidos da realização dessas peregrinações recorrentes, observando os motivos e as consequências de cada jornada.

1.2 ESTRUTURA DA TESE

A tese está dividida em :uma introdução, seis capítulos e a conclusão.

Na Introdução, trago a apresentação do tema, a abordagem metodológica e a estrutura da tese.

O capítulo dois, “Peregrinação”, foi elaborado para compreender os diversos significados das peregrinações ao longo dos tempos através de diversos olhares. Na sequência, trago uma perspectiva histórica da peregrinação a Santiago de Compostela a partir da narrativa sobre o Apóstolo Tiago.

O capítulo três, “Aproximação ao campo”, inicio descrevendo a minha aproximação com a Associação do Peregrinos em Porto Alegre e o meu contato com a diretora Beatriz, que também narra as suas experiências nos diversos percursos já realizados.

O capítulo quatro, “Experiência no Caminho de Porto Alegre”, descrevo a minha experiência na caminhada na cidade de Porto Alegre realizada pela Acasargs e pela FrenTur, como forma de divulgar o caminho de Santiago de Compostela através de uma pequena amostra do que é uma peregrinação.

O capítulo cinco, “O Caminho de Santiago de Compostela”, descrevo a minha experiência da peregrinação a Santiago de Compostela através do caminho português. Também apresento as trajetórias de quatro peregrinas que estiveram comigo em sete dias consecutivos de caminhada.

No capítulo seis, “O consumo de bens e serviços”, busco descrever os serviços prestados aos peregrinos e turistas, referentes à comunicação, hospedagem, alimentação, transportes, serviços oferecidos por agências de viagens e lojas de *souvenirs*. Esses são serviços essenciais para quem faz o caminho e também para incluir a população local no circuito econômico da peregrinação.

O capítulo sete, “O olhar do caminhante e suas experiências”, através da observação participante e das trajetórias dos peregrinos e caminhantes, é possível compreender as diversas motivações, os sacrifícios pessoais e as diversas aprendizagens pós-caminho e o meu lugar no campo.

Para encerrar a tese, serão apresentadas as reflexões feitas ao longo do estudo. Também serão apresentadas questões ainda sem respostas, que me estimulam a continuidade desse estudo.

2 PEREGRINAÇÃO

Neste capítulo foi abordado o significado de peregrinação pela literatura, na visão de quem participa deste tipo de evento e o que é ser um peregrino.

2.1 SIGNIFICADOS DA PEREGRINAÇÃO

Através da minha pesquisa bibliográfica, identifiquei uma variedade de significados no que se refere ao termo peregrinação que me auxiliaram a compreender melhor essa prática milenar. O desafio de deixar de lado a vida cotidiana e partir em busca de uma aventura, ir ao encontro da sabedoria ou acreditar que o simples peregrinar faz bem para a mente e para a alma, são algumas das razões que levam milhares de pessoas a andar pelo mundo em busca de locais sagrados. A viagem como devoção é um fenômeno social que diz respeito à história, à geografia, à cultura e ao turismo.

Segundo o dicionário a palavra “peregrinação” vem do latim *peregrinatione*, o ato de realizar penosas movimentações por vários lugares, ou viagem feita a um lugar de devoção, viajar a lugares santos (FERREIRA, 1986). Já a palavra *peregrinus* está relacionada à pessoa que peregrina, o estrangeiro, a pessoa que está em movimento. No mundo romano, e do ponto de vista profano, o peregrino é aquele que é considerado estrangeiro. O significado passa a ter um componente religioso a partir do século XI, quando a peregrinação passou a designar uma viagem individual ou coletiva a um lugar sagrado, realizada por motivos religiosos e com espírito de devoção (PEREIRA, 2003).

Em termos etimológicos, peregrinação, está relacionada com o estrangeiro, com aquele que não pertence ao lugar por onde passa, e cujo encontro com o outro produz estranhamento. Mas, esse encontro está, muitas vezes, está focado no próprio eu. Como sugeriu Carneiro (2003, p. 4) “[...] a peregrinação é comumente vista como uma busca universal de si.”.

O termo peregrinação tem sido utilizado para descrever as diversas experiências históricas de deslocamentos espaciais motivados pela devoção religiosa. Antes mesmo de a palavra existir, a prática já estava presente na vida do homem, pois é possível encontrar provas de peregrinações nos monumentos

megalíticos (ROUSSEL, 1956), que até hoje atraem milhares de pessoas em diversos lugares do mundo considerados sagrados. Esses lugares podem estar localizados em grutas, montanhas, fontes, sítios onde existam relíquias (roupas, objetos, ossadas), túmulos de santos ou mártires, entre outros.

A peregrinação existe em todas as crenças religiosas (ROUSSEL, 1956), talvez não como um fenômeno universal, mas como um fenômeno alargado que acompanhou diversas culturas ao longo dos milênios, como é o caso da antiga civilização egípcia, dos hebreus, dos hindus e dos budistas.

Na Antiguidade Clássica, os gregos e os romanos faziam peregrinações aos santuários locais acompanhadas de grandes festas religiosas. A peregrinação, como ritual, também faz parte da cosmologia das religiões mundiais: judaísmo, islamismo, budismo, hinduísmo (STEIL, 2018). Coleman e Eslner (1995) também mostram a existência da prática da peregrinação em outras religiões, como o islamismo, budismo, judaísmo e hinduísmo. Essas religiões buscam nas peregrinações expressar suas crenças e valores através dos seus rituais.

No hinduísmo, as peregrinações ocorrem como um ato de devoção. A Índia conta com inúmeros templos e cidades que são consideradas sagradas. Segundo a tradição hindu, todo fiel deve mergulhar, pelo menos uma vez na vida, nas águas do rio Ganges, um dos locais mais sagrados para os seguidores dessa religião (MORINIS, 1984).

No budismo, conforme dados históricos, Buda permitiu a peregrinação, como uma antecipação da necessidade de preencher o vazio emocional. Buda teria permitido a peregrinação ao local de seu nascimento, local de sua iluminação e, ao local de seu primeiro discurso aos monges. Hoje em dia, existem inúmeros templos que são focos de peregrinações com intenção de buscar a iluminação pregada por Buda (GIRA, 1992).

De acordo com a religião judaica, todos os judeus deveriam ir a Jerusalém em datas especiais, como Páscoa, Pentecostes e festas dos Tabernáculos. A peregrinação era celebrada como um sinal litúrgico da natureza escatológica e como recordação do nomadismo no deserto. Ainda hoje, Jerusalém recebe peregrinos de todos os locais do mundo nas datas religiosas (ASHERI, 1995).

Os muçulmanos devem realizar a sua peregrinação a Meca, uma vez na vida. Ao entrarem nessa cidade, precisam se vestir com uma roupa especial, como uma forma de purificação. Existe diversos rituais durante o *Hajj*, incluindo a escalada do

monte Arafat, onde o profeta *Muhammad* teria realizado o seu último sermão, e o local do apedrejamento da estrela que simboliza o demônio (NEIF, 1996).

Segundo alguns autores, nos locais por onde passam os caminhos para Compostela, existem provas arqueológicas de uma peregrinação muito mais antiga do que a cristã. Nesses caminhos, os povos celtas celebravam rituais ao sol e os romanos utilizavam essas rotas para se locomoverem até a cidade de Finisterre, o local que eles acreditavam ser o fim do mundo, por sua posição geográfica (CARNEIRO, 2007).

Na Idade Média, as principais rotas de peregrinações cristãs foram: o Caminho para Roma, que levava os peregrinos, chamados de *romeiros* até o mausoléu de São Pedro; o Caminho de Jerusalém que leva aos lugares sagrados da vida de Jesus, percorrido pelos *palmeiros*; e o Caminho de Santiago de Compostela, que é percorrido pelos *peregrinos*. Para Singul (1999, p. 57), uma das fontes medievais mais interessantes sobre a vivência da peregrinação é Dante Alighieri. O escritor toscano define, na *Vita Nuova*, cap. XL (1293), que romeiro é aquele que vai a Roma por devoção; palmeiro, o que vai a Jerusalém, para orar nos Santos lugares; e peregrino, o que vai à Casa de São Tiago, na Galícia, ou retorna dela.

Hoje, as peregrinações movimentam grandes grupos de pessoas que buscam empresas especializadas para viajarem a lugares considerados religiosos, como uma forma de contato com a espiritualidade. O Caminho de Santiago de Compostela é uma rota que atrai milhares de pessoas que a consideram um percurso de descobertas e mudanças para as suas vidas.

As empresas de turismo organizam grupos para as romarias, que hoje são consideradas peregrinações de curta distância, que tem como objetivo buscar uma graça em um local sagrado. Muitas vezes, além do trajeto, a romaria envolve festas, cantos e procissões religiosas.

As Festas Sagradas atraem muitas pessoas de todos os lugares, são muito populares, especiais aos devotos comuns a diversas religiões. Na religião cristã, temos a encenação da Paixão de Cristo como uma grande comemoração.

A peregrinação pode ter muitos objetivos como cumprir uma promessa, conhecer a si mesmo, ter uma maior conexão com a natureza ou mesmo ir em busca de sua espiritualidade. Dentro da peregrinação existe a penitência como um sacrifício de cunho religioso que pode ser realizado através do jejum, de votos de

silêncio, do autoflagelo como o de andar de joelhos durante o percurso. Esse tipo de peregrinação tem se popularizado nos últimos anos em vários locais.

Atualmente, a prática da peregrinação continua a ser associada à religião, sendo realizada em razão da devoção a um local sagrado. Para Steil e Toniol (2011), a peregrinação atual é vivida como uma experiência terapêutica em que a atividade física e corporal se mostra como a porta de acesso às questões da alma e do espírito. O ser humano é uma totalidade entre corpo e alma, matéria e espírito.

Mas, peregrinar não é somente isso. Existem atualmente muitas peregrinações de pessoas e grupos que buscam vivenciar a experiência de ver seus ídolos ao vivo. São as pessoas que saem pelo país ou pelo mundo com o intuito de assistir a shows de artistas ou participar de eventos e festivais. Vencem sacrifícios, superam adversidades como a fome, o frio, pouco sono, falta de higiene e desconforto, mas sempre voltam felizes e com uma história para contar.

Ao procurar mais informações sobre as diversas formas de peregrinações, encontrei estudos que relatam peregrinações aos locais de cultos *animitas*¹ que estão presentes na cultura católica chilena. É uma forma de peregrinação em busca apenas das relíquias deixadas no local.

A veneração de relíquias remonta à Idade Média, quando o corpo e os objetos atribuídos aos santos eram venerados. Em tempos modernos, podemos perceber que este fenômeno mudou de forma, mas está ali presente. Pessoas se deslocam muitas vezes para conhecer e estarem nos locais onde seus ídolos viveram e frequentaram. Fãs santificam locais mundanos por relacioná-los com pessoas famosas. Existe o deslocamento físico e a devoção.

Podemos citar uma infinidade de locais de peregrinações pelo mundo, com propósitos completamente diversos. Temos os museus, livrarias (Livraria de Shakespeare and Company, em Paris), a casa de Elvis Presley, a fazenda de Michael Jackson, Igrejas, grandes monumentos históricos, locais sagrados como Roma, Jerusalém, Meca, Pachu Pichu, Canterbury, cemitérios, como o Père Lachaise, em Paris, que possui a sepultura do roqueiro famoso Jim Morrison, do escritor Molière, de Honoré de Balzac, Oscar Wilde, o espírita Allan Kardec, entre muitas outras figuras veneradas. São locais de manifestações, que passaram a ser

¹ É uma decoração religiosa no local de um falecimento, com cruces, velas, cartazes, etc., que passa a configurar como um espaço de orações e contato com a aura da vítima. Não existe um corpo enterrado no local, mas torna-se um local de devoção. (MASCARENHAS, 2016).

vistos como locais de grande consumo pelos fãs e fiéis. Os fãs e fiéis passaram a ser vistos como agentes mantenedores dos sistemas de classificação social e hierarquias existentes, além da existência do consumo cultural.

Neste trabalho, foquei nas peregrinações contemporâneas a Santiago de Compostela, que constituem um roteiro com significados cristãos, místicos e turísticos. Desde a sua origem, a palavra peregrinação significa movimento, deslocamento no espaço, como o objetivo conhecer novos lugares, mas também como um movimento interior, um esforço intelectual, emocional e físico em que o peregrino sai de si mesmo para compreender a si mesmo. É o caminhar no sentido religioso ou espiritual, em busca de uma fé, como provação ou penitência.

2.1.1 O que é uma peregrinação para quem a realiza?

Em algumas reuniões que participei na Acasargs, percebi que existem várias opiniões sobre o que é uma peregrinação e qual a forma correta de realizá-la. Presenciei algumas discussões que tiveram que ser acalmadas, pois cada um possuía uma convicção. Um grande número de pessoas acredita que o ato de peregrinar é uma forma de penitência, uma forma de obter indulgência.

Especificamente aqueles que já realizaram diversas peregrinações se veem como bons conhecedores e não aceitam com muita facilidade a opinião de outros. Para eles, o peregrinar é sofrimento. E quando outras pessoas buscam o Caminho com uma outra visão, são tratados com indiferença, como se não fossem peregrinos, sendo chamados muitas vezes de *turigrinos*². Essas discussões também podem ser observadas nas redes sociais, nas páginas do *Facebook* e também nas páginas pessoais, onde fica mais fácil a comunicação e a troca de opiniões.

Durante a minha experiência no Caminho de Santiago de Compostela, observei como as pessoas percebem sua experiência de peregrinação. Um exemplo é da peregrina, que estava sentada sozinha na mesa ao lado da nossa, e que ria de nossas conversas. Logo imaginamos que ela poderia ser brasileira. Ao falarmos com ela, descobrimos que era portuguesa e estava em peregrinação junto com sua irmã. O seu relato foi interessante:

² Junção das palavras “turista” e “peregrino”, pessoas que pulam fases utilizando os meios de transportes.

Estou acompanhando minha irmã, que agora foi a farmácia cuidar de suas bolhas. Ela está aqui por causa de seus pecados. Só estou indo junto para não a deixar só. Eu, não tenho tantos pecados assim para sofrer, risos (MARTA, 2019).

Percebe-se que algumas pessoas acreditam que a realização de uma peregrinação seja uma forma redimir pelos pecados cometidos, mas que isso não constitui um padrão familiar. A partir da minha observação, constatei que as mulheres, mais do que os homens são as que afirmam fazerem promessas, ou que buscam se penitenciar por algum erro cometido.

A peregrinação é uma experiência individual realizada pelos mais diversos motivos, como uma viagem cultural, como penitência, como uma forma de pagar uma promessa, como reconhecimento de um mérito espiritual e também como uma forma de conexão com a natureza. Para muitos viajantes, o significado de uma peregrinação tem o poder de apagar os pecados, através de seus sacrifícios e pela oração, conquistando assim, o perdão.

Enquanto estávamos no restaurante, após ouvirmos os relatos da peregrina portuguesa, um grupo de chinesas chegou ao hotel próximo dali. Observei aquela movimentação com atenção. O ônibus não estacionou próximo ao hotel por se tratar de um lugar íngreme e de difícil acesso, então, as peregrinas chinesas tiveram que subir a rua íngreme carregando suas malas pesadas. Todas pareciam exaustas. Faziam muita força para deslocar suas malas até o hotel. Ficamos surpresas com aquele acontecimento e percebemos que o grupo estava sendo guiado por uma agência de viagens que ao longo do dia carregava as malas entre os trechos do percurso e fazia todos os demais serviços (as reservas de bons hotéis, dos restaurantes, e os *transfers*). Ficamos imaginando o trajeto delas e porquê estariam ali. Seria apenas um turismo de massa ou turismo religioso? Não imaginei encontrar um grupo grande assim de chinesas no Caminho.

Até aquele momento, tinha visto pequenos grupos ao longo do trajeto. Apenas um grupo de seis pessoas de bicicleta e alguns homens do exército, que realizaram o caminho de farda. Um grupo grande, somente esse das mulheres chinesas.

Com as diversas facilidades existentes hoje em dia, a realização do percurso deveria ser mais leve, sem cobranças e punições. Mas, a busca vai depender do que a pessoa deseja encontrar. Observando de longe os outros peregrinos, com os quais eu não tive contato pessoal, percebi o grande esforço que eles faziam para

manter o ritmo e a rotina pesada da caminhada (acordar cedo, caminhar rápido, não comer muito, carregar uma mochila pesada). Seria essa uma forma de punição?

Do meu ponto de vista, sim. Mas, para muitos, tratava-se de um ritual que marcava o tempo e organizava o espaço, como algo sagrado. A finalidade de suas jornadas era interna, pessoal, em que os atos tinham significado. Tudo estava relacionado com o motivo de sua busca.

2.1.2 O que é ser um peregrino?

Para Cousineau (1999), o peregrino é o viajante que espera enfrentar uma jornada difícil para alcançar o centro sagrado de seu mundo. Peregrinar é alcançar o centro interno de nós mesmos, o chamado *self*. É ter consciência que em certo momento da vida é necessário sair em busca de se conhecer, se entender, se encontrar através da caminhada, superando todos os obstáculos para o aprimoramento do eu.

É se permitir estar nessa experiência corpórea, e vive-la plenamente, silenciando-se nas dores, meditando, orando, sentindo. É querer voltar para o conforto do seu lar e ter medo do desconhecido, mas, a cada passo, ter forças para aguçar a alma, sentir a natureza, sentir a brisa, o frio, o sol no rosto, fazendo amizades e cuidando das pessoas que também estão por perto.

O peregrino é aquele que caminha para dentro de si mesmo (*self*) como lugar de experiência autêntica. Seria uma espécie de divindade interior, o peregrinar a um lugar sagrado ou a um lugar que lhe é sagrado. Sendo assim,

As religiões do *self* vão produzir um deslocamento do 'estatuto de certificação da verdade' das mediações institucionais clássicas do campo religioso – igrejas, doutrinas e dogmas – para a experiência vivida pelo indivíduo como a instância última capaz de atestar a autenticidade do sagrado. (CARVALHO; STEIL, 2008, p. 290).

Para a pessoa se transformar em peregrino, primeiramente, deve vivenciar a verdadeira peregrinação, ou seja, deve se permitir viver a vida que se impõe, como uma preparação espiritual e emocional do *self* para, assim, estar preparado para as novas experiências. O peregrinar é uma viagem com a alma.

Ao pensarmos a comunicação a respeito do que é ser peregrino, do *self* e da experiência corpórea, destaca-se o quanto a natureza se faz importante e presente

na prática corporal. A natureza com seu aspecto rústico, possibilita o contato do peregrino com o sagrado ao permitir que seu espírito se transcenda. Segundo Toniol (2012), essa experiência do sagrado como via de acesso a “união autêntica entre o eu e a natureza” é o que transporta(rá) o sujeito de todos os tempos para dentro de si ao encontro do *self*.

Ser peregrino é se permitir viver uma experiência espiritual, em busca do centro sagrado, em que a alma faz uma viagem interior, uma imersão, no ato de profunda reflexão. Parafraseando Geertz (1983), o peregrino não ‘observa’, ‘sente’.

Mesmo fazendo algumas comparações sobre os peregrinos do passado com o presente, a intenção é compreender o peregrino de hoje que busca, por meios de suas crenças e fé, produzir significações para a sua própria existência, através da diversidade das situações que experimenta e em função de seus próprios recursos e posições.

2.2 A PEREGRINAÇÃO NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

No começo da minha pesquisa, através de textos, artigos, livros e até mesmo nos vários sites da internet, eu percebi que o Caminho de Santiago de Compostela tem sido foco de estudos de diversas disciplinas como o Turismo, a Geografia, a Antropologia e a Sociologia nos últimos anos. Esses estudos oferecem um amplo panorama de reflexões que permite compreender como este fenômeno tem sido constantemente reinventado e reinterpretado. A cidade de Santiago de Compostela se tornou um dos grandes centros peregrinos de toda a Europa e um dos principais centros de peregrinação na atualidade (STEIL, 2003), atraindo 347 mil pessoas, em 2019, sendo 51% de mulheres e 49% de homens, conforme os dados da Oficina do Peregrino³.

O Caminho de Santiago é palco de muitas aventuras e de histórias medievais que são contadas em poemas, diários e livros da Idade Média. Verdadeiras ou não, essas histórias têm mexido com o imaginário das pessoas e atraindo-as para experimentar novos sentimentos em qualquer dos caminhos existentes que se escolha para a sua jornada pessoal.

³ Oficina do Peregrino: local de entrega das Compostelanas e também de auxílio aos peregrinos. Possui controle mensal e anual do número de pessoas que buscam a compostelana. <https://oficinadelperegrino.com/>.

Desde que comecei a ler sobre o caminho de Compostela, tenho encontrado muitos textos acadêmicos, narrativas pessoais e livros que contam como tudo começou. Todas as lendas sobre esse percurso devem ser vistas como fruto do contexto histórico e da situação política de quando foram produzidas: a partir das disputas constantes entre os pequenos reinos medievais, da luta de poder entre a Igreja Católica e a ameaça do Islã com a invasão dos muçulmanos a todo o momento.

A missão de evangelizar os vários cantos do mundo sempre esteve destacada na missão dos apóstolos e da Igreja Católica, conforme alguns textos cristãos dos primeiros séculos. Alguns deles informam que, após a crucificação de Jesus, os apóstolos permaneceram em Jerusalém para organizarem suas pregações. Alguns dizem que Mateus foi para a Etiópia, Tomás e Simão para a Índia, Judas para a Pérsia, Bartolomeu para a Armênia e há indicações que Tiago, o Maior, tenha seguido para a Espanha e, depois voltado para a Judéia (CARNEIRO, 2003).

Mas quem é Tiago, o Apóstolo? Tiago e seu irmão João seriam filhos de Zebedeu e Salomé. Nasceram na Galileia e, quando cresceram, seguiram os passos de seu pai como pescador. Um dia, os irmãos saíram cedo para a pesca, quando Jesus apareceu e ordenou que eles o seguissem. Com o passar do tempo, e com a dedicação dos irmãos, Jesus os convidou para serem apóstolos. Tiago tornou-se próximo de Cristo, sendo um dos poucos a presenciar a transfiguração e agonia de Jesus, além de muitos outros milagres. Os evangelhos deixam entender que se tratava de um homem fiel com um caráter impulsivo (SINGUL, 1999).

Muitos chamavam-no de Tiago Zebedeu, filho do trovão, por ter uma força em sua pregação que amedrontava os maus, excitava os preguiçosos, despertava a admiração de todos por sua profundidade. Etimologicamente, existem variações nominais para o nome Tiago, que pode ser James, Jacob, Giácomo, Jácomo entre outros, que têm origem no nome hebraico Jacó, que significa calcanhar. No grego significa aquele que lutou com Deus (VARAZZE, 2003).

As tradições orais da Alta Idade Média, contam que o apóstolo Tiago após a crucificação de Jesus, teria desembarcado na Galícia e seguido através das estradas romanas até Zaragoza, permanecendo por lá setes anos, onde fundou a devoção à Virgem Pilar (CARNEIRO, 2007). Como não conseguiu converter muitas pessoas ao cristianismo, voltou à Terra Santa em companhia de dois discípulos:

Teodoro e Atanásio (CARNEIRO, 2003; CARUNCHIO, 2011). Ao chegar à Terra Santa, o apóstolo Tiago foi preso e condenado à morte a mando do rei Herodes Agripa.

O apóstolo Tiago foi decapitado e seus restos mortais foram jogados fora dos limites da cidade. Seus discípulos conseguiram resgatá-los e os levaram de volta a Galícia, na Espanha, em um barco de pescadores, ancorando em uma região que levava até um bosque próximo de Finisterra (local mais ocidental da Península Ibérica). Naquela época, não havia perseguição aos cristãos, então, era possível enterrá-lo em segurança (SINGUL, 1999). Segundo a lenda, a tumba foi descoberta na região do bosque de *Libredón*, na região de Íria Flavia (atualmente Padrón, Galícia, Espanha).

No local onde, supostamente, os restos mortais do apóstolo Tiago chegaram, foi construída a Igreja de Santiago, na cidade de Padrón, a poucos metros do rio Sar. A pedra onde o barco teria sido amarrado está no subsolo da igreja, sendo possível tocá-la. O primeiro templo foi construído em 924 e, no ano de 1859, foi toda reconstruída, pois se encontrava em péssimo estado. Muitos são os peregrinos que chegam todos os dias a igreja para apreciar a pedra e carimbar a credencial. É, com certeza, um dos lugares que as pessoas não podem deixar de visitar em razão de sua história e por ser o final do trajeto que conforma a peregrinação.

Diz-se que, por volta de 820, os restos mortais de Tiago foram encontrados por um eremita chamado Pelayo, que relatou ter visto uma intensa “chuva de estrelas” que, por diversas noites seguidas, guiaram-no até a sepultura. Pelayo foi se aconselhar com o Bispo Teodomiro, que divulgou aos reis o fato de ter achado o túmulo do apóstolo Tiago. Após saber do achado, Afonso II, rei das Astúrias, imediatamente ordenou a construção de uma capela de pedra e de um mosteiro para 12 monges agostinhos. O nome de Compostela vem daí e significa “campo de estrelas”, aludindo à visão de Pelayo. Com a restauração do túmulo na Espanha, as peregrinações até a tumba do apóstolo começaram a crescer, sendo Afonso II, rei das Astúrias o primeiro a realizá-la (SINGUL, 1999).

O movimento massivo de peregrinos na Idade Média foi seguido por um longo período de crise, motivado pelas guerras e conflitos religiosos que dividiram o continente europeu durante séculos. Com tantos conflitos, os restos mortais do Apóstolo foram escondidos para protegê-lo dos ataques constantes na região.

Conta-se que o caixão foi reencontrado no século XIX, após uma restauração na Catedral, exatamente no período de crescente religiosidade europeia.

Para um maior entendimento de alguns períodos na história da peregrinação Compostelana, Sandra Carneiro (2007) distingue os períodos da história da peregrinação a Compostela, conforme a origem social e as motivações dos peregrinos. Segundo a autora, seriam seis fases, conforme consta no quadro.

Quadro 01 - Evolução história de Santiago de Compostela

Fase	Ano	Acontecimento
1º	Século X	Começa com o descobrimento dos restos mortais até meados do século X, quando as peregrinações a partir de outros países se iniciam
2º	Século XI	O acontecimento se forma e a expansão das peregrinações inicia
3º	Séculos XII, XIII e XIV	As peregrinações à Compostela estão em esplendor
4º	Séculos XIV e XVI	Fase mais crítica para as peregrinações
5º	Séculos XVI e XX	Praticamente se extingue o interesse em realizar a peregrinação
6º	Século XX	Revitalização com novos padrões simbólicos, religiosos, sociais e culturais atribuídos à peregrinação

Fonte: Carneiro (2007).

As narrativas históricas são importantes para os peregrinos modernos que, muitas vezes, querem percorrer as mesmas rotas que se acredita que os primeiros aventureiros fizeram para obter a mesma experiência. Conforme Nancy Frey (1998), a ênfase colocada na jornada em si e em como chegar até o santuário de Santiago marca uma evidente diferença entre as peregrinações populares como as de Lourdes, na França, e Fátima, em Portugal.

Nos centros cuja devoção é mariana, o ritual ocorre no espaço sagrado, dentro do santuário. A forma de chegar aos santuários marianos são diversas e, muitas vezes, irrelevantes. Para a peregrinação a Santiago, as pessoas podem levar de uma semana até quatro meses caminhando, cavalgando ou pedalando. A experiência da peregrinação contemporânea à Santiago não fica confinada à cidade, mas se dilui numa longa jornada física e interna (espiritual, psicológica, pessoal). As pessoas querem sentir e viver a peregrinação como um todo, passo a passo,

tornando a própria caminhada uma experiência importante. A longa rota permite aos não católicos, agnósticos, ateístas, turistas e pesquisadores andarem lado a lado com católicos e protestantes.

No início dos anos de 1980, a pouca infraestrutura existente era baseada no modelo medieval de caridade, que permitia ao peregrino percorrer a sua jornada com a certeza que encontraria locais disponíveis e economicamente acessíveis. Com um aumento considerável de peregrinos durante os anos santos, e com a visita do Papa João Paulo II, em 1983, houve estímulo ao crescimento turístico da região, motivando a construção de novos albergues e de uma poderosa campanha publicitária baseada na Rota Sagrada Xacobe.⁴

Definitivamente, Santiago de Compostela é hoje um destino de turismo cultural em que a motivação religiosa é uma entre outras. Mesmo assim, o turismo religioso tem crescido, o que fortalece o mercado de serviços locais, regionais e internacionais.

⁴ Site: www.archicompostela.org

3 APROXIMAÇÃO AO CAMPO

Durante uma conversa com meu primeiro orientador o professor Airton Luiz Jungblut, comentei que desejava ampliar meus estudos no campo do turismo, mais precisamente em algum tema que envolvesse o turismo e a religião. Foi então que ele me chamou a atenção para a peregrinação à Santiago de Compostela. Achei muito interessante a indicação do tema. Alguns anos antes de iniciar este estudo, eu já tinha lido o livro *O Diário de um Mago* (1986) do escritor Paulo Coelho, em que o autor descreve a sua peregrinação a Santiago de Compostela.

Quando eu li o livro, fiquei interessada pela história que ele contava, das dificuldades descritas, o lado místico e de histórias fantasiosas que atrai muitas pessoas até hoje. Acredito que as pessoas sejam atraídas pelo místico do caminho, com seus castelos, histórias dos Cavalheiros Templários, guerras, reis e rainhas, tudo muito diferente do que temos hoje em dia. O diferente, o estranho aos olhos, é que fascina as pessoas.

O escritor brasileiro Paulo Coelho tinha uma grande ambição, queria ser um escritor de sucesso, mas, para isso, precisaria passar por algumas provações e deveria realizar um grande sacrifício. No ano de 1986, ele realizou o chamado Caminho Francês da peregrinação a Compostela, começando seu percurso na cidade de Sain-Jean-Pied- de- Port. Lá encontrou com o seu guia, Petrus, que o acompanhou por todo o percurso, sendo também um guia espiritual.

No ano de 1987, o livro em que ele conta essa jornada foi lançado e, em poucos anos, foi traduzido em 40 idiomas e publicado em 150 países. O livro apresenta uma atmosfera mística, em que o personagem deixa a sua vida cotidiana em busca de uma “espada”, seguindo os passos de seu guia. Aos poucos, ele descobre um caminho de pessoas comuns em que são partilhados afetos e emoções. Com certeza, Paulo Coelho se tornou um grande marqueteiro do Caminho de Santiago e, ainda hoje, o livro *O diário de um mago* está entre os livros mais vendidos do autor⁵.

Podemos dizer que algo muito forte motiva os caminhantes brasileiros a realizarem essa peregrinação na Espanha, visto que as distâncias e os custos de

⁵ Site Rankbrasil, com informações e notícias de autores mais vendidos:
http://www.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/06n9/Escritor_Brasileiro_Que_Mais_Vendeu_Livros

uma viagem internacional muitas vezes se tornam um obstáculo. Acredito que, as experiências narradas por Paulo Coelho funcionem como um forte impulso para que as pessoas busquem superar desafios e encontrar um sentido para suas vidas. O clima místico impresso no livro pelo autor possibilitou que os caminhos de Santiago de Compostela se tornassem interessantes, não somente para os cristãos, mas por pessoas de todas as religiões já que muitos buscam o caminho de Santiago de Compostela por acreditarem se tratar de um universo místico, esotérico.

Decidida a saber mais sobre essa milenar peregrinação, eu busquei o maior número de obras dedicadas ao assunto. Na biblioteca, percebi que os exemplares sobre a peregrinação a Compostela eram escritas, em sua maioria, por pessoas que tinham realizado a peregrinação e queriam relatar as suas experiências. Foram poucas as obras acadêmicas encontradas que tratavam sobre o Caminho.

Até aquele momento, para mim, a palavra peregrinação, tinha um ar de antigo, de religioso. Nunca me imaginei fazendo uma peregrinação. Algo que só quem faria seria uma pessoa muito religiosa, voltada totalmente à igreja Católica, e que tinha contas a acertar com algo sagrado.

Mesmo antes da palavra, a prática já existia. Podemos voltar ao hábito da peregrinação aos monumentos megalíticos (ROUSSEL, 1956, p. 9), ou se situarmos na atualidade, por exemplo, nos lugares de culto mariano, que até hoje são locais que atarem mais peregrinos.

Ao pesquisar sobre as peregrinações, fui percebendo que existem vários locais e formas de se chegar ao local sagrado, e que a busca de algo além da nossa vida física, sempre existiu e está inserida em muitas religiões e culturas humanas. Que a peregrinação não está relacionada somente com a igreja católica, como uma forma penosa, de sofrimento e cansaço, mas voltada ao nosso interior, como forma de imersão ao nosso ser.

Foram muitos os livros que tive acesso, de todos os tipos de pessoas normais, famosas ou não, como é o caso da atriz americana Shirley MacLaine que realizou o percurso e escreveu o livro *O Caminho: uma jornada do espírito* (2000). Ela descreve a sua intensa jornada, onde encontrou o significado espiritual mais profundo. Necessitava responder e desvendar os segredos da sua própria história. Para Shirley MacLaine, o caminho se tornou uma viagem religiosa devido à presença de ícones religiosos, das igrejas e dos lembretes com que se faz presente na vida humana. Mas aos poucos, ela foi compreendendo que o sofrimento e o

carma estavam atrapalhando a sua vida aqui na terra, e que por isso a busca da verdadeira identidade e da espiritualidade deveriam ser fundamentais para o seu crescimento pessoal interno.

Quanto mais eu lia, mais informações e diferentes percepções do Caminho eu ia aprendendo. Alguns eram mais específicos, detalhando cada dia da sua experiência como se fosse um diário, tornando as informações importantes para quem deseja saber especificamente como é. Outros escritores descrevem as suas experiências mais íntimas, com riquezas de detalhes em relação aos sofrimentos, as alegrias e as novas amizades.

A cada dia, me via mais envolvida com os relatos, e fiquei interessada em saber mais informações. Na internet, encontrei muitos blogs de pessoas que relatam suas peregrinações e disponibilizam fotografias dos mais diversos trajetos. Também encontrei os sites das Associações de peregrinos que existem no Brasil e pelo mundo, inclusive em Porto Alegre. Acessei a página desta última e enviei um e-mail me apresentando, e explicando minha pesquisa de doutorado. Não demorou muito, e recebi um e-mail da diretora da Associação, a Beatriz, que se colocava à disposição para responder às minhas dúvidas e me convidando para participar da próxima reunião, junto aos demais peregrinos da região sul. Decidi participar das reuniões que acontecem uma vez ao mês, aos sábados pela manhã, no Instituto Cervantes, no Bairro Petrópolis, em Porto Alegre.

3.1 A ASSOCIAÇÃO DOS PEREGRINOS: Acasargs

Segundo o que aparece no site, a Acasargs é uma sociedade civil sem fins lucrativos que foi fundada com o objetivo de reunir pessoas interessadas na preservação e divulgação dos Caminhos de Santiago de Compostela. Ela oferece, de forma voluntária, informações, orientações e ajuda aos futuros peregrinos.

A Associação também atua como uma espécie de agência autorizada do Caminho de Santiago, distribuindo a “Credencial do Peregrino”, documento que os peregrinos devem carimbar em diversos locais, ao longo do percurso, para comprovar os caminhos percorridos. A credencial também é um objeto de recordação e estima, além de permitir que o peregrino receba a Compostelana⁶.

⁶ A Compostelana é um documento fornecido pela Igreja que certifica a realização da peregrinação. O peregrino que deseja recebe-la precisa apresentar um documento chamado credencial do peregrino

O Instituto Cervantes, onde acontecem as reuniões da Acasargs, fica em uma casa antiga, muito arborizada e com grandes salas envidraçadas. É uma instituição de ensino da língua espanhola que possui uma biblioteca com vários livros sobre o Caminho de Santiago de Compostela, além de outros livros de literatura. Como a Associação tem o apoio e a parceria do Instituto, as reuniões acontecem em salas disponibilizadas ou em um grande salão no térreo do prédio.

Após confirmar minha presença na próxima reunião, Beatriz passou a me enviar alguns e-mails com informações sobre o Caminho. No terceiro e-mail, ela me enviou o seu contato pessoal (telefone), e me informou que, se eu tivesse algo a perguntar, poderia usar o *whatsApp*.

A primeira reunião em que participei, foi no ano de 2017. Era inverno. Logo que cheguei à sala da reunião, me apresentei e fui muito bem recebida pela diretora Beatriz e pelo vice-presidente e demais colaboradores da Associação. Ao saber que eu estava interessada em pesquisar sobre o Caminho, o vice-presidente, Gilberto, veio até mim e se colocou à disposição para qualquer dúvida. Agradei a disponibilidade e disse que entraria em contato. A sala já estava quase lotada. Procurei um local ao fundo para ter uma visão geral, e aguardei a reunião começar.

A sala em que a reunião aconteceu possuía janelas enormes iam até o chão, permitindo a passagem de muita luz e sol, o que dava a sensação de ser um local amplo. À direita da entrada, uma mesa com chás, café e algumas bolachas (salgadas e doces) estava à disposição de todos. Numa mesa à esquerda, estavam disponíveis vários panfletos e mapas relativos aos diversos caminhos existentes para se chegar a Santiago de Compostela.

As pessoas que se encontravam na sala se conheciam de longas datas. Cada um que chegava era abraçado e bem recepcionado. Nessa reunião, o número de pessoas foi maior que o número de cadeiras disponíveis. Algumas pessoas que se atrasaram, tiveram que ficar de pé ao lado da porta. As pessoas estavam ansiosas para falar, contar suas experiências, pois muitos estavam retornando recentemente da peregrinação com muitas novidades. Havia muita conversa paralela. As pessoas não paravam de falar, contar suas histórias, as dificuldades vividas.

A reunião começou com o agradecimento da participação de todos e, logo em seguida, o vice-presidente e sua esposa começaram a relatar a sua mais nova

experiência do caminho, trazendo muitas informações, fotografias e dicas recentes. Eles tinham voltado recentemente do caminho português que, conforme descreveram, é um caminho muito diferente do Francês (considerado o mais famoso e mais procurado).

Nas reuniões da Associação dos peregrinos, em Porto Alegre, pude aprender e descobrir mais sobre as peregrinações. Soube então que o Caminho Francês foi o primeiro a ser desenvolvido como roteiro turístico, possuindo ao longo de seu trajeto de 800 quilômetros, restaurantes, hospedagens, muitas igrejas e mosteiros. Este trajeto, que é o mais procurado começa na cidade de Saint-Jean-Pied-de-Port (França) e termina na cidade de Santiago de Compostela (Espanha).

Durante a Idade Média, esse era o trajeto realizado pelos muitos peregrinos que desejavam chegar à Compostela. Todo o percurso era acessível porque seguia as diversas estradas romanas, facilitando assim a caminhada. Ainda hoje, é possível passar por algumas estradas e pontes romanas ao longo do trajeto. Estão em ótimo estado de conservação.

O outro Caminho muito procurado é o Português. Ele pode começar na cidade de Lisboa ou cidade do Porto. Por ser um caminho mais curto, muitas pessoas começam a sua jornada pela cidade do Porto, que fica a 240 quilômetros da cidade de Santiago de Compostela. Esse caminho percorre o interior português, passando por muitas cidades medievais e históricas. Existe uma rota que percorre todo o litoral português e, oferece uma ótima estrutura ao peregrino nos meses de verão.

Esses dois percursos são os mais procurados, tanto pelos europeus como pelos brasileiros. Existem muitos outros caminhos, que exigem mais ou menos tempo de viagem, e que apresentam mais ou menos dificuldades. A escolha por um ou outro depende da necessidade de busca interna e espiritual de cada um, bem como do tempo disponível. Muitos caminhantes buscam o caminho francês por ser o mais antigo, ter mais história e apresentar dificuldades de ordem física e emocional. São vários quilômetros íngremes e o clima na região é muito rigoroso.

Após algumas pesquisas bibliográficas, e também da participação de reuniões, soube que a Acasargs organizava periodicamente caminhadas preparatórias em várias regiões do estado, reunindo pessoas que já realizaram o Caminho de Santiago com os que estão ainda planejando. Com a agenda de uma caminhada por mês, com o custo entre R\$ 150 e R\$ 190, essas atividades reúnem,

em média, 40 pessoas vindas de Porto Alegre e arredores, mais umas 30 pessoas oriundas da região da serra gaúcha, mais especificamente de Caxias do Sul. Muitos dessas caminhadas são realizadas em estradas rurais.

As caminhadas são sempre realizadas nos finais de semana, saindo aos domingos, por volta das 05h da manhã, e retornando ao final do dia. No encontro inicial, que acontece na cidade de origem da caminhada são oferecidos café da manhã com frutas e alguns pães. Durante o percurso, a organização acompanha sempre os caminhantes com carro de apoio que leva os suprimentos necessários.

Geralmente as caminhadas são de 19 a 25 quilômetros, dependendo do percurso, que é devidamente marcado pelas setas amarelas, como as existentes no Caminho de Santiago. Logo após a chegada, é servido um almoço. Tanto o transporte, como os cafés e o almoço são pagos pelos peregrinos. Conforme o vice-diretor da Acasargs, a realização dessas caminhadas tem um esforço em “reproduzir” alguns aspectos do Caminho de Santiago.

A Associação é para isso. A gente se esforça para que o peregrino lembre o que viveu em Santiago. Não é sempre que podemos ir a Santiago e manter viva a chama, por isso que é importante caminhar aqui, para se sentir como se fosse lá. Óbvio que não é a mesma coisa, mas ajuda a manter viva a chama. Para quem deseja ir pela primeira vez, é importante se preparar antes, ir se acostumando. Nós, da Associação, nos esforçamos para proporcionar essa sensação para o peregrino (GILBERTO, 2018).

Na maioria das vezes, quem faz essas caminhadas são as pessoas que já realizaram alguma peregrinação e estão em busca de um contato maior com a natureza, fugindo do estresse diário e podendo assim, lembrar as experiências vividas em Compostela. Durante essas caminhadas, diversos são os aspectos que remetem os peregrinos ao Caminho de Santiago: as conversas, os objetos, como o cajado, as conchas de vieiras⁷ presas às mochilas, os amuletos e a paisagem natural.

Além de conversarmos sobre as experiências pessoais, as dificuldades, nas reuniões da Associação os diretores entregam as credenciais aos futuros peregrinos de Santiago, numa cerimônia, com direito a fotografias e salva de palmas de todos os presentes.

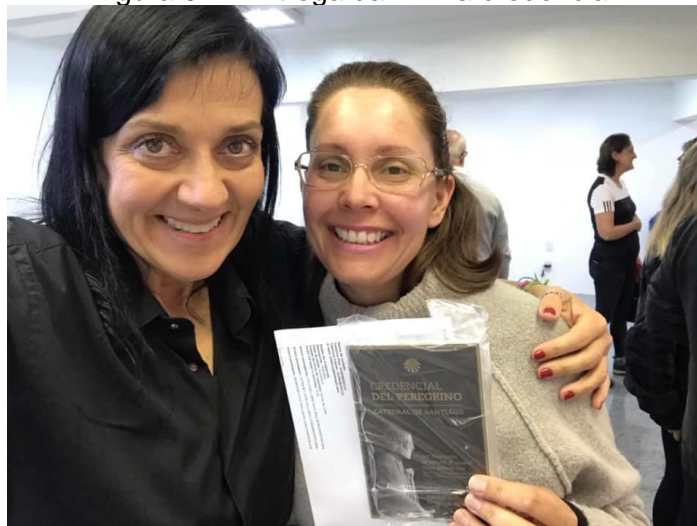
⁷ Trata-se de um símbolo muito difundido entre os peregrinos. Sua origem é pagã e, durante a Idade Média, era usada entre os cristãos como forma de identificação do peregrino.

Figura 01 - Reunião dos peregrinos.



Fonte: Acervo pesquisadora (2019)

Figura 02 - Entrega da minha credencial.



Fonte: Facebook ACASARGS (2019).

As fotografias acima são da última reunião que participei antes de partir para minha peregrinação. Nesse dia, tivemos vários relatos de peregrinos que recém tinham voltado de seu caminho. Na primeira imagem, temos um peregrino contando a sua experiência. Nesse dia, cinco pessoas decidiram que iriam falar um pouco da sua experiência. Depois de duas horas, Beatriz anunciou que entregaria as credenciais para os futuros caminhantes, inclusive a minha. Na segunda imagem, Beatriz está me entregando a credencial do peregrino. Pode-se dizer que se trata da primeira etapa de um ritual de passagem (VAN GENNEP, 2011), de uma prévia da saída do mundo profano para o mundo sagrado, ou como diz Eliade (2001, p. 27): “[...] é uma experiência existencial fundamental visto que é graças a ela que o

homem se torna capaz de assumir em plenitude o seu modo de ser.”, mediante a sua experiência.

A sensação de receber a credencial foi muito boa, obviamente porque eu estava prestes a viajar e começar uma nova experiência. Até aquele momento, eu não estava tão confiante na minha caminhada, não sabia se era real tudo aquilo, ou se era apenas um desejo.

Pode-se dizer que a Acasargs é um lugar que atua como “mediador cultura” como definem Velho (2001) e Bourdieu (2000). Sua função é se fazer inclusiva e abrangente, envolvendo uma grande quantidade de atores sociais que possuem ocupações diversas, além de compartilharem o interesse pelas peregrinações. A Associação permite que eles transitem por universos sociais diversos, num campo social heterogêneo.

As buscas pessoais são variadas, possibilitando uma grande diversificação, que transforma a prática do caminhar em hábito corriqueiro, que leva um grupo de pessoas a constituir uma espécie de circuito (MAGNANI, 1999), em que muitos buscam interagir com os diversos locais de caminhadas organizadas em circuitos ecológicos, de aventuras, de natureza, de lazer, etc.

Conforme alguns participantes, as práticas do caminhar estão inseridas na necessidade de mudar, de encontrar algo que possa fazer sentido, como é o caso de Júlia, que começou a participar de caminhadas por influência de uma sobrinha. Antes, Júlia fazia Biodança, depois foi para a Índia fazer alguns cursos e, então, voltou e começou a caminhar.

Fiz Biodança com uma facilitadora, muito legal, mas aí fui fazer uns cursos na Índia e acabei ficando por lá alguns meses. Depois fui para Ibiza, na Espanha, e aliei exercícios da Biodança com o Caminho de Santiago. Foi aí que fui, pela primeira vez, caminhando com os ecológicos. (JÚLIA, 2017).

Muitos possuem trânsito livre, o que os permite começar, parar ou permanecer participando das atividades dos diversos grupos. Exemplo disso é a participação de Júlia. Não só ela, entre os mais variados circuitos, o que permitem que eles façam parte de outras redes em que estabeleça uma certa continuidade no discurso de grupos, instituições e facilitadores que privilegiam noções como a de comunidade e indivíduo (MAGNANI, 1999). O que realmente está em jogo são as

atividades corporais, onde a exaustão fornece o caminho para encontrar e aperfeiçoar o seu eu.

Durante os encontros que participei, percebi que os motivos que levam as muitas pessoas a realizarem as caminhadas estão relacionados, de alguma forma, com a ideia de rupturas, de transformações na vida, ou simplesmente como o interesse em se envolver mais com a natureza.

As caminhadas são como uma espécie de demarcador de mudanças na vida, ou como diria Van Gennep (2011, p.156), “[...] o peregrino está fora da vida comum, em um período de margem, de partida e regresso.”. Ao deixar para trás seus familiares, sua vida cotidiana, e ao entrar em contato com o percurso, o peregrino realiza ritos de separação e vai agregando experiências e vivências até chegar ao santuário, onde irá realizar o rito do retorno à vida, aos amigos, aos familiares.

Turner (1974), chama de *communitas* esse momento do afastamento que ocorre nos rituais de passagem, para designar a área de vida em comum que se estabelece entre o peregrino e o mundo a sua volta. A *communitas* caracteriza-se por uma relação entre indivíduos concretos e históricos que não são diferenciados pela posição social, mas pela relação direta e imediata.

Segundo Turner (1974), quando estão viajando para o lugar sagrado os peregrinos entram num estado de liminarietà que os modificam. Portanto, se seguirmos o autor, a peregrinação apresenta um caráter antiestrutural, que encaminha o peregrino para a experiência de *communitas*.

Ao deixarem a sua vida cotidiana estruturada por regras e valores, os peregrinos buscam a integração na *communitas* para, a partir desta experiência, restaurar sua individualidade. É essa busca da *communitas*, presente em todas as sociedades humanas e em todas as religiões o que torna peregrinação uma experiência humana significativa em diversos universos culturais. A vivência da *communitas* também podem ser observadas no interior de uma sociedade ou de uma estrutura, como as confrarias e associações. Por isso, temos muitas associações dos peregrinos espalhados pelo mundo.

Como existe uma procura grande por esses percursos e circuitos, a Associação, em conjunto com a Prefeitura Municipal de Porto Alegre e a FrenTur organizaram uma peregrinação, na cidade de Porto Alegre, percorrendo alguns pontos turísticos e quatro Igrejas que fazem parte do circuito original da Associação, com a intenção de estimular as pessoas a caminharem mais e a conhecerem a

cidade. A primeira caminhada foi realizada no ano de 2017, com 250. No ano de 2018 foram, 500 inscritos, e eu era um deles.

O que essa caminhada pela cidade de Porto Alegre tem a ver com o Caminho de Santiago de Compostela? A Acasargs e a FrenTur tentaram recriar um dia de caminhada em Santiago de Compostela dentro da cidade de Porto Alegre. Para quem já fez o caminho de Santiago, essa caminhada serviu para lembrar a experiência de percorrer grandes distâncias em um percurso tradicional, na cidade. Para quem deseja realizar a peregrinação, serviu para entender como é essa experiência, que mescla sentimentos e amplia os sentidos do caminhar.

A organização se preocupou em fechar ruas, solicitar segurança da empresa de transportes, estabelecer três paradas separadas por sete quilômetros cada uma, com a distribuição de água, cereais e banana em cada local, além de distribuir as setas amarelas pelas ruas, como indicação da rota.

As pessoas apenas deveriam seguir as setas amarelas e a indicação dos guardas da segurança, sem a preocupação com a orientação. No caminho e Compostela, esse tipo de organização não existe. Não há guardas de trânsito indicando a rota certa, não existem locais específicos de paradas, não há locais que ofereçam água, cereais e frutas de graça.

Ao longo do caminho de Compostela, em algum momento o peregrino irá se perder, não irá enxergar as setas amarelas, ou elas irão lhe parecer desconexas, deixando-o em dúvida. O caminhante vai se preocupar em descansar quando seu corpo pedir, quando estiver com calor, sede ou alguma dor.

Com a prática das caminhadas, também podemos explorar questões relativas ao convívio com a natureza. Tim Ingold (2015) pode nos ajudar a compreender os espaços e o pano de fundo no qual estão inseridas as relações sociais. Para Ingold (2015), a paisagem é a própria condição de ser no mundo, onde cultura, natureza e sujeito estão entrelaçados.

O convívio com as pessoas da Associação e a participação na caminhada de Porto Alegre foram etapas importantes da pesquisa, pois além de me orientar em discussões históricas e me apresentar percepções individuais sobre o Caminho, também me proporcionou uma preparação mais adequada para enfrentar a minha própria peregrinação a Santiago de Compostela. Além das informações valiosas que recebi, pude sentir no corpo um pouco da experiência do peregrinar com a caminhada de Porto Alegre.

3.2 BEATRIZ: A DIRETORA DA ACASARGS

Apresento, a seguir, um pouco da história de Beatriz, por ser um caso interessante para a análise do “antes” e “depois” da realização de uma peregrinação, suas percepções e mudanças. Também em razão de sua mobilização na Associação junto com os demais peregrinos e caminhantes que a procuram para obter ajuda e informações.

Como já foi dito, meu primeiro contato com a Beatriz foi através de um e-mail que eu enviei para a Associação dos Peregrinos, a Acasargs, solicitando maiores informações sobre a Associação, sobre o Caminho de Santiago e sobre os peregrinos. Logo em seguida, surgiu a oportunidade de conhecê-la pessoalmente em uma das reuniões da Associação. Não tivemos tempo de ter uma longa conversa, mas iniciamos uma boa relação.

A temperatura estava agradável naquele fim de tarde de outono. Após algumas tentativas de marcar uma entrevista com Beatriz, e depois de alguns desencontros, conseguimos conciliar a agenda. Marcamos de nos encontrarmos no Instituto Cervantes, local onde teria uma reunião dos peregrinos às 18h. O nosso encontro estava marcado para as 17h.

Cheguei um pouco antes do horário marcado e aguardei Beatriz na recepção do Instituto. Logo que cheguei, fui atendida pela secretária do curso que disse que eu poderia aguardar na sala de recepção. Fiquei ali sentada por uns minutos e, a sensação era de que tinha voltado no tempo em razão da arquitetura e decoração do prédio. Beatriz chegou um pouco atrasada, alegando muito trânsito. Fomos em direção ao salão de reuniões, que fica no andar abaixo. Beatriz estava com muitas caixas e coisas que tinha trazido para organizar a sala. Ajudei com algumas coisas, e colocamos em uma mesa que estava logo na entrada do salão. Conversamos um pouco sobre assuntos amenos, e a ajudei na organização das cadeiras e cartazes. Beatriz estava bem ansiosa com a entrevista e não parou de se agitar por um minuto.

O salão onde estávamos é acessado pelo lado de fora da casa e, para chegarmos, percorremos alguns metros pelo estacionamento todo arborizado. Em dias de verão, é um ótimo local para se sentar, mas, no inverno, é muito frio. Abrimos todas as janelas para ventilar o ambiente, pois o ar na sala estava sufocante. Organizamos umas mesas logo na entrada, onde seriam colocados os

panfletos e mapas dos caminhos, e também o café e o chá com bolachas doces e salgadas, oferecidas em todas as reuniões.

Como Beatriz não iria se sentar, pois precisava deixar a sala toda organizada, perguntei se poderia gravar a entrevista enquanto ela falava e arrumava o salão. Ela me perguntou sobre o que deveria falar, e eu disse que gostaria de saber um pouco da sua vida e que depois ela poderia me contar das suas experiências no Caminho de Santiago. Ela disse que sim, sem problemas e, então, começou a falar.

Por uma hora, contou sobre as suas experiências, como as peregrinações tiveram consequências na sua volta para casa e como ela decidiu que iria mudar a sua vida. Durante o tempo em que falava, conseguiu organizar tudo e fazer a colagem das fotografias nas paredes.

Beatriz é contadora e guia de viagens. Ela tem 52 anos, vive na cidade de Canoas (RS) e, nos últimos quatro anos ocupou o cargo de diretora da Acasargs- Associação dos Amigos do Caminho de Santiago de Compostela do Estado do Rio Grande do Sul. Beatriz é separada e tem um filho.

O seu envolvimento com o Caminho de Santiago vem da influência de seu pai. O Sr. Sérgio, que foi um dos grandes divulgadores do Caminho de Santiago no Brasil. Ele fez a sua peregrinação em 1992, quando tinha 54 anos. Segundo Beatriz, nessa época, ainda trabalhando como jornalista e radialista, ele estava mergulhado no estresse diário, por isso, a grande necessidade de sair pelo mundo em busca de respostas para as diversas perguntas que o atormentavam.

O pai de Beatriz teve contato com Anna Sharp, escritora e mestra espiritual, que o incentivou a fazer o Caminho. Ana e Sérgio se tornaram grandes amigos, mas nunca se conheceram pessoalmente. Depois de retornar a sua vida diária, as coisas melhoraram muito e, da sua experiência, escreveu um livro.

A melhora na vida de Sérgio após a sua peregrinação foi motivo para que ele desejasse convencer Beatriz. A relação de ambos não era boa, pois brigas eram constantes e sem grandes motivos, tornando a relação de filha e pai muito desgastante, o que os afastou por alguns anos.

Quando Beatriz se separou, buscou se distanciar de todos para pensar. Estava muito confusa e precisa de respostas. Pensou muito no que seu pai lhe dizia por anos: que ela deveria realizar a caminhada, pois ela mudaria a sua vida. Por dois meses, ela ficou na praia de Ibiraguera, em Imbituba (SC), longe de amigos e familiares. Beatriz caminhava por horas, por muitos quilômetros todos os dias. Foi

quando decidiu que seguiria os conselhos de seu pai e faria a peregrinação à Santiago de Compostela.

Eu estava sozinha lá, liguei para meu filho e disse para ele: - filho, eu vou fazer o caminho de Santiago. Ele não entendeu nada. Eu disse: -Vou fazer, vou fazer o caminho. Chegou a minha vez de ser a louca. Teu avô foi o louco já, agora a louca sou eu. Vou para casa arrumar as coisas e partir. (BEATRIZ, 2018).

De volta à cidade de Canoas, providenciou a passagem aérea, comprou algumas roupas, a mochila, a bota e avisou a todos que estava embarcando para a sua nova experiência de vida. A sua primeira peregrinação foi pelo Caminho Francês e durou em torno de 35 dias. Até hoje, Beatriz já realizou cinco peregrinações, mudando de caminho a cada vez. Ela conta que caminhar e peregrinar se tornaram vícios. Ela afirma que precisa disso para viver e que a sensação de estar sozinha “é a melhor coisa”.

Eu me dei conta de que o que eu pensava ser valores não eram valores. Eu pensava que todo mundo era igual, mas não são. Eu sou diferente, eu posso ser melhor, então pensando, eu percebi que me apaixonei por duas coisas no Caminho de Santiago: uma por mim e outra pela liberdade. Sabe, essas são cruciais. Eu descobri que botar uma mochila nas costas e me preocupar apenas com quanto vou caminhar é uma coisa maravilhosa. (BEATRIZ, 2018).

Pela sua fala, percebemos que após algum tempo triste e indecisa com a vida, Beatriz começou a gostar mais de si e a dar valor a sua individualidade, o que ela chama de liberdade. Ao longo de sua narrativa, ela descreve as aventuras e amizades que foi fazendo através das peregrinações, além de conhecer lugares lindos e com muitas histórias. Não acreditava que um dia estaria ali, vivenciando momentos de paz. Ao lembrar, Beatriz conta que teve algumas dificuldades, mas que não afetaram sua peregrinação, pois acredita que a sua fé é maior.

No meu primeiro caminho dizem que eu dormia e gemia a noite toda. Eu sentia muita dor nas pernas, mas a felicidade que eu tenho, da euforia que eu atinjo, a alegria, ela supera e me faz não focar nas dores. Pelo contrário, eu esqueço que eu estou com a dor, porque eu estou tão feliz, tão feliz que eu passo batido pela dor. Existe a dor, ah existe, mas eu nunca me lembro delas, nem quando eu estou caminhando, e nem depois. (BEATRIZ, 2018).

As dificuldades ao longo dos dias foram aos poucos sendo superadas, as dores musculares que eram muitas, com o passar dos quilômetros, sumiram. O

corpo físico se adaptou à exigência diária, o psicológico, aos poucos foi melhorando e, assim, Beatriz conseguiu chegar à cidade de Santiago de Compostela com a sensação de dever cumprido.

Retornando ao seu cotidiano, percebeu que estava mais leve, mais aberta ao contato com as outras pessoas e, principalmente, disposta a fazer as pazes com seu pai. Passou a ajudá-lo na Associação dos peregrinos e a divulgar a peregrinação. Buscou uma nova profissão e viu que sua vida estava mais positiva. Desde então, se organiza para, a cada ano, fazer uma nova rota da peregrinação, conhecendo novos lugares e novas pessoas. Diz que o caminho preenche sua vida com boas energias e que a experiência que adquiriu possibilita a ajudar novas pessoas. Beatriz aprendeu que:

É um passo de cada vez, então, isso eu aprendi:- a me respeitar, a dar o tempo que a vida me pede, porque eu sempre fui muito ansiosa, eu sou muito ansiosa, e o caminho me fez entender que é um passo de cada vez, sabe? Que a vida às vezes não é como a gente quer-, ela é como ela tem que ser-, e a gente tem que entender e aproveitar a maneira como ela se apresenta. (BEATRIZ, 2018).

Em 2019, Beatriz estava se organizando para realizar seu sexto caminho, o Caminho Português começando pela cidade de Fátima e percorrendo a rota central. Ela pretendia realizar sozinha o percurso porque acredita que seu aprendizado se dá por meio das coisas e pessoas que encontra ao longo dos trajetos. Ela se modifica através das dificuldades, das amizades ou das questões que encontra dentro de si.

Na primeira vez, a sua chegada à Catedral, foi muito emocionante, Beatriz chorou muito como forma de agradecimento. As demais, reviu os lugares já passados, sentindo apenas um frenesi de estar mais uma vez ali. Ela busca acompanhar a missa dos peregrinos, pois é uma sensação que envolve a alma ao ouvir os cânticos.

Em nosso primeiro encontro, enquanto Beatriz descrevia suas várias experiências e sobre os caminhos, fazia uma colagem de imagens em cartazes que iria pendurar pela sala. Fotos lindas que ela mesma tirou enquanto fazia o Caminho de Santiago francês. E a cada cartaz, ela parava alguns minutos e descrevia o local, trazendo algumas pequenas lembranças daquele momento.

Para Beatriz, a realização da peregrinação é um renovar de energias, de encontro com as pessoas e de novas forças para continuar a sua vida. Ela disse que

não acreditava quando seu pai falava que o caminhar em Compostela mudaria a sua vida. E foi isso mesmo, ela saiu frustrada com a vida, sem um rumo e um trabalho, e voltou acreditando que poderia fazer muitas coisas. Logo ao chegar da peregrinação, fez o curso de guia internacional de turismo e então, não parou mais. Já fez muitas viagens internacionais acompanhando grupos e disse que seu desejo é de continuar pelo mundo.

Ao final da organização do salão, Beatriz sentou-se e pensou mais profundamente no que iria falar sobre o lado bom de tudo que passou. Poucas palavras saíram de sua boca, pois estava com a voz engasgada de lembrar momentos que modificaram a sua vida. Não demorou muito, algumas pessoas interessadas na reunião começaram a chegar, e assim, nossa entrevista foi finalizada. Beatriz se colocou à disposição para o que eu precisasse e disse que adorou relembrar suas caminhadas. Despedi-me, e agradei pelo tempo disponibilizado.

Depois dessa nossa conversa, ainda nos encontramos várias outras vezes. Muitas delas, nas reuniões e nos eventos realizados pela Associação. O último contato pessoal foi na entrega da minha credencial, antes da minha peregrinação. Depois disso, nos falamos por mensagens, pois, com o advento da pandemia, não podemos mais fazer as reuniões e muito menos os passeios.

4 EXPERIÊNCIA NO CAMINHO DE PORTO ALEGRE

Depois de participar da primeira reunião da Associação dos Peregrinos, e assinar o livro de presença com nome completo e e-mail, passei a receber semanalmente informações das futuras caminhadas que estavam sendo planejadas, como também informações sobre próximo Caminho de Porto Alegre.

Quando soube que as inscrições da caminhada estavam abertas, resolvi fazer a minha inscrição, acreditando que seria muito fácil, mesmo não tendo nenhum treinamento antes. Estava interessada na experiência que extrairia dessa aventura, no que eu poderia sentir tanto no corpo físico como no psicológico. Como sabia que a procura seria grande, logo que abriram as inscrições, corri para garantir a minha. Preenchi os dados via internet e informei que desejaria almoçar ao final da caminhada.

Alguns dias antes da caminhada, a Associação enviou um e-mail com informações sobre horários e procedimentos. No e-mail estavam: o local de encontro, o horário da entrega das credenciais, o itinerário, as sugestões de roupas e calçados e, também, a confirmação do almoço e de seu custo. Essa caminhada será uma forma de aprender como a vida faz das experiências uma forma de metamorfose (VELHO, 2003).

O IIº Caminho de Porto Alegre foi realizado em 22 de abril de 2018, num domingo. Acordei cedo e me arrumei. Vesti uma camiseta de cor branca, calças de caminhada e tênis. Na mochila coloquei uma garrafa de água, um cereal de chocolate, meu celular e a carteira. Cheguei por volta das seis e meia da manhã na Catedral Metropolitana, que fica localizada ao lado do Palácio Piratini, em frente à Praça da Matriz, no centro histórico de Porto Alegre. Ao caminhar até o final da fila, encontrei a Beatriz, que estava organizando tudo e não parava um minuto.

Tivemos tempo apenas de nos cumprimentar e ela já saiu em direção ao encontro de outras pessoas. Já havia uma fila grande para a retirada das credenciais e do nosso *kit* do peregrino que continha: uma camiseta de cor azul celeste, a credencial, uma barra de cereal e uma garrafa de água. Esse *kit*, que era gratuito para os primeiros 500 inscritos no site da Associação foi doado pelos patrocinadores do evento. Após alguns minutos na fila, peguei o meu *kit* e entrei na

Catedral para esperar o horário da caminhada. Havia um burburinho, que vinha de dentro da Catedral.

Ao me acomodar em um dos bancos da Catedral, fiquei observando as pessoas em minha volta. Algumas faziam orações, outras estavam ansiosas e não paravam de falar. Também aproveitavam para fotografar o interior da Igreja. Havia uma agitação geral, um entra e sai da Catedral.

Junto ao *kit* que recebemos, estava a credencial, que poderia ser carimbada nas quatro igrejas do caminho (Catedral Metropolitana de Porto Alegre, Igreja das Dores, Igreja Schoenstatt e Igreja de Santa Rita de Cássia). Com esses quatro carimbos, o peregrino que estivesse com a viagem marcada para Santiago de Compostela, na Espanha, poderia utilizar como complemento em 21 quilômetros naquela peregrinação.

Por volta das 7h, o número de pessoas já passava de 500. Havia uma multidão agitada em frente à Catedral e alguns já estavam ansiosos para começar a caminhar. Falavam em voz alta que se demorasse muito, o calor prejudicaria a realização do trajeto. A organização do evento - Acasargs, Prefeitura Municipal e FrenTur chamou a atenção de todos os presentes para uma breve missa com a bênção do Padre. Exatamente às 7h30, iniciou-se a caminhada.

O dia estava começando, a temperatura estava agradável e havia uma forte neblina. O sol apareceu tarde, mantendo a temperatura baixa, o que facilitava o caminhar. As pessoas atravessaram a Praça Marechal Deodoro em disparada, passando pelo Teatro São Pedro, seguindo para a Igreja das Dores, primeira parada, para uma fotografia do grupo nas escadarias e também para fazer o segundo carimbo na credencial. Nesse momento, as pessoas continuavam agitadas e falando alto, acordando quem morava nos prédios por onde passavam. Por isso, muitos moradores abriram as suas janelas e gritaram para que fizéssemos silêncio. Outros moradores, curiosos, apenas ficaram observando a grande multidão que passava.

Figura 3 - 500 pessoas no II Caminho de Porto Alegre em 2018.



Fonte: Câmara Municipal de Porto Alegre (2018).

As 500 pessoas estavam caminhando juntas, ansiosas e alegres. Após a fotografia, alguns caminhantes já saíram em disparada, seguindo as setas amarelas dispostas por todo o trajeto. Na saída da Igreja das Dores, uma jovem mulher, que estava perto, puxou conversa comigo. Perguntou se eu estava sozinha e se poderíamos caminhar juntas, pois ela também estava só. Perguntei por que estava fazendo o Caminho de Porto Alegre e ela disse que estava se preparando para fazer o Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha. Não sabia quando iria, mas estava em busca de preparo físico. Queria conhecer qual era o clima entre os caminhantes, pois sabia que ali estavam muitas pessoas que já tinham realizado a peregrinação. Trocamos algumas palavras e seguimos concentradas nos nossos ritmos.

A organização contou com o apoio da segurança pública para que todas as ruas centrais fossem bloqueadas até a passagem do último caminhante. Fomos em direção ao Gasômetro, um centro cultural que se situa às margens do Lago Guaíba. Percorremos toda a margem do Guaíba e chegamos a segunda parada em frente ao Museu Iberê Camargo, para um breve descanso e também para reabastecermos as garrafas com água. Foram distribuídos cereais e bananas.

Por volta das 9h, já tínhamos percorrido oito quilômetros. O sol começava a dar a sua graça. A temperatura ainda estava agradável, possibilitando caminhar tranquilamente mais alguns quilômetros sem se preocupar com o calor que estava por vir. Saímos em direção ao *Jockey Club*, margeando ainda a Orla do Guaíba. Nesse momento, o sol já estava mais alto e quente. Começamos a perceber que deveríamos andar mais devagar e assim aproveitar a paisagem.

Com a parada anterior, percebi que muitas pessoas já estavam adiantadas. Os mais afoitos ou os mais acostumados já estavam chegando à terceira parada, que ficava o Santuário de Schoenstatt, no bairro Vila Assunção. Percorremos mais seis quilômetros, e neste percurso, o calor já estava afetando o humor e a vontade dos peregrinos em seguir a diante.

Ao chegarmos ao Santuário de Schoenstatt, fomos recebidos pelas irmãs que colocaram à disposição a sua estrutura (banheiros, água e repouso). Algumas pessoas tiveram que ser atendidas pelos médicos e enfermeiros, pois estavam com bolhas ou com a pressão alta, devido à longa caminhada. Não demoramos muito. Carimbamos nossas credenciais, abastecemos nossas garrafas com água e resolvemos continuar antes que ficasse mais quente.

Ao longe se via uma grande movimentação de pessoas caminhando na mesma direção, mas bem dispersas, todas de camisetas azuis. Paramos para um breve descanso na Ponte da Vila Conceição, um local muito arborizado e que, naquele momento, nos ajudou a recuperar as forças. Bebemos água e comemos bananas para não termos câimbras. Percorremos algumas quadras e observamos que estávamos em uma região alta, com uma vista linda do Lago Guaíba. Paramos para apreciar a paisagem, tirar algumas fotografias e recuperar o fôlego.

Por onde passávamos, era grande o número de pessoas que nos olhavam com interesse em saber do que se tratava aquela multidão. Algumas não hesitaram em perguntar. Foi interessante observar as expressões de espanto e de admiração da população que nos acompanhava com os olhos.

Nas conversas paralelas os pequenos grupos que nos passavam, algumas pessoas estavam carregando mochilas especiais para a peregrinação. Um rapaz disse aos demais que o peso de sua mochila era de aproximadamente dez quilos. Que isso servia para que ele acostumasse o corpo com o peso, pois em breve estaria fazendo o caminho de Santiago.

Após ouvir o relato do rapaz, percebi outras pessoas (homens e mulheres) que também carregavam as mochilas pesadas. Todos estavam vestidos com roupas adequadas para as longas caminhadas, como botas, chapéus e roupas leves. Passei a observar mais as pessoas em minha volta, bem como a vista da cidade, tentando não focar no cansaço.

Após alguns minutos de deslumbramento com a vista da região do Guaíba e da parte sul da cidade, continuamos nosso caminho. Nesse trajeto, deveríamos ter mais atenção, pois estávamos descendo uma rua escorregadia (por ter muitas árvores que não permitiam a passagem do sol, criando, assim, limo nas calçadas). Mesmo assim, continuamos a observar as belas árvores e casas da região que são antigas. Fiquei feliz pela rota ter passado por esses locais, pois acredito que não passaria por ali se estivesse de carro.

Percebi que as pessoas já andavam bem separadas. Alguns demonstravam cansaço físico, outros se mostravam alegres por estar em uma região pouco conhecida da cidade. Apenas pequenos grupos caminhavam juntos. Eu e Tatiana – a peregrina que fez o percurso comigo – estávamos ali, dando força uma para a outra. Incentivando cada passo até a próxima parada. Durante todo o nosso percurso, não falamos muito, até porque o caminhar exige toda a atenção.

Chegando à praia de Ipanema, que margeia o Lago Guaíba, tivemos que nos sentar e aguardar por alguns minutos, pois o cansaço era muito e o sol estava alto e quente. Nesse momento, o corpo não queria obedecer aos comandos da mente. Observando as minhas mãos, percebi que estavam inchadas, com certeza por causa do calor, do movimento e da exaustão. A peregrinação é exatamente isso, uma forma das pessoas sentirem os seus limites, quer físicos, quer psicológicos. Segundo Pereira (2003), é essencialmente o sofrimento do corpo que deixa uma impressão mais duradoura nos peregrinos.

Não acreditando ter percorrido todo este trajeto e já estávamos quase perto do destino final. Não sabíamos quanto tempo ainda levaríamos até lá e nossos pés já estavam doloridos e inchados. Desejei ficar ali sentada, tal o cansaço. O barulho da água passava uma sensação de tranquilidade, de paz. Ao longe, víamos a movimentação das pessoas, então tivemos que prosseguir, pois não queríamos chegar por último. Em seguida, fomos recepcionadas pelos organizadores com bananas e água. Recebemos palavras de incentivo e a advertência de que a

chegada não estava longe. Pelos meus cálculos, deveríamos percorrer uns cinco quilômetros até a Igreja de Santa Rita de Cássia.

Nessa altura, já estávamos brincando sobre a ideia de chamar um táxi ou pegar um ônibus para casa, pois nossos corpos já não respondiam mais. A cada passo os pés latejavam, os joelhos não queriam dobrar e o corpo já estava no limite. O calor da hora era intenso, pois o relógio marcava 12h30. Esse trecho do percurso era o mais tranquilo, por ser plano e ter muitas árvores que amenizavam a alta temperatura. Passamos pelos Arcos de Ipanema, um dos cartões postais da cidade, e resolvemos parar para tirar fotografias e descansar um pouco. Apesar de já estarmos bem próximo do nosso destino final, estávamos cada vez mais desanimadas. Seriam mais uns 15 minutos de caminhada até a Igreja, mas, esses minutos finais se tornaram uma eternidade.

Nossos pés e pernas já não nos obedeciam mais, mas mesmo assim fomos levadas pela felicidade de estarmos quase lá. Eu já estava caminhando no automático. Faltavam poucos passos para atingirmos os 21 quilômetros. Nesses últimos passos, observamos uma paisagem mais plana, com muitas árvores antigas, e com menos pessoas nas ruas. A região é plana e as casas são mais simples e grandes. Virando à esquerda, avistamos a Igreja ao longe. Não acreditávamos! Mais alguns passos, e pronto! Chegaríamos ao nosso destino para um bom descanso e almoço. Ao chegar na Igreja, minhas pernas não aguentavam mais, tremiam, o corpo travou, e eu pensei: mais alguns degraus e pronto, teria o descanso merecido.

Quando chegamos ao salão, percebemos que muitas pessoas já tinham almoçado e que éramos quase as últimas. O cardápio oferecido era muito bom: pão, galeto, salada de batata, tomate e arroz, típico cardápio de confraternizações nas Igrejas Católicas. O valor cobrado pelo almoço e bebida foi de R\$ 25. Com o nosso esforço, mesmo comendo bananas ao longo do trajeto, o almoço foi necessário para reestabelecer nossas energias.

O salão estava lotado, parecia um dia de festa na igreja. Nos sentamos em uma mesa enorme com muitas outras pessoas que estavam alegres e cansadas. Suas expressões demonstravam isso. Após o almoço, cada pessoa seguiu para a sua casa. Alguns pegaram taxi, outros foram de ônibus ou então de Uber. Quando entrei no Uber, o motorista perguntou o que era essa movimentação toda, e eu expliquei. Ele não acreditou que todas aquelas pessoas tinham feito um trajeto tão longo, apenas pelo caminhar.

A experiência de caminhar tantos quilômetros em um único dia foi interessante. No primeiro momento, acreditei que seria fácil, mas ao longo dos quilômetros percorridos e também do aumento do calor, fui percebendo que não estava tão preparada assim. Havia a sensação de querer abandonar tudo e ir embora. Mas seria uma frustração ir para casa e saber que não cumpri o que tinha em mente. Mesmo com as dificuldades, sofrimento e exaustão, não desisti. O bom nisso, é que tinha a Tatiana para me dar apoio.

A primeira providência ao chegar à casa foi tomar um relaxante muscular, um bom banho e descansar. Demorei um pouco até que meu corpo se acostumasse com o descanso merecido. A sensação no outro dia era de ter percorrido uma maratona, mas estava com a alma mais leve, com a sensação de ter superado as dificuldades do caminho e de poder desfrutar dos momentos proporcionados pela “experiência do estar lá” (GEERTZ, 1989).

Ao realizar todo o percurso, observei que o roteiro organizado percorria os locais turísticos e religiosos da cidade, como forma de divulgação do turismo local. A intenção era de atrair mais pessoas e turistas para a nossa cidade que oferece atrações como: Igrejas históricas, museus, a orla do Guaíba com muitos serviços disponíveis e também muitos hotéis. A proposta aqui apresentada é a divulgação do turismo religioso na cidade e, conseqüentemente, a divulgação do Caminho de Santiago de Compostela. A pessoa, ao realizar esse percurso, terá uma ideia do que encontrará em sua jornada (subidas, avenidas, praças, locais históricos, descidas, calor), como também, se inspiraria para sair em caminhada na milenar Santiago de Compostela e descobrir seus muitos percursos e histórias.

Por meio dessa experiência, do explorar o ambiente, da observação da natureza, as pessoas têm tentado encontrar uma interface entre a natureza e sua espiritualidade. E foi através desse novo contato, da busca da relação com o meio ambiente, com os novos sistemas de crenças religiosas que as caminhadas começaram a se tornar um demarcador de mudanças. Acredito que, foi pensando nisso que a Associação junto organizou o Caminho de Porto Alegre, aproveitando assim um circuito (ZELIZER, 2011) de atividades no qual os caminhantes são inseridos.

A vivência adquirida com a caminhada em Porto Alegre me fez perceber a potencialidade da observação participante e, também os meus limites físicos. Ela é

uma experiência individual e coletiva que produz experimentações e novas interrogações sobre os diversos sentidos da peregrinação.

5 O CAMINHO DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

O céu estava azul-celeste e, a minha frente, estava a linda e imponente Catedral de Santiago de Compostela. Sim, eu estava ali, eu consegui! Parecia um sonho, mas, durante três anos imaginei como seria chegar à Santiago de Compostela e, como seria realizar a peregrinação.

Figura 04 - Catedral de Santiago de Compostela.



Fonte: Acervo pesquisadora (2019)

Nessa parte do trabalho, trago o relato da minha experiência no Caminho Português, a partir da cidade de Ponte de Lima, Portugal. Esse percurso é escolhido por muitas pessoas, sendo o segundo em escolha. Não descreverei o trajeto como ele aparece nos guias, com descrições de vilarejos, monumentos e paisagens. Trata-se, antes de tudo, da descrição dos entusiasmos, dos desassossegos e dos diversos sentimentos que vivenciei ao longo da trajetória.

Qualquer peregrinação depende do ponto de partida, do estado da alma de quem se propõe a caminhar e terá sempre um resultado individual. Não é um caminho para todos, mas os que se arriscam, com certeza, estarão sozinhos nas suas inseguranças e desafios.

Depois de realizar a minha primeira experiência no Caminho de Porto Alegre, em 2018, percebi que deveria realizar mais caminhadas e fortalecer minhas pernas para os longos percursos que viriam pela frente. Não consegui fazer isso por muito tempo, pois outros compromissos ocuparam meu tempo e minha atenção. Como não tinha nada decidido sobre a data da minha próxima caminhada, não me preocupei mais com isso, achando que ficaria bem.

O Caminho começou muito antes de eu fechar a porta de casa. Ao longo desses meses, fui organizando tudo na minha cabeça, mas aquele impulso de sair, de deixar tudo para trás e percorrer o caminho, fui deixando para o momento certo.

O ano de 2019 iniciou e a vontade de realizar a peregrinação para enriquecer minha pesquisa foi crescendo com o tempo. Decidi que deveria começar a preparação. Ao longo de alguns meses, procurei informações sobre alimentação, passagem aérea, tipo de calçado, tamanho da mochila, vestimentas adequadas, os primeiros socorros, e claro, as meias específicas que absorvem o suor dos pés, além de aprender como lidar com as bolhas e dores corporais. Como eu não sabia onde comprar esses equipamentos e vestimentas, perguntei para Beatriz se ela poderia me passar algumas dicas.

A busca pelas vestimentas corretas era necessária para se realizar uma boa caminhada. A bota ou o tênis deve ser de um número maior que o do pé, para não ocasionar bolhas. Vestimentas leves e de material de secagem rápida. A toalha de banho deve ser a menor possível, feita de um material que seque rapidamente. A mochila não pode ser muito grande. Deve-se carregar o mínimo de roupas e objetos possível. Deve-se preocupar em levar um chapéu, água e protetor solar. Além de estarem disponíveis em vários blogs, vídeos e livros, essas informações foram sempre expostas nas reuniões da Associação, e também pelas pessoas que eu entrevistei.

Para escolher esses equipamentos com calma, fui várias vezes em uma loja especializada em equipamentos de esportes, cujo atendentes estão à disposição para orientar.

Depois de já ter escolhido a cor e o tamanho da bota, a calça, algumas blusas térmicas, e o saco de dormir, foquei em escolher qual caminho que iria realizar. Como sempre fui fascinada pelas histórias dos castelos europeus, em dúvida qual rota escolher. Fui pela eliminação dos dias. O Caminho Português é o mais rápido e também é descrito como um roteiro de importantes sítios históricos. Então, decidido!

Seria a rota portuguesa a minha escolha, pois poderia fazê-la em sete, ou no máximo dez dias corridos.

Informei a Beatriz sobre a minha escolha, e ela aprovou. Então Beatriz me falou que Janete, outra peregrina, estaria organizando uma peregrinação pelo Caminho Português nos meses seguintes. Não demorei muito para enviar uma mensagem para Janete via *WhatsApp*, que em seguida me respondeu. Me apresentei, disse que estava fazendo doutorado e, que meu projeto era de fazer o Caminho de Compostela ainda em 2019. Perguntei se eu poderia fazer uma entrevista e, Janete foi muito simpática, disse que eu deveria marcar um dia para conversarmos.

Trago Janete para meu trabalho, por ela ser a organizadora do grupo que acompanhei e, também, por ela ter uma longa relação com o Caminho de Santiago de Compostela.

5.1 JANETE: A ORGANIZADORA DO GRUPO

A partir das minhas pesquisas e entrevistas, conheci Janete. A história que será contada foi importante para compreender como o Caminho de Santiago de Compostela impactou a sua vida. Decidimos que a entrevista seria feita via internet. Optamos por esse tipo de encontro, por causa dos nossos horários serem desencontrados.

Era uma noite fria de inverno, por volta das 21h, quando nos conectamos e começamos a conversar. Janete estava bem acomodada em uma cadeira confortável, dava para perceber pela forma como estava sentada. Começamos descontraídas, falando do frio que estava fazendo e como rezávamos para que o verão chegasse logo. Depois de divagarmos, Janete começou a contar um pouco sobre a sua vida. Nesse momento, alguns cachorros latiram ao fundo, atrapalhando a nossa conversa e o barulho da chuva, que se fez forte levou Janete a lembrar que, ao longo do Caminho, era possível haver chuva e que, por isso, era bom ir física e espiritualmente preparada.

Janete é terapeuta, vive em Porto Alegre com seu segundo marido. Ela tem 52 anos e adora fazer caminhadas. Conta que não tem filhos por escolha, mas que adora os animais, principalmente os gatos. Janete começou contando como foi a sua ligação com a Associação dos Peregrinos – ACASAGRS. Ela estava

interessada em realizar umas caminhadas em locais diferentes, quando soube que a Associação organizava grupos e os levava para caminhar em alguns locais no interior do Rio Grande do Sul. Então, entrou em contato com a organização e se inscreveu para uma nova experiência. Gostou tanto que não parou mais. Aos poucos se viu envolvida com a organização dos grupos, das reuniões, jantares e logo percebeu que já estava fazendo parte da diretoria.

Janete sempre foi ativa, fazia trilhas, expedições e sempre frequentou academias. Mas, para ela, fazer uma peregrinação era algo que não se encaixava com suas ideias. Quanto mais ela se envolvia com a Associação, mais ela se perguntava sobre querer ou não experimentar esse tipo de caminhada. Janete sabia tudo sobre peregrinação a Santiago de Compostela, sabia explicar sobre as rotas, as necessidades básicas, o que levar, mas não tinha a experiência real. Ao longo dos anos em que fez parte da diretoria da Associação, Janete disponibilizava seu tempo com as pessoas.

Eu saía com eles para tomar um café, porque as pessoas tinham uma necessidade de falar, de desabafar. Eu percebia que para muitas pessoas, a vida tinha virado de pernas para o ar, pessoas que achavam que era apenas uma experiência física ou o desafio físico e ficavam com a vida revirada. Algumas pessoas voltavam com decisões precipitadas, queriam trocar de emprego, se separar, ou de fazer coisas loucas e, também, ficam viciadas em fazer o caminho. Essas pessoas diziam que precisavam voltar o quanto antes no caminho.

Mesmo depois de conversar muito, os frequentadores da Associação, e de ouvir seus desabafos e relatos, Janete não sabia se estava preparada para isso. Mas, conta ela, em um dia qualquer, tomou a iniciativa de comprar as passagens para a Espanha e sair em busca dessa nova aventura, embora tivesse muitas dúvidas em relação a sua própria escolha. Alguns meses antes da viagem, Janete trabalhou muito a sua ansiedade e fez muita terapia. Decidiu que realizaria a caminhada sozinha, que não queria ninguém conhecido. Janete comentou que, ao saberem que ela iria fazer a caminhada, seus interlocutores já estavam se convidando para ir junto. Ela ficou nervosa com essa questão, então decidiu avisar a todos que não, naquele momento, ela iria sozinha. Foi então que, por impulso, decidiu fazer o Caminho Francês.

Ao chegar a Saint-Jean-Pied-de-Port, escutou ao longe, pessoas conversando em português, então, ela decidiu que se juntaria aos outros brasileiros

para se sentir mais segura, já que não fala nada de espanhol. Entre os componentes do grupo, estava uma moça de João Pessoa e um rapaz de Brasília. Na primeira noite eles ficaram no mesmo albergue. O dia seguinte Janete descreve como “sendo mágico, perfeito e maravilhoso. Todo o caminho foi uma experiência formidável. É um aprendizado de como relacionar-se consigo através dos outros”. Nessa experiência, Janete conheceu a peregrina Patrícia, que hoje é sua grande amiga, “uma irmã de alma”, como ela diz.

Janete acredita que a peregrinação ou caminhada mudou a forma como ela enxergava o caminhar. Ela, que sempre buscou por desafios encontrou em cada caminho que realizou muitos obstáculos tanto psicológicos como físicos. Janete ficou fascinada pela liberdade que encontrou. Depois de voltar do Caminho Francês, já sentia a necessidade de organizar outras caminhadas e, de preferência, em outros trajetos do Caminho de Santiago.

A necessidade de voltar ao Caminho de Santiago era tanta que, no ano seguinte, Janete já estava de volta. Agora ela percebia o que os outros peregrinos sentiam e comentavam. A liberdade do caminho permite a conexão da pessoa com a natureza e consigo mesmo. Descobriu que precisava voltar toda a sua atenção para o seu interior, aos seus problemas de conexão com as mulheres. Isso porque, conforme descreve, Janete teve problemas de aceitação por parte de sua mãe, elas não tinham uma boa relação. Janete não aceitava as interferências de sua mãe e, muito menos tinha paciência com ela. Essas questões a levaram a fazer tratamento. Acredita que, aos poucos, tenha aprendido a aceitar mais a sua mãe e a não questionar tudo que venha dela. Mas esse é um esforço que ela precisa colocar em prática diariamente.

Conversamos por uma hora aproximadamente. Janete descreveu a sua primeira peregrinação, as suas amizades e também relatou como foram as outras caminhadas. Falou da nova peregrinação que estava organizando com sua amiga Patrícia, que seria realizada em 2019, em que acompanharia outras mulheres interessadas.

Marcamos de nos encontrar futuramente, para continuarmos a falar das peregrinações. Comentei com a Janete que, em breve, também faria a caminhada, só que não tinha nada decidido. Ela me incentivou muito e disse que seria uma grande aventura.

Depois de conversar com Janete, pesquisei os valores das passagens aéreas e as diversas rotas que eu poderia fazer para chegar à cidade do Porto em Portugal. Consegui uma passagem aérea via Madrid, com um bom valor. A data de saída de Porto Alegre era o dia 02 de outubro de 2019, com retorno em 15 de outubro. Eu estava com quase tudo organizado, só faltava o seguro viagem e a compra dos euros.

Enquanto eu organizava tudo para a minha peregrinação, continuava fazendo as entrevistas com os peregrinos. Voltei a contatar a Janete, para obter mais dicas. Marcamos um café na Cidade Baixa, um bairro de Porto Alegre, onde comemos um ótimo bolo de cenoura com cobertura de chocolate e uma xícara de café. Falamos de muitas coisas que eu precisava organizar, comprar e levar.

Comentei com Janete que tinha realizado a compra da minha passagem e passei as datas para ela. Quando ela soube que estaríamos realizando a peregrinação na mesma época, perguntou se gostaria de acompanhá-las. Achei que seria interessante fazer parte desse grupo pois, assim, teria um contato mais próximo com as peregrinas, observando de perto cada processo. Solicitei o roteiro que elas iriam fazer e organizei a minha peregrinação. Elas estariam alguns dias na minha frente, por isso, quando cheguei ao Porto, tive que pegar um ônibus para ir até a cidade de nosso encontro. Janete foi uma pessoa importante na minha pesquisa, pois, ao longo dos meses, se desenvolveu entre nós uma significativa amizade.

O grande dia havia chegado. Parti rumo à minha peregrinação com muitas perguntas e poucas certezas. Cheguei à cidade do Porto numa sexta-feira chuvosa. Logo que eu desembarquei, procurei uma loja de telefonia para comprar um chip e, assim, ter internet durante a minha peregrinação. O chip custou € 30. No momento, achei um pouco caro, mas depois descobri que a qualidade da conexão era ótima, muito rápida e que durou mais do que o necessário. Então valeu a pena.

Descobri um serviço de *transfer* por € 7 no aeroporto, que me levaria até o albergue, no centro histórico da cidade. Decidi utilizar esse serviço. Fiquei um bom tempo de pé no balcão da empresa esperando que alguém aparecesse. Algum tempo depois uma jovem chegou e me explicou como funcionava o serviço. Aceitei e paguei. Então tive que sentar e aguardar uma hora até o retorno do motorista. Aproveitei esse momento para comer os pastéis de Belém e beber um bom café. O aeroporto não é muito grande, mas muito moderno e novo. Possui uma intensa

movimentação de pessoas que a cada cinco ou dez minutos desembarcam muitos turistas, grupos de todos os locais da Europa, que chegam e já saem, não permanecendo muito tempo por ali.

Enquanto esperava o *transfer*, pensei em muitas coisas: em como cheguei até ali, em como tudo se organizou tão rápido, e, então, percebi a complexidade e o esforço físico que eu teria que enfrentar. Será que houve um chamado? O Caminho tem ainda um caráter religioso como na Idade Média? Eu estava ali para qual desafio?

Pensei no desafio físico, no sacrifício e, então, pensei no conforto do meu lar, no conforto que pode existir caso optasse por outra forma de percurso, acessando com bons serviços de transporte e, podendo chegar em algumas horas ao destino final. Aí, me perguntei como se explica que alguém decida sair em peregrinação a pé?

Logo que o motorista chegou, fui levada até uma Van, que acomoda umas dez pessoas mais as bagagens. Aguardamos mais alguns minutos para saber se teriam mais pessoas, mas felizmente, era só eu. O percurso demorou um pouco por causa da chuva e do grande trânsito existente em uma sexta-feira. Aproveitei para conversar com o motorista, que acabou sendo um guia particular. Ao longo do trajeto, ele foi contando sobre os lugares que íamos passando, sobre a história da cidade e, claro, dos inúmeros problemas existentes atualmente no país. O motorista disse que temos uma visão fantasiosa do país, que lá tudo é muito complicado, burocrático e demorado. Mas, em termos de turismo, podemos aproveitar muito, porque tudo é muito organizado e os serviços (comidas, passeios, hospedagens) possuem preços acessíveis.

Depois de aproximadamente uma hora, já estava na recepção do albergue. Muito bem localizado, apenas alguns metros de distância até a margem do rio Douro, no bairro da Ribeira. O bairro é famoso pela grande agitação noturna, bares, restaurantes e um belo calçadão à margem do rio, onde as pessoas podem apreciar a ponte de Don Luís, toda iluminada à noite, e admirar o outro lado do rio, com seus casarios antigos contrastando com a bela roda gigante e seus inúmeros barcos pesqueiros ancorados à margem.

Após fazer o *check-in*, me acomodei na minha cama beliche. O quarto acomodava oito pessoas, todas mulheres e possuía umas seis janelas enormes, que davam para a rua central e para a ruela ao lado do albergue que costeava as

muralhas do mosteiro. A minha cama era a de cima. Então, eu tinha que me equilibrar para subir e descer. O mais legal é que cada cama tinha uma cortina, para dar mais privacidade, além de bloquear a luz, e tinha uma tomada individual. O prédio do albergue foi todo reformado, deixando à mostra as paredes de pedra. Por fora, ele é todo coberto de azulejos típicos portugueses, um charme!

Figuras 5 - Fachada do *Hostel* na cidade do Porto, e o quarto com beliches



Fonte: Acervo pesquisadora (2019)

No dia seguinte à minha chegada na cidade do Porto, eu acordei cedo, organizei minhas coisas e fui tomar café. O local onde era servido o café ficava no subsolo do prédio e parecia uma masmorra medieval, com seus arcos e paredes de pedra. Não demorei muito pois queria aproveitar a cidade e fazer um passeio turístico. A minha localização era perfeita, próxima de muitos pontos turísticos, então, pude fazer quase tudo a pé. Utilizei o ônibus turístico para conhecer locais mais afastados. O dia foi muito proveitoso. Não estava chovendo e a temperatura era agradável. Ao final do dia, de volta ao albergue, fui pesquisar onde era a rodoviária, pois, no dia seguinte, eu iria fazer o percurso de ônibus até a próxima cidade, onde eu iria começar o Caminho de Portugal.

Fiquei alguns minutos na recepção observando a movimentação do albergue. Chegaram muitas pessoas, de todas as idades, carregando mochilas pesadas e, aparentando cansaço. Algumas delas estavam com a pele muito bronzeada, sinal de que haviam chegado à cidade ao final da sua peregrinação. Outras pessoas estavam com as mochilas limpas e novas, o que insinuava que estavam no início da sua jornada. Observei as vestimentas dessas pessoas: roupas confortáveis, botas de caminhadas, mochilas com muitos adereços como as vieras, bandeira de seus países, chapéus pendurados e o cajado ou bastão de apoio. Percebi que existe uma clara diferenciação na forma de se vestir do peregrino em relação aos demais turistas e viajantes.

Nos livros que li sobre as peregrinações na Idade Média, muitos descrevem como eram as vestimentas dos peregrinos. Todos eles utilizavam vestimentas simples e, levavam apenas o necessário. Antes de saírem em caminhada, participavam de uma cerimônia para receber o cajado e uma bolsa de couro que eram abençoados (DUNN, 2015). Muito diferente de hoje em dia, em que as pessoas procuram sair em caminhadas com as melhores vestimentas, com os melhores equipamentos e não existe uma cerimônia com benção. Existe um ritual de entrega da viera ou concha junto com a credencial, mas apenas isso.

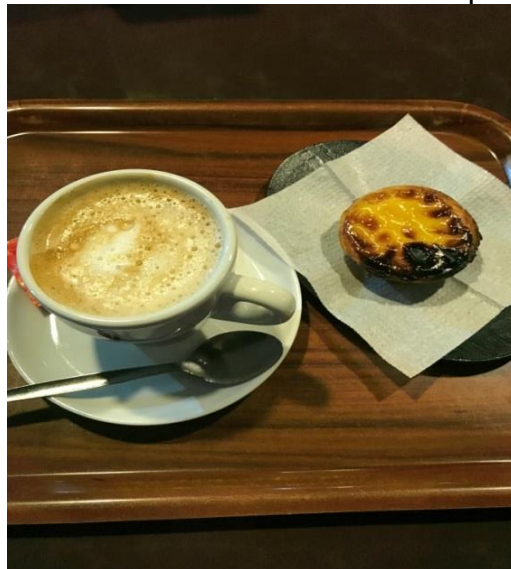
Para os peregrinos, os símbolos são tão importantes quanto a própria caminhada. Nenhum peregrino ou caminhante começa a sua jornada sem uma vieira ou concha. Este é um amuleto de boa sorte que deve estar sempre junto ao peregrino. É um símbolo do nascimento espiritual ou simbólico da vida (FERNÁNDEZ ARENAS, 1995). A vieira era o símbolo de Vênus, deusa do amor e da beleza. Para os povos antigos do mediterrâneo, era um amuleto contra o mal olhado. Atualmente, as conchas são presas às mochilas dos peregrinos como forma de identificação e símbolo que atrai boas energias.

Para Geertz (1989), o sistema de símbolos é uma rede de significados passíveis de ser decodificadas como uma forma de interpretar a realidade.

Organizei-me para dormir cedo, mas não consegui por causa do barulho feito pelas meninas chinesas ou japonesas que estavam no mesmo quarto, dormiam o dia inteiro e saíam à noite para as festas. Elas começavam a se arrumar por volta das oito horas da noite, e ficavam trocando risadinhas e cochichos até às onze horas. Fui dormir um pouco mais tarde do que eu desejava.

Acordei cedo e, organizei as coisas. A cidade estava movimentada, com turistas por todos os lados. As ruelas começaram a ficar apertadas de tantas pessoas que ali estavam tirando muitas fotografias. A recepcionista do albergue me disse que nos finais de semana, a cidade fica repleta de turistas de vários lugares da Europa. Por volta das onze horas, fiz o *check-out* e fui caminhando até a rodoviária que não fica no centro histórico. Como era sábado, tinha apenas um horário de saída para a cidade de Ponte de Lima, às 13h. Então, me sentei na cafeteria, comi um pastel de Belém e bebi uma xícara de café com leite.

Figura 6 - Uma xícara de café com leite e um pastel de Belém.



Fonte: Acervo pesquisadora (2019)

Enquanto estava aguardando o horário passar, mexi nas configurações do celular e, em seguida, não tive mais acesso à internet. Procurei uma pequena loja de artigos de celulares na rodoviária e expliquei a situação. Não sabiam como me ajudar e me indicaram uma loja no shopping. Tive que sair correndo da rodoviária, carregando a minha mochila com seus seis quilos, até o shopping que ficara a umas seis quadras. Muitos moradores não sabiam como explicar como eu chegaria até o shopping a pé. Por eles, eu tinha que ir de metrô. Fui então até uma pequena cafeteria na esquina da grande avenida e pedi informações. Um rapaz foi muito simpático me disse que era só seguir reto, que logo eu encontraria o shopping. O tempo voava. Não poderia ficar sem internet e muito menos perder o ônibus. Cheguei ao shopping e não demorou dois minutos para que o atendente resolvesse o problema. Enfim, eu teria que correr, pois faltavam vinte minutos para o ônibus

sair. Cheguei a tempo, mas com o coração na mão. Começava ali mais uma etapa da minha experiência.

Começaria o meu percurso como peregrina na cidade de Ponte de Lima, Portugal. A partir dessa pequena cidade, eu iria percorrer os 152 quilômetros a pé até Santiago de Compostela, partilhando com os demais peregrinos as experiências, os albergues, as dificuldades, as alegrias e o cansaço. Também teria o contato com a natureza, com as belas paisagens, com a história local e, principalmente, com as pessoas que vivem e trabalham ao longo do percurso.

A rodoviária da cidade de Ponte de Lima é pequena, e como era sábado, as poucas lojas que ficam no local estavam fechadas. Ao sair da rodoviária, fiquei por alguns minutos tentando identificar para qual direção deveria seguir. Caminhei por cerca de dois quilômetros da rodoviária até o albergue municipal e tive que usar o *Google Maps* para me guiar até o albergue, pois não encontrei ninguém que pudesse me auxiliar. Nesse momento agradei meus esforços por ter ido até o shopping para arrumar a internet. Chegando lá, me encontrei com Janete, Patrícia e Maria Fernanda. Elas estavam a minha espera. Ficamos no mesmo quarto, que foi reservado pela Janete. Agora éramos quatro brasileiras.

Logo após a minha chegada, Janete, Patrícia e Maria Fernanda foram conhecer o centro da cidade e eu fiquei para organizar as minhas coisas. Depois de ajeitar tudo, fui ao encontro delas no centro. Ponte de Lima, em Portugal, é uma das cidades mais antigas da região. Suas construções têm estilo medieval. Seu cartão postal é a ponte que foi construída pelos romanos durante a invasão romana no século I, e reconstruída em 1115, por Dona Teresa de Leão, a condessa de Portugal. É uma pequena cidade que possui uma vasta história e, em cada passo temos a sensação de voltar no tempo, através de seus castelos, igrejas e muralhas medievais.

Resolvi caminhar pela cidade como uma turista, sem rumo e sem pressa. O albergue em que estávamos fica a poucos metros do rio Lima. Na margem do rio, existe um caminho todo em cascalho fino com um lindo gramado, convidando a caminhada ou ao descanso. Ao chegar à margem do rio, ao longe se observa a ponte nova e mais ao fundo, uma bela ponte medieval. Caminhei em direção à ponte antiga margeando o rio que me levou à um belo caminho amplo, repleto de lindas e enormes árvores. A minha direita, lindas casas e seus belos jardins. Algumas casas

coloniais com seus enormes muros e seus portões de ferro dão a sensação de que o tempo não passou por ali.

A brisa era suave, ao fundo apenas o som dos galhos das árvores e o barulho do rio, deixando a paisagem ainda mais bela. Os inúmeros bancos verdes espalhados pelo caminho convidavam quem passava a parar por alguns minutos e a observar a natureza. Caminhei sem pressa. Confesso que não queria mais sair dali. Adoro pensar na história da cidade e imaginar como ela era e, como se desenvolveu ao longo dos séculos.

Quanto mais eu caminhava, mais coisas eu observava. Notei do outro lado do rio uma moça nadando. Fiquei surpresa com a coragem dela, pois havia uma brisa gelada e, com certeza a temperatura da água deveria estar bem mais fria.

Enquanto absorvia aquela energia, recebi uma mensagem de Janete pelo *WhatsApp*, com a localização em que estavam. Fui ao encontro delas e, descobri que havia uma Feira Internacional dos Jardins⁸. A feira acontece todos os anos e envolve pessoas de todos os países. É um concurso temático em que os participantes criam jardins incríveis e os visitantes podem caminhar e interagir com eles.

Encontrei as três no pátio da sorveteria local, dentro do parque. Tomamos um sorvete e saímos para conhecer o local. Ao caminharmos pelos belos jardins, entramos em quase todos eles e fizemos a nossa análise do local. Uma outra peregrina se juntou a nós. Ela era alemã e se chamava Jana. Falava um pouco de inglês e era muito simpática. Janete, Patrícia e Maria Fernanda já a conheciam de uns dias anteriores, mas ainda não estavam próximas. Depois fiquei sabendo que a moça que estava nadando no rio era ela. Ela me disse que está acostumada a nadar em locais gelados, pois mora em uma região que faz muito frio no inverno, e que a temperatura ali estava ótima.

Caminhamos pelos diversos jardins, e por ali ficamos um bom tempo, observando cada detalhe, nos envolvendo com a atmosfera criada pelos participantes, onde a beleza e a sensibilidade estão presentes. Aproveitamos os diversos temas expostos nos jardins para tirarmos muitas fotografias. Depois de percorrer os diversos jardins, decidimos conhecer a cidade e assim já ficamos para o jantar.

⁸ Site: <https://www.festivaldejardins.cm-pontedelima.pt/>

Ao chegarmos à parte central da cidade, percebemos uma grande movimentação de carros e ônibus chegando. Descobrimos que nesse dia estava ocorrendo uma festividade local chamada Feiras Novas, que é celebrada desde 1125. Festejam o término do verão e o início do outono, com danças, cantos, e fogos de artifício. Ao final do dia, a cidade ficou repleta de moradores e visitantes. Com o dia lindo e a temperatura agradável, pudemos aproveitar o anoitecer. Escolhemos um restaurante em frente à praça principal e bem próximo do rio. Nos sentamos em torno de uma mesa que estava na calçada, e ali ficamos observando o movimento. Pedimos bebidas e alguns petiscos. Achamos interessante o restaurante ser dentro de uma torre, então a garçonete nos disse que a torre tinha sido uma cadeia medieval que foi construída durante o reinado de Dom Pedro I, no século (ALMEIDA, 2007).

Enquanto estávamos bebendo e conversando sobre a beleza da pequena cidade, Maria Fernanda foi bem direta e me perguntou sobre o que eu estava fazendo lá, o que queria saber, quais às perguntas faria a elas. Por alguns segundos, pensei em falar sobre as minhas questões, mas pensei mais um pouco e decidi dizer que estava ali para ter experiências e apenas observar. Tive que ser o mais natural possível, pois, respostas pensadas e organizadas não teriam sentido em minha pesquisa. Aos poucos elas foram se sentindo mais confiantes e se abrindo mais.

A sensação foi estranha. A dificuldade em manter contato e ter conversas mais detalhadas foi difícil no começo (MALINOWSKI, 1986). Mas aos poucos, as coisas começaram a ficar mais claras e os assuntos começaram a ter mais significados. Decidi que não faria nenhuma pergunta específica nos primeiros dias, até que conseguisse um pouco mais de confiança da parte de Maria Fernanda e Patrícia, já que eu estava tendo o primeiro contato com elas naquele dia.

No dia seguinte, acordamos cedo, por volta das 06h, organizamos nossas coisas e descemos ao salão do albergue. Chegando à recepção, os funcionários tinham preparado um pequeno *kit* do peregrino para nós. O *kit* continha um pão, um cereal, uma geleia e um suco. Ficamos agradecidas pelo carinho e atenção que tiveram conosco. Saímos em seguida e caminhamos até o centro da cidade costeando o rio. O sol ainda não tinha nascido, estava frio. Procuramos por uma padaria para tomarmos café e decidimos comprar uns sanduiches para o caminho.

Janete sabia que durante a caminhada não encontraríamos nenhum local para comer.

A cidade estava silenciosa e as únicas pessoas que encontramos foram os donos da cafeteria e mais alguns peregrinos. Após o café, saímos em direção ao nosso trajeto. O sol estava nascendo e iluminava o pico do morro a nossa frente. Ao passarmos pela ponte romana, tive a sensação de deixar algo bom para trás. Naquele momento a cidade estava vazia e a ponte era somente nossa. Não imaginava que em algum dia atravessaria uma ponte com mais de dois mil anos. Seguimos as setas amarelas para sairmos da pequena cidade e encontrar o nosso trajeto.

Na vida, há sempre momentos que exigem de nós uma maior atenção e também um maior esforço para ultrapassar os desafios. Nesse momento, eu não sabia a situação pela qual eu passaria mais à frente. Até então, o momento era de calma e beleza.

O barulho do rio acalmava e dava uma sensação de paz. A cada passo a paisagem mudava e os casarios e prédios medievais estavam ficando para trás. Sem as setas amarelas, com certeza não conseguiríamos sair da pequena cidade, pois existem muitas ruas e estradas que poderiam nos levar aos mais diversos locais. Todos os livros, sites, blogs e indicações de peregrinos sempre foram específicos em dizer para cuidar os trajetos pelas setas amarelas. Elas estão ali para auxiliar na caminhada e a chegar com segurança aos locais.

As setas nos direcionaram para uma pequena estrada de terra, que estava situada em meio a um agradável bosque. Ao nos afastarmos mais da bela cidade, a natureza chamava a nossa atenção, com suas flores, frutos e alguns animais, possibilitando momentos de contemplação. O silêncio era tanto que às vezes incomodava. Em algumas casas, encontramos alguns cachorros grandes e lindos, sentados próximos aos portões esperando que passássemos. Não reagiam à nossa presença, apenas nos observavam. Um deles chegou a dar a pata, como forma de saudação. Já estão acostumados com os peregrinos que por ali passam todos os dias.

No trajeto, tanto nas pequenas quanto nas grandes cidades, as pessoas estão inseridas num contexto religioso que existe em torno da peregrinação. Ao longo dos caminhos, quando nos afastamos dos grandes centros, a fé católica torna-se mais evidente. Ela está expressa nos azulejos pintados com motivos religiosos,

cruzes e símbolos do caminho de Compostela. Ao nos deslocarmos entre as pequenas cidades, esses símbolos aparecem ao longo dos percursos, como forma de proteção.

Andamos alguns quilômetros e logo percebemos que estávamos percorrendo as pequenas vilas, pois encontramos um senhor levando suas vacas para pastarem no campo que ficava a alguns metros de sua casa. Tivemos que esperar até que eles passassem. Ele foi muito simpático e nos deu um “*Buon camino*” como expressão de desejo de boa sorte.

Uma das vilas por onde passamos era pequena, situada em meio as grandes plantações de uvas e de criação de animais. As casas eram grandes e construídas em pedra. Possuíam jardins repletos de flores diversas e coloridas. A estrada serpenteava o interior da vila, dando a sensação de estarmos caminhando em uma época distante, onde o mundo moderno não faz parte.

Ao longo da caminhada, o silêncio é quebrado pelos sons dos passos, que são constantes. O caminhar repetitivo nos leva a ouvir o cantar dos pássaros, a sentir o sol no rosto, a brisa na pele, e a dor no corpo. Ao empreender a peregrinação, a pessoa coloca em exercício, não só os músculos, mas o corpo existencial. Como explicou Mauss (1974, p. 217) “[...] o corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem [...] o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem e seu corpo.”.

Fiquei tão focada na movimentação, nos meus pensamentos livres que nem percebi a nossa frente um senhor que estava levando suas duas vacas até o pasto. Tivemos que parar e aguardar a sua passagem. O senhor acostumado com os peregrinos ficou feliz em trocar algumas palavras e, pediu desculpas por atrapalhar a nossa jornada. Parei por alguns minutos de descanso e aproveitei para registrar esse momento.

Figura 7 - Pequena vila e seus moradores.



Fonte: Acervo pesquisadora (2019)

As pessoas que ali vivem são simples, trabalham em suas chácaras, se é que podemos chamar assim, e, pelo que percebi, estão acostumadas com o movimento dos peregrinos, pois se mostram alegres e não se incomodam com nossas perguntas, pelo contrário, adoram conversar. Após algumas horas de caminhada, encontramos um senhor que andava pela rua e logo foi puxando conversa. Disse que ele e o padre local eram os responsáveis por organizar o Caminho de Santiago naquela região desde 1980, pintando as setas amarelas e também colocando as placas que informam as quilometragens. Ficamos uns quinze minutos ouvindo as suas histórias. Assim, pudemos descansar um pouco, mas não deveríamos demorar, pois ainda estávamos no início da jornada.

Caminhamos por algumas horas e chegamos ao último local de paragem com estrutura (banheiros e um bar) antes de entrarmos na floresta ou serra Labruja. O itinerário percorre toda a zona montanhosa entre Ponte de Lima e Rubiães, permitindo um contato com elementos naturais (rios, árvores, animais), e antigas construções (muros medievais).

Até então ficara atenta às reações do meu corpo, e, por vezes fui tomada por certo medo de não conseguir seguir a diante devido à falta de preparo físico. O calor já estava afetando meu humor. As dores foram aparecendo ao longo dos quilômetros percorridos. Comecei a andar um pouco mais devagar, até porque meu

joelho estava começando a doer e minhas costas estavam pesadas. Percebi que não deveria sobrecarregar meu corpo e, sim, dosar a ansiedade de chegar logo ao fim.

Realmente não imaginava o que tinha pela frente. Percorremos alguns quilômetros entre fazendas e a rodovia da região. Passamos por pequenas e estreitas pontes de madeira que sinalizavam a divisa dos terrenos. Também tive a oportunidade atravessar e percorrer um trecho do caminho por debaixo de uma grande ponte da rodovia. Logo entraríamos na grande floresta.

Figuras 8 - Montanha Labruja, Portugal



Fonte: Acervo pesquisadora (10/2019)

Este caminho é de grande dificuldade por possuir um trajeto íngreme e está repleto de pedras soltas de vários tamanhos. Ao perceber o percurso que me esperava logo à frente, pensei em desistir. Mas fui movida pela vontade de chegar e ver o que tinha lá em cima. Ao longo desta aventura, me perguntei várias vezes o que eu estava fazendo ali. Ao subir a montanha, parei muitas vezes tentando respirar e encontrar o real motivo de estar ali, naquele momento, sofrendo. A pergunta que não saía da minha cabeça era: Por que fazer isso? Por que sofrer tanto assim? Sim, naquele momento eu estava sofrendo por não ter um bom preparo

físico e por não ter acostumado meu corpo para esse desgaste. Carregar a mochila e subir uma montanha íngreme com muitas pedras soltas, para mim, era um sacrifício, demandava muito esforço físico e atenção para não escorregar.

Não era uma sensação somente minha. Em cada pessoa que eu encontrava nessa subida, percebi também o sofrimento. Talvez eu estivesse sofrendo mais, pois tinha o joelho contra mim, o desconforto com o peso da mochila e o calor. No meio da natureza, o vento não existe e a sensação é de um forno. A cada parada olhava para o céu em busca de forças e só via enormes árvores que levavam minha visão para um céu completamente azul. Tentava compreender por que milhares de pessoas todos os dias estavam percorrendo esse caminho. Acredito que essa questão me deu forças para continuar e tentar descobrir o que vinha depois.

No meio da subida paramos em um local chamado Cruz dos Mortos ou Cruz dos Franceses. Nenhuma das minhas colegas de peregrinação soube explicar com certeza o que a cruz representava. Depois de um dia, descobri que a cruz esculpida em pedra que está sob um pequeno altar de pequenas pedras é considerada sagrada e que as pessoas que por ali passam deixam fitas coloridas, pequenos amuletos, recados e agradecimentos. Esses gestos marcam a passagem dos peregrinos. Eles são motivados pela religiosidade e provocam fortes emoções.

Naquele local, eu me sentei, tirei a mochila e pensei ter sido vencida pela montanha. Respirei fundo, e esperei alguns minutos para continuar a minha subida. Minhas pernas tremiam pela força que estava fazendo e pelo cansaço.

O meu corpo estava exausto, tanto minhas costas como as pernas doíam muito. Segundo Csordas (2008) a experiência corpórea é fundamental para se entender a existência do sujeito e, assim, refletir sobre os pertencimentos, as sensações e sobre os diversos sentidos postos em jogo nessa caminhada. Para completar, meu joelho esquerdo começou a doer mais e, cada passo era um sacrifício. Tomei um remédio para dor e um relaxante muscular. A mochila que eu carregava pesava em torno de seis quilos, mas com o passar das horas, parecia que pesava cinquenta. Os remédios não ajudaram em nada. Acredito por ter ficado nervosa, foquei na dor.

Janete, que me conhecia há mais tempo, se ofereceu para ajudar com meu casaco e algo a mais, facilitando assim a minha caminhada. Disse para ela continuar, que eu estava indo, mas ao meu ritmo. Não acreditei quando cheguei ao topo, um lugar lindo e tranquilo. O vento estava suave e fresco, um alívio para o

calor que estava sentindo. Procurei uma boa sombra para poder me sentar, tirar as minhas botas, comer o sanduiche e descansar. Estávamos no topo e, consegui ver apenas a floresta abaixo e o céu azul. Tudo era grandioso e não se via nenhuma construção ou cidade por perto, só a natureza. Tiramos nossas botas e deixamos nossos pés descansarem ao vento. Nesse momento, Patrícia avisou para termos cuidado para que nossos pés não formassem bolhas, pois elas atrapalhariam muito e, dependendo da sua gravidade, elas poderiam fazer com que desistíssemos de continuar.

Aqueles minutos foram ótimos. Revigorar o corpo, e principalmente a mente, foi muito bom. Agora tínhamos mais alguns quilômetros até a próxima cidade, sem esquecer que deveríamos descer a montanha. Sempre depois de uma grande subida, não é grande a surpresa de encontrar uma grande descida. A descida era íngreme, cheia de dificuldades com as pequenas pedras soltas que davam instabilidade. Ao longo deste percurso, encontramos alguns peregrinos que também reclamavam da dificuldade deste trajeto. Ainda bem que eu não era a única a pensar assim. Não sei dizer o que era pior, se a descida ou a subida. A dificuldade era a mesma. Tínhamos que ter cuidado para não escorregar ou torcer o pé. Deveríamos andar bem devagar.

Já mais abaixo, a visão das plantações de vinhas dava a sensação de que logo estaríamos em nosso albergue. O caminho começou a ficar mais fechado, a floresta estava mais densa, e o barulho do pequeno rio nos acompanhou por um longo trecho. Não se ouvia uma palavra. Todas as pessoas que estavam ali, apenas caminhavam e se perdiam em seus pensamentos. Em que será que estavam pensando? Na vida que deixaram para trás ou no futuro? Eu só pensava em conseguir chegar ao albergue.

Em alguns trechos encontramos pontes romanas escondidas nos vales. Caminhamos alguns quilômetros e encontramos um bar pequeno que vendia bebidas geladas. O dono do bar era um senhor gordinho que parecia estar com sono, ou com muito calor, pois não se movia com rapidez. Nos sentamos para degustar uma bebida gelada e as meninas decidiram beber uma cerveja e, assim, descansar as pernas e os pés e permitir que o corpo se situasse na prática da caminhada. Notei que as minhas colegas de caminhada, não eram muito de conversar. Estavam sempre atentas umas em relação às outras, mas trocavam apenas as palavras necessárias. Enquanto estávamos sentadas, Patrícia me fez

algumas perguntas, mas tudo muito direto, sem dar margem para que a conversa continuasse. Talvez seja porque ainda não estávamos familiarizadas.

Logo em seguida, outros peregrinos também chegaram. O pequeno local ficou repleto de pessoas de várias origens. Nesse momento, percebi que meu corpo estava moído, destruído, eu não tinha certeza se conseguiria me levantar e dar mais alguns passos. Pensei no meu sacrifício físico e mental, e em como deveria focar minhas energias para chegar ao albergue.

O sacrifício é considerado, para muitos, uma forma religiosa de se chegar mais perto de Deus. A palavra sacrifício (do latim *sacrificium*, *sacer* + *facere*, “tornar sagrado”) é o gesto ritual através do qual algo ou alguém é retirado da condição profana e alcança o sagrado. É uma troca ou barganha para com a divindade. O sacrifício é uma realidade viva e ativa no homem moderno. Existem muitos tipos de sacrifícios e, desde os primórdios da humanidade, o sacrifício humano era praticado em homenagem aos grandes templos, em oferendas e em tempos de desastres naturais, como seca, terremotos, maremotos, etc. Na modernidade, o sacrifício está ligado ao corpo (VERNANT, 1991).

Mauss e Hubert (2013) defendem que a peregrinação se enquadra nos sacrifícios pessoais, pois durante a caminhada a personalidade do sacrificante é diretamente afetada, ou seja, o peregrino – o sacrificante- é a origem e o fim do rito, o ato começa e termina com ele.

Para algumas pessoas as peregrinações atuais não são mais tão exigentes no sentido dos sacrifícios corporais. Alguns peregrinos buscam os serviços de transporte de mochilas para os auxiliarem nas suas caminhadas. Nos meus momentos de exaustão, pensei seriamente em contratar um serviço de transporte de mochilas para amenizar um pouco a minha dor, mas acreditei que a dor passaria com o tempo, então, fui seguindo.

Ao longo do nosso caminho, muitos peregrinos nos aconselharam: “[...] faça com calma, não tenha pressa, aproveite cada momento, pois é valioso.”. Ter seu tempo na caminhada significa compreender cada processo da evolução espiritual e física. No começo, existem todos os obstáculos, os físicos e os mentais, que forçam nosso pensamento para a desistência. A cada dia, novas forças surgem dentro da gente, como uma forma de superação. Como estava na minha primeira etapa, ainda não estava acostumada com os problemas corporais que viriam. O corpo precisa descobrir e aceitar os obstáculos aos poucos, e assim, assimilar as dores. As

dificuldades são minimizadas dia-a-dia. Acreditei que seria assim, mas o meu joelho não queria ajudar.

Após alguns minutos de descanso, de fazer os pés se aliviarem das botas e saciar a sede, caminhamos por mais uma hora aproximadamente, até chegarmos ao albergue. Passamos por muitas plantações de uvas, por casarios de pedra antigos e por grandes fazendas. Optamos por caminhar pelas ruas de terra, margeando as belas plantações e, assim, “nos conectarmos” com a natureza. Chegamos ao albergue em um bom horário, pois conseguimos lugares para dormir. Lavamos nossas roupas, tomamos banho e providenciamos o nosso jantar. O albergue possuía dois andares, trinta e quatro camas, uma sala de convívio, jardim com várias mesas e cadeiras e uma cozinha simples, mas que oferecia o necessário para fazermos nossa refeição. Cada pessoa que utiliza as louças era responsável por deixá-las limpas para o próximo que chegar, essa é uma das principais regras dos albergues. O clima à noite era de alegria. Muitas conversas e risadas nas áreas comuns. Já no quarto, o único barulho era das pessoas arrumando suas mochilas, pois na porta estava um cartaz dizendo: Faça silêncio!!

Janete se ofereceu para fazer nosso jantar, uma massa deliciosa com molho de sardinhas com muitos temperos. Os ingredientes foram comprados no pequeno mercado próximo ao albergue. O valor total dos ingredientes mais as bebidas foram divididos em quatro. Depois de jantarmos, fomos lavar a louça que utilizamos, pois, outras pessoas estavam aguardando para também utilizar a cozinha.

Enquanto jantávamos, havia uma movimentação de pessoas entrando e saindo. Havia muitas pessoas em grupos e algumas sozinhas. Os grupos eram compostos por pessoas jovens, que falavam alto e buscavam companhia. Os peregrinos que estavam sozinhos eram mais velhos, se mantinham quietos e pareciam focados no seu objetivo pois liam livros sobre o caminho, olhavam mapas e escreviam muito. Nesse albergue, não havia horário fixo para dormir, por isso, algumas pessoas ficavam sentadas nos vários jardins próximos cantando e conversando. Decidimos nos reunir um pouco no jardim para conversarmos e passar o tempo. A noite estava muito fria, mas o céu nos presenteava com muitas estrelas brilhantes. Não permanecemos muito tempo na rua, pois tínhamos que organizar tudo para o próximo dia.

Na manhã seguinte, todos estavam em pé cedo. Já estavam acostumados aos horários, arrumavam suas coisas, buscavam algum lugar para tomar café e

saíam para a nova etapa da jornada. Janete, Maria Fernanda e Patrícia decidiram sair muito cedo e tomar café no caminho. Ao lado do albergue tinha uma cafeteria pequena, que oferecia várias opções de lanches para o café da manhã. Como eu não iria caminhar nesse dia, decidi tomar café ali. Enquanto estava ali, sentada, observei a movimentação dos peregrinos, que paravam para comer algo leve e já saíam em caminhada. Alguns, apenas compravam alguma coisa e não se demoravam muito. É muito interessante ficar observando os peregrinos e os moradores interagindo. Enquanto estava tomando café, sem pressa, conversei com os donos da cafeteria. Eles contaram que decidiram largar seus empregos para se dedicarem por completo à cafeteria, pois, na alta temporada da peregrinação, há um grande movimento de peregrinos e o lucro é muito maior. Nos dois meses de inverno, eles apenas administram o local, organizam o ano seguinte e descansam. Os moradores sempre motivam os peregrinos com um “*Buon Camino*” e com acenos calorosos.

Esse tipo de convivência, com a natureza, com as pessoas que moram ali, nos proporcionam aprendizados e mudanças, uma forma mais real de sentir e viver a vida. Assim, posso dizer que estas experiências serviram de motivação e inspiração para eu continuar. Pude perceber que todos os caminhantes que estavam na cafeteria tinham pendurado na sua mochila um símbolo típico do Caminho: a concha, ou viera. Esse é um símbolo que conecta as pessoas que praticam a peregrinação. Existem muitas lendas e histórias, mas a origem verdadeira deriva do fato que os peregrinos que regressavam do Caminho tinham que levar consigo uma concha como demonstração de haver cumprido com êxito a sua peregrinação.

Ao longo da caminhada, percebi que o sagrado tem muitas configurações. Ao ouvir a conversa de dois peregrinos na mesa ao lado, na cafeteria, percebi que suas experiências nesse caminho não eram relacionadas com uma religião específica. “É mágico. Adoro chegar aos albergues após um dia de caminhada. O acolhimento que temos é muito bom. Adoro as paisagens que encontro pelos trajetos, muitas se parecem telas de quadros, às vezes tenho vontade de ficar ali”, disse um deles. Como comenta Lima (2007, p.11), “[...] a peregrinação trata-se de uma aparatosa totalidade que parece obrigar, ainda que momentaneamente, à superação de cada um, num argumento evidente de que o indivíduo não se esgota no círculo de si mesmo.”.

Nesse dia, optei pelo serviço de taxi para a cidade de Rubiães até a cidade murada de Valença (Portugal) porque meu joelho estava inchado e doendo muito. Enquanto aguardava a chegada do taxi no albergue havia um grande silêncio no local. Sentei-me nas cadeiras que estavam desorganizadas no jardim. Em seguida uma senhora parou os seus afazeres para conversar um pouco comigo. Ela perguntou por que eu não tinha ido caminhar. Quando respondi que meu joelho estava machucado e que não queria abusar, ela me contou que um ano antes seu sobrinho que também fazia uma parte do caminho, teve que desistir, mas, no seu caso, por causa de bolhas enormes no pé.

Achei interessante fazer esse trecho de taxi, pois pude conversar muito com o motorista que era português e realizava este serviço dez meses por ano, enquanto a temporada da peregrinação está aberta. Nos outros meses, ele trabalha nas plantações de frutas que possui, uma outra forma de renda nos meses de frio.

Pedro, o motorista, me informou que muitas pessoas utilizam o transporte de taxi para levar as suas mochilas de um lugar a outro, e que como taxista presta somente com este tipo de serviço nesta região. Comentou também sobre a vida em Portugal, o sistema de saúde, a educação e sobre os políticos. Disse que tudo é complicado e caro, que precisam trabalhar muito para conseguir alguma coisa. Foi interessante observar como essas pessoas se organizam para oferecer seus serviços aos peregrinos e turistas. O serviço de taxi custou 10 euros.

Na chegada a Valença, fui deixada na parte histórica e central da cidade. As lojas ainda estavam fechadas, o dia estava lindo, mas frio. Caminhei por muitos locais, admirando tudo. A fortificação foi construída no século XII para o XIII, em defesa ao povoado. Dentro da fortificação estão lindas igrejas, muito antigas, também construídas na mesma época da fortificação. Enquanto caminhava, pensei em quantos peregrinos e viajantes já tinham realizado este trajeto. Hoje tudo está lindo, arrumado e organizado. Caminhei por entre as pequenas ruas me sentindo em um filme sobre a Idade Média e pensando na vida daquela época.

Durante o tempo em que fiquei passeando por Valença (Portugal), muitos turistas se aproximaram e perguntaram onde eu estava indo com a mochila. Quando eu falava que estava fazendo a peregrinação, todos se mostravam contentes e me desejavam boa sorte. Alguns turistas já tinham ouvido falar da rota, mas nunca tinham visto uma peregrina. Nesse momento pensei que era uma pessoa de outro

mundo, será que as minhas vestimentas eram estranhas? Como assim nunca viram uma peregrina?

Achei interessante o relato de uma senhora brasileira que estava em viagem com um grupo e se aproximou de mim querendo saber mais sobre a minha experiência. Ela disse: “[...] sempre sonhei em fazer a peregrinação, mas meu marido disse que não tenho condições físicas, então viajamos muito em grupos. Estou adorando essa região.”. Aproveite a sua experiência e boa sorte.

Depois de caminhar por quase uma hora, entre as muitas lojas e restaurantes, fui conhecer as Igrejas medievais ali existentes. Algumas possuem mais de mil anos. A Capela de Misericórdia estava aberta, então pude visitá-la. Ela possui poucas janelas, o chão é de madeira que range a cada passo dado, e, o silêncio é estranho. As esculturas são magníficas, com um colorido lindo, e os altares são de madeira esculpida. Não havia ninguém na igreja, somente eu.

Ao sair da Capela da Misericórdia, observei um senhor de uns noventa anos aproximadamente, abrindo a sua loja de antiguidades. Cheguei bem próxima às janelas para apreciar os objetos quando ele gritou, de dentro da loja, que tinha que seguir pela esquerda, passar pela muralha e ir em direção à Espanha. Agradei e disse que não estava perdida, apenas conhecendo o lugar. Ele abanou a mão como se desse um tapa no ar para baixo. Minha avó também fazia isso quando queria dizer que estava tudo bem e ela tinha entendido.

Em seguida fui em direção à muralha e passei pelos portões fortificados que me levaram a um túnel em direção à saída. Desci uma grande escadaria que me levou até a beira da calçada. Mais alguns passos, e estaria na ponte que faz à fronteira entre Portugal e Espanha. A ponte, toda de ferro, permite a passagem de carros e de pedestres. Caminhei por toda a sua extensão observando a sua altura. Havia uma brisa suave, que refrescava o calor do sol. Senti um frio na barriga por estar caminhando em uma ponte altíssima, com 318 metros de comprimento (TORRES, 1958). No outro lado da fronteira, não existe nenhuma fiscalização. A passagem é livre.

Ao atravessar a fronteira e entrar na Espanha, na cidade de Tui, observei que estava em outro universo cultural. A cidade, pelo menos naquela localidade, parecia abandonada. O horário em que cheguei era próximo das 14h, então, lembrei-me de que os espanhóis têm o horário do descanso entre as 14h e 17h. Torci para conseguir um local para almoçar, pois estava com muita fome. Por sorte, consegui

um restaurante aberto. Uma senhora muito falante me atendeu e foi muito simpática. Disse que tinha apenas um único prato do peregrino, e que eu estava com sorte. Então, almocei o prato do peregrino. Uma delícia. Na Espanha eles adoram comer os pimentões assados, que chamam de *pimientos de padrón*. São pimentões verdes, pequenos e muito suculentos. O prato do peregrino tinha: frango frito, batatas e legumes, pimentões assados e pão. Acompanhava um refrigerante e uma sobremesa (sorvete). Tudo isso por apenas 7 euros. O local estava deserto, eu era a única cliente no restaurante.

Ao sair do restaurante, a cidade parecia deserta, tudo estava fechado, e havia um grande silêncio. Os carros estavam todos estacionados e as casas fechadas. A sensação que tive foi de estar em um filme *hollywoodiano*. Observei uma peregrina do outro lado da rua que parecia em dúvida sobre qual caminho seguir. As setas amarelas indicavam uma rua secundária, que levava ao leito do rio. Ela foi por essa direção e, em seguida eu também fui, pois as indicações – as setas amarelas - diziam que era por ali. Chegando ao final da rua, encontrei a peregrina sentada em um banco apreciando a bela vista do rio e da ponte. Bem ao fundo, sobre a montanha, estava à cidade portuguesa de Valença. Parecia um cartão postal.

Continuei a caminhada pela mesma rua e quase fui atropelada por uma outra peregrina muito magra e alta, carregando uma mochila enorme e caminhando muito rápido. Não sei de onde ela saiu e nem onde ela queria chegar com essa velocidade. Fui percorrendo a rua antiga e estreita, com seus muros altíssimos e coloridos que me levaram até a cidade medieval, passando pelos casarios antigos e chegando ao centro histórico, onde está situada a Catedral de Tuí, que foi construída no século XIII, com uma arquitetura românica e gótica. Meu joelho estava latejando. Estava calor.

Ao lado da Catedral, ficava o albergue dos peregrinos, um prédio antigo, construído ao lado de uma pequena capela. O horário da recepção no albergue era das 15h até às 22h. Como se tratava de um albergue municipal, tínhamos que seguir à risca os horários, pois as portas fechavam mesmo às 22h, e, às 23h as luzes se apagavam. E muito cedo, por volta das 05h30, as luzes do corredor acendiam, acordando todos os peregrinos. Lá fui recepcionada por uma senhora muito ríspida que pegou meu passaporte, preencheu a ficha e disse de forma bem direta: “deixe as suas botas na estante logo que subir a escada, temos horários de fechar as portas e, se não entrar, ficará do lado de fora. As luzes se acendem cedo, tens que

sair do albergue até às 08 horas da manhã. Temos uma cozinha, mas não tem nada (xícaras, copos, talheres, pratos). Existe uma máquina de lavar roupas que é usada com moedas. Sua cama é de número 52. Compreendes?”.

Como não compreender? Subi as escadas, tirei as botas e as deixei na estante. Ao lado esquerdo estava um quarto comprido com muitos beliches que acomodava em torno de 80 pessoas. Procurei a minha cama que estava bem na entrada, ao lado da parede. O albergue não oferece cobertores nem lençóis. Essa noite tive que dormir no meu saco de dormir. As janelas davam para a pequena ruela, com uma vista para os telhados dos casarios antigos. Logo ao lado, mais um quarto tinha acomodação para umas 40 pessoas. Seguindo o corredor, estavam os banheiros femininos e masculinos e, mais ao fundo, uma linda varanda que tinha vista para os telhados as torres de igrejas. O prédio era muito antigo, suas paredes mediam em torno de 60 centímetros.

Arrumei as minhas coisas e, em seguida, Janete, Patrícia e Maria Fernanda chegavam também ao albergue, e não demorou muito, a lotação já estava completa. Carregamos nossos celulares e saímos para conhecer a cidade. A disputa pelas tomadas era grande, pois não havia muitas no albergue. Decidimos jantar depois de passearmos um pouco. Encontramos a peregrina Jana (a alemã) que se juntou a nós. O jantar foi muito divertido, tanto que as horas passaram muito rápido. Jantamos em uma mesa na calçada, próximo às várias lojas de *souvenirs*. Janete foi olhar tudo e voltou com um par de meias com estampas das setas amarelas. Ela disse que sempre compra algo para lembrar-se da peregrinação. A conversa estava muito divertida, mas já tínhamos que voltar para não ficarmos do lado de fora do albergue. Nessa noite, tive que dormir mais uma vez no saco de dormir. Parece desconfortável no primeiro momento, mas aos poucos vamos nos acostumando. Exatamente às 23 horas as luzes se apagaram. Silêncio geral nos quartos.

Às 05h30 as luzes se acenderam. O movimento começou. Algumas pessoas já se organizavam para sair em busca de mais um dia de caminhada. Percebi que, ali amanhecia tarde. Saímos do albergue por volta das 07h30 da manhã e estava tão escuro como se fosse noite. Havia uma neblina e a sensação era de muito frio. A cidade estava vazia, só se viam alguns peregrinos ao longe, caminhando com pressa, outros estavam nos bares para tomar o café da manhã.

Caminhamos até quase a saída da cidade e decidimos tomar café em uma cafeteria que estava aberta. Café com leite e croissants, uma delícia. Ao lado da

cafeteria passamos pela Igreja de São Francisco, construída em 1642, tornando o local em um convento em 1684. No ano de 1850 passou a ser um seminário até os dias atuais. Todas essas informações estavam em uma placa na frente do prédio. Passando o seminário, chegamos a um lindo parque. Ainda estava escuro e tivemos que atravessá-lo em passos rápidos porque ele não era muito iluminado. O dia começou nublado e frio. A caminhada foi tranquila. Passamos por lindas e pequenas cidades, com muitas flores e animais. O percurso foi entre lindas árvores, pontes antigas de pedra, riachos e dutos de água. O silêncio era nosso companheiro. Quase em nossa chegada à cidade de O Porriño, Maria Fernanda deixou seu celular cair no chão. Nesse momento ela achou que tinha apenas quebrado a tela, pois não conseguia enxergar a metade das coisas. Cerca de uma hora depois estávamos chegando à cidade de O Porriño, na Espanha.

O dia estava nublado, e às vezes chovia. Tudo parecia cinza e sem graça. É uma cidade grande, com muita estrutura, possui todos os serviços e é muito movimentada. Ao chegarmos ao albergue municipal encontramos um recado na porta dizendo que já estava com seus lugares ocupados. Não caminhamos muito, pois a uns duzentos metros encontramos um albergue privado, que cobrava por pessoa 7 Euros, e que oferecia ar-condicionado, internet e um quarto privado. Quando chegamos ao albergue, Maria Fernanda percebeu que a queda do celular a prejudicou ainda mais, pois não conseguia utilizá-lo. Ela ficou um pouco nervosa, dizia que sem o celular ela não conseguiria continuar. Conversamos com ela sobre o ocorrido e, nos colocamos a disposição para acompanhá-la até uma loja e ver o que poderia ser feito. Assim, Maria Fernanda ficou mais tranquila.

Sáimos para conhecer a cidade e encontramos uma padaria local maravilhosa. Decidimos que deveríamos comer bem, pois merecíamos. O local era muito agitado e moderno, bem diferente da cidade, que era muito antiga. A fachada era toda envidraçada e, ao entrarmos, passamos por balcões repletos de todos os tipos de pães, bolos, tortas. Ao fundo, grandes e pequenas mesas todas feitas em madeira e ferro. Nas paredes, fotografias e frases de inspiração. Pedi um bolo de chocolate e chocolate quente. Por alguns dias não precisava comer chocolate. Mas não me arrependi, estava delicioso.

Depois de nosso café, decidimos conhecer um pouco mais o centro histórico e encontramos uma loja de telefonia local. Ficamos aguardando na fila até sermos chamada. Maria Fernanda queria saber se tinha como arrumar o celular quando foi

informada que não teriam como fazer isso, pois a loja é pequena e não possuem muitos serviços. Ela teria que comprar outro celular, que custava mil euros. Não estava nos planos de Maria Fernanda gastar tudo isso em um celular, então saímos da loja sem resolver o problema. Andamos pela cidade até começar a escurecer.

No dia seguinte, o mesmo ritual se repete. Acordar cedo, arrumar as coisas e sair. Estava chovendo e, então decidimos tomar um café da manhã reforçado em uma padaria próxima ao albergue que oferece ao peregrino um café especial. Bolos, pães, café e *croissant*. Uma delícia. E o que não conseguimos comer ali, podemos levar. O preço é bem acessível e o local estava repleto de peregrinos.

Percebi que os espanhóis são bem atenciosos. Adoram conversar e saber de onde viemos. Adoram dar dicas de como chegar aos locais e de bons lugares para comer. Os espanhóis adoram comer, pois as refeições são sempre bem reforçadas.

Nesse dia, a caminhada é mais cansativa, pois muitos trechos são pelas rodovias. A chuva retornou mais forte. Quanto mais subimos em direção a Santiago de Compostela, mais tarde os dias amanhecem e está cada vez mais frio.

Acordei com meu joelho inchado, doendo. Decidi que não iria caminhar por longos períodos. Busquei informações de como chegar até o próximo destino combinado com as peregrinas. A estação de trem estava abandonada, mas os trens passavam por ali em alta velocidade a cada dez minutos. Perguntei para um morador local onde poderia comprar a passagem do trem e ele disse que não teria como, pois a estação na cidade tinha fechado. Para chegar à cidade de Arcade teria que pegar um ônibus. Perguntei se teria na cidade alguma rodoviária e o Senhor me disse que ficando em qualquer parada, o ônibus que passasse me levaria até o meu destino. Então, me dirigi até uma parada de ônibus e aguardei. Não demorou muito e um ônibus todo moderno e novo chegou. O motorista me informou que eu deveria fazer uma conexão na cidade de Vigo para chegar à Arcade. Ao me aproximar da cidade fiquei encantada com o seu tamanho. É uma cidade de importante atividade portuária e comercial desde o século II a.C. (PEÑA SANTOS, 2001). Sua localização é estratégica e possui um grande porto, que possibilitou o desenvolvimento da região. A passagem até Vigo foi de 0,75 centavos de euros, e de Vigo até Arcade de apenas 0,70 centavos de euros. Em duas horas, aproximadamente, cheguei à pequena cidade de Arcade.

A cidade de Arcade é moderna, colorida, pequena e fica situada à margem do rio Verdugo. O ônibus não entra na cidade, que é dividida pela rodovia, então desci

o mais próximo do centro. Caminhei pelos prédios residenciais até a beira do rio. A vista é linda, e ao fundo do outro lado do rio, enxergamos a cidade de Vigo. Muitos restaurantes de comidas típicas ficam nesse local. A vista é toda para o rio e pelo belo jardim que leva até a beira do rio por um lindo trapiche em madeira. O dia estava lindo em Arcade, muito diferente da cidade de O Porriño, algumas horas antes. Fiquei por ali alguns minutos e então decidi ir até o albergue. Tive que voltar um bom trecho costeando a rodovia. A subida era íngreme, pois o albergue fica no alto da montanha. A vista é linda. A localização do albergue é muito especial. Ao fundo vejo o rio, montanhas e um grande campo verde escuro. Ao longe algumas casas perdidas em meio à vegetação.

Ficamos hospedadas no albergue privado, maravilhoso. Todo moderno, com ótimas camas, banheiros limpos e uma cozinha aconchegante. Na sala de convivência tem um sofá grande, televisão, e uma mesa que acomoda umas vinte pessoas. A porta é toda de vidro e com acesso ao quintal, que possui muitas mesas e cadeiras coloridas. Deixei minhas coisas e fui até o restaurante almoçar. Não demorou muito o albergue já estava completo. As meninas chegaram meia hora depois. Almoçamos o prato do peregrino e ficamos sentadas por ali conversando e conhecendo outros peregrinos.

Nesse albergue, observei melhor os vários tipos de peregrinos, ou seja, fiquei mais próxima deles. Estavam ali italianos, suíços, noruegueses e alemães. Algumas peregrinas norueguesas nos falaram que os italianos falam muito e que, para elas, isso não é normal. Os italianos são os mais falantes e agitados. Os demais peregrinos ficam mais reservados e não falam muito com pessoas que não conhecem. Nesta noite, o nosso jantar foi bem animado.

Aproveitei e conversei com alguns peregrinos, entre eles portugueses, alemães e ingleses. Cada um tinha uma motivação diferente, mas procuravam encontrar significados em tudo. Cada pessoa tinha a sua crença e sua religião, mas acreditavam que uma simples bolha era um sinal divino e místico.

Ouvi de um peregrino que a minha peregrinação era para ser diferente e que eu deveria observar os sinais, pois o problema com meu joelho era um sinal. A peregrinação não deve ser um sofrimento e, sim, uma contemplação da natureza e da vida. Tenho que aprender com cada sinal que me é apresentado. Fiquei por algum tempo ali sentada pensando nisso e observando a movimentação do albergue.

O que as pessoas realmente buscam na peregrinação? Muitas coisas, como saúde, pagar uma promessa, pedir perdão por algo, aproveitar as férias em meio à natureza, fazer turismo, caminhadas, entre outras coisas. A motivação muitas vezes é criada por alguma necessidade anterior à peregrinação e, que pode ser modificada conforme as expectativas vão sendo exploradas e modificadas. Enquanto arrumava minhas coisas, percebi uma jovem, no beliche ao lado muito quieta. Algumas pessoas chegavam e conversavam com ela, mas ela não respondia, apenas sorria e fazia alguns sinais. Mais a noite, descobri que ela era inglesa e estava fazendo o caminho com a promessa de não conversar com ninguém até a sua chegada à Compostela. Uma promessa de superação, não física, mas emocional.

Enquanto arrumávamos nosso jantar, conhecemos um guia português chamado Marco, que organiza grupos para fazer o caminho. Após organizar todo o grupo, Marco se sentou perto e começamos a conversar. Ele disse que já realizou muitas vezes o Caminho de Compostela. Contou um pouco de sua família, de seus problemas e também do seu trabalho.

Aproveitei para pesquisar mais sobre os serviços oferecidos. Ele disse que organiza grupos para as caminhadas e também grupos que desejam fazer o caminho de bicicleta. As pessoas não precisam se preocupar com suas mochilas, pois o serviço oferece o transporte. Marco percorre os trechos de carro e no local combinado ele aguarda a chegada dos peregrinos com bebidas geladas e frutas. Os albergues são reservados com antecedência e as alimentações são feitas por ele. Ou seja, um serviço completo com a maior tranquilidade para quem deseja essa comodidade.

Marco me disse que os peregrinos que buscam estes serviços são muitas vezes pessoas com idades avançadas. Alguns possuem certa dificuldade de locomoção, mesmo assim, querem fazer o caminho. Os jovens também optam por realizar a caminhada sem a mochila. Todos dizem que fica mais fácil, o caminho fica mais proveitoso. No grupo que Marco levava, estavam apenas jovens que se reuniram para fazer esse percurso.

Esta noite, fomos dormir um pouco tarde, pois Maria Fernanda decidiu conversar sobre a sua vida.

5.2 MARIA FERNANDA: A QUE FOI EM BUSCA DE RESPOSTAS

Na medida em que caminhávamos, eu e a Maria Fernanda fomos nos tornando mais próximas. Ao longo dos dias que passamos juntas, trocamos algumas ideias, rimos muito e chegou então o momento de ajudá-la com o problema do celular. Após o jantar, fui até o quarto e encontrei Maria Fernanda chorando. Estava ao fundo do beliche, bem quietinha, escondida. Comecei a conversar com ela, e em seguida, Jana a peregrina alemã também chegou. Nesse momento Maria Fernanda desabou. Chorou copiosamente.

Maria Fernanda é gaúcha, vive em Porto Alegre, é funcionária pública, tem 35 anos, é casada e não tem filhos. Nos finais de semana, ela e seu marido buscam sair do estresse diária se refugiando em seu sítio na zona sul de Porto Alegre, onde adora ocupar seu tempo fazendo artesanato e jardinagem. Ela e seu marido são caseiros e preferem estar próximos da família sempre que podem.

Eu e Jana no primeiro momento ficamos tentando acalmá-la, pois não sabíamos o que tinha acontecido. Perguntei o que poderia fazer por ela, quando Maria Fernanda começa a falar da falta que seu celular faz e também falou que esteve nos últimos anos uma depressão profunda.

Por causa da depressão profunda, Maria Fernanda teve que tomar muitos remédios e sentia muito dependente de todos, acreditando que não sobreviveria ao dia seguinte. Buscou várias formas alternativas de superar a doença, como frequentar locais místicos e de terapias de autoajuda. Também tinha um contato semanal com uma psicóloga, que a deixava mais nervosa. Em um destes locais, conheceu a sua amiga Janete, que já realizou algumas vezes a peregrinação à Santiago de Compostela, e a convidou para fazer a jornada em 2019. Buscou então o apoio de Janete para a realização da peregrinação.

Enquanto nos contava um pouco da sua vida, as lágrimas escorriam pelo seu rosto. Disse que sentia muita saudade do seu marido, da sua família e da sua casa. Que nunca na vida tinha viajado sozinha, tornando a peregrinação uma nova experiência. Eu e Jana apenas a escutávamos e, às vezes, dávamos um pouco de incentivo para não desistir. Para Maria Fernanda, a necessidade de realizar uma peregrinação era para torná-la mais confiante de si mesma. Precisava tomar decisões próprias, sem depender do marido ou da família.

Ao perceber que o seu celular realmente não estava funcionando, Maria Fernanda entrou em desespero. Nos contou em português e em seu ralo inglês que sua vida tinha sido muito complicada. Disse que seu sonho era ser mãe, ter uma família grande e feliz e, que por anos tentou engravidar, mas que veio a descobrir que não poderia. Então seu mundo desabou. Pensou que seu casamento não iria suportar essa angústia e entrou em depressão.

O problema do celular era pequeno perto do que realmente acontecia. Mas foi um motivo para que Maria Fernanda se sentisse fragilizada e atacada. Ela disse que não suportaria ficar sem notícias de seu marido e seus familiares pelos dias que viriam, e também se preocupava muito em não poder tirar fotografias dos locais e das pessoas que ia conhecendo além de ouvir suas músicas. Nesse momento Janete chegou e disse que poderíamos criar um e-mail exatamente para postarmos as fotografias, assim todas nós teríamos acesso a todas as imagens. Mas a real situação ali não eram as fotografias, mas os sentimentos que Maria Fernanda carregava.

Patrícia chegou ao nosso encontro e começamos a falar do dia que passou e organizar o próximo. Maria Fernanda comentou sobre o seu desabafo, e pediu desculpas por abusar de nossa paciência. Estava mais centrada e percebeu que era necessário aproveitar os momentos que a viagem estava oferecendo, do convívio com as pessoas, com a possibilidade de conhecer novos lugares e de estar mais próxima da natureza.

Os demais dias foram tranquilos. Maria Fernanda estava mais confiante de si e se sentia mais leve ao aproveitar os momentos com a gente. O celular seria concertado na sua volta ao Brasil, e as fotografias e vídeos seriam enviados tudo para um e-mail.

A necessidade em registrar tudo, de fotografar, de postar nas redes sociais, foi sentida de perto pela peregrina Maria Fernanda. Em um mundo tecnológico em que vivemos atualmente, não só se percebeu o uso diário dos *smartphones*, como o uso essencial diário para pequenas tarefas, como também a forma como os turistas alteraram o modo de planejar as suas viagens (KIM; LETHO; MORRISON, 2007).

Maria Fernanda percebeu o quanto a peregrinação sentida e observada era algo realmente envolvente. Deixar de lado o telefone foi importante para ela se sentir mais viva e ativa em suas decisões. Os sentimentos estavam mais presentes, e reais.

Depois de chorar que nem criança, Maria Fernanda foi aos poucos se acalmando. Demos risadas por não conseguir se comunicar muito bem com a Jana, e assim a situação foi ficando mais tranquila. Vendo a possibilidade de trocar confidências, Jana se pronunciou.

5.3 JANA: A PEREGRINA ALEMÃ

Jana e eu iniciamos uma aproximação maior, no momento em que tivemos que ajudar Maria Fernanda com seu problema emocional, pois foi através desse momento que ela se abriu e contou também os seus problemas e angústias.

Jana é a peregrina que estava nadando no rio na cidade de Ponte de Lima. Trocamos algumas palavras naquele dia, mas depois disso, apenas nos encontrávamos pelo caminho. Nesse dia, ela resolveu ficar no nosso albergue. Nos primeiros momentos, ela parecia tímida. Talvez por não conseguirmos trocar muitas palavras, mas aos poucos, fomos nos adaptando.

Ao perceber o desespero de Maria Fernanda, a peregrina Jana também comentou que a sua situação era difícil. Que também estava longe de casa por diversos problemas pessoais, pela falta de tempo para ela mesma e que precisava ficar sozinha e pensar no futuro.

Jana é alemã, tem trinta e cinco anos e tem dois filhos, um menino de treze anos e uma menina de três anos. Vive em uma cidadezinha pequena muito próxima da fronteira com Amsterdam. Ela trabalha com comunicação de eventos e shows musicais. Sempre teve vontade de sair caminhando pelo mundo, mas nunca teve oportunidade. A realização do caminho português foi muito importante para a sua liberdade pessoal. Jana disse que não estava sendo fácil deixar os filhos com o atual namorado para ficar caminhando pelo mundo, mas que, era uma necessidade urgente para melhorar a sua vida.

Jana escolheu caminhar sozinha, para estar mais consigo mesma, sem cobranças, sem horários. Disse que estava ali para curtir cada momento com ela mesma, e que não queria sofrer pressão de nada. Tanto que pediu para seus familiares não ligarem, só em caso de emergências. Jana é que realizava as ligações quando estava se sentindo muito sozinha e com saudades dos filhos.

Com lágrimas nos olhos, comentou um pouco sobre a sua decisão de estar só. Disse que por muitos anos estivera ocupada com as outras pessoas. Teve seu

primeiro filho aos vinte e dois anos, em um momento que para ela era o início da vida. Teve que se adaptar e a mudar de planos, deixar tudo para depois. Quando achou que começaria a tomar o rumo de uma vida livre, sem compromissos fixos com o filho, Jana se viu grávida. Então, agora uma menina, que hoje tem três anos.

Estava cansada de cuidar de dois filhos, de trabalhar e não ter um tempo só para si. Como seu namorado é músico, viaja sempre, quase não se encontra na cidade, tudo o que acontece com a família é ela quem organiza. Decidida em fazer o Caminho, Jana pediu para seu namorado ajudá-la a realizar esse desejo. Ele foi muito atencioso e disse que desta vez ela deveria sair pelo mundo, pois ele já fazia isso há muito tempo. Como eles vivem na mesma cidade de seus parentes, Jana decidiu que sairia por quinze dias, e caso seus filhos precisassem de algo, recorreriam aos avós. Jana decidiu fazer o Caminho Português por achar que esse caminho seria o mais fácil em termos de obstáculos. Percorreria tudo a pé, com chuva ou sol, calor ou frio, essa seria a sua liberdade, uma forma de se sentir viva com o mundo e fazer parte da natureza. Disse que queria descobrir cada canto, cada folha de árvore, cada monumento e assim, se sentir viva.

No início do percurso, quando nos conhecemos, Jana passava uma sensação de alguém muito cansada, dispersa no mundo a sua volta. Mas com o passar dos dias, ela ficou mais próxima de nosso grupo, compartilhando risadas, copos de cerveja e jantares. Estava mais alegre, estava sempre com um sorriso no rosto e falava muito. Queria estar sempre com a gente, bebendo café, caminhando na cidade, ou simplesmente descansando. Disse em seu inglês ralo que gostava de estar com a gente.

Após essa longa conversa me senti fazendo parte do mundo delas, do mundo dos caminhantes e peregrinos. Participando das caminhadas, aprendi sobre a relação existente entre interno e externo, sobre o silêncio e sobre como estamos envolvidos na coletividade. Ao caminharmos, percebemos que somos parte da natureza, que pertencemos ao mesmo mundo e que somos questionadores da vida. Na medida em que buscamos respostas sobre a nossa existência, nos diferenciamos dos demais, mas que fazemos parte de um todo.

No nosso ritual diário, acordamos cedo, tomamos café e organizamos tudo para sairmos. Jana acordou no horário que estávamos saindo e disse que nos encontraria por aí.

No caminho entre a cidade de Arcade até a cidade de Pontevedra, o percurso a ser caminhado é repleto de árvores, riachos e praças. A floresta em volta acolhe quem por ali passa. É de uma paz incrível. O silêncio é muito bom, às vezes sendo quebrado pelo canto de pássaros. O barulho das águas e o vento nas árvores transmite uma sensação de leveza e paz.

Paramos para um descanso em um local mágico. Parecia um filme. As árvores eram altas e de todos os tamanhos, misturadas com vários tipos de flores como samambaias, arbustos, orquídeas. O chão, sempre molhado, com grandes raízes por todos os lados. Este trajeto costeava todas as pequenas cidades e estava margeando um riacho. Decidimos parar para descansar. Nesse momento Janete e Patrícia decidiram colocar as cartas, ambas acreditam no baralho de tarô. Sentamos próximas umas das outras em um círculo, quando ao longe escutamos a Jana chegando. Ela decidiu que ficaria ali sentada, descansando um pouco e que seguiria conosco depois. Quando Janete perguntou para Jana se ela acreditava no tarô, ela foi bem sincera: não acredito nessas coisas.

Janete começou a ler as cartas, e aos poucos Jana disse que estava curiosa para saber o que as cartas falariam para ela. Aos poucos, Jana foi se deixando levar pelo momento, e caiu no choro. Disse que teve uma sensação muito forte, que não entendia o que era. Jana disse que tudo pode dar uma conexão, as cartas, o momento com a natureza, a floresta silenciosa a sua volta, enfim. Jana disse que após essa experiência, vai pensar mais no assunto e dar oportunidades para novas coisas, e que tudo pode mudar dentro da gente, vai depender de estar abertas para as novidades ou não.

Enquanto Janete estava colocando o Tarô para Jana, fiquei pensando no significado das cartas e como elas ensinam uma forma de espiritualidade que está em sentido contrário aos dogmas da Igreja Católica, pois elas fazem menção a reencarnação, a renovação, ao renascimento e as diversas transformações espirituais como também fazem previsões do futuro, bem o oposto imposto pela Igreja. Compreendi que, ao escolherem o percurso português e a Variante Espiritual, Patrícia e Janete estavam procurando realizar o caminho pelo lado místico, criando uma ligação com o cósmico e com uma nova experiência, incorporando elementos da Nova Era através das religiões do *self* (STEIL; CARNEIRO, 2008).

Depois de ficarmos ali por uma hora aproximadamente, saímos dessa maravilhosa floresta, e passamos por um lindo parque que nos leva até a entrada da cidade. À direita, fica a rodovia, a estação ferroviária e, em seguida, à cidade.

Quanto mais próximas estávamos da cidade, percebíamos que Pontevedra é linda. Uma cidade grande, com estrutura, muitos locais turísticos e históricos. Encontramos muitos peregrinos por todos os lados. Para chegarmos ao nosso albergue tivemos que atravessar toda a cidade. Procuramos o nosso albergue privado, muito bem localizado, situado na cidade antiga e quase ao lado da Catedral. É pequeno com apenas dez camas, uma cozinha toda completa e o valor é de apenas 10 euros por pessoa. Deixamos nossas coisas e saímos para conhecer a cidade. Estávamos em casa, pois tínhamos a chave da porta, então, poderíamos ir e voltar a qualquer hora.

Saímos para almoçar, e já era umas 16h. Todos os restaurantes oferecem o cardápio do peregrino, então escolhemos um restaurante que tinha as mesas na calçada. Esse restaurante tinha três opções de entrada, prato principal e duas opções de sobremesa. Estava uma delícia tudo.

Após o almoço, fomos ao museu da cidade que é espetacular. A riqueza de informações e de história é grande. A cidade possui uma arquitetura religiosa incrível, mistura de antigo e novo. Conhecemos o Santuário das Aparições, onde a Irmã Lúcia viveu por cinco anos e recebeu a visão de Nossa Senhora e do Menino Jesus. Um local muito religioso e sagrado. Ao visitarmos o mosteiro onde a Irmã Lúcia viveu por alguns anos e teve a visão de Nossa Senhora e do Menino Jesus, Maria Fernanda chorou muito, deixando suas emoções falarem mais do que as palavras. Ficou por alguns minutos em silêncio e em plena oração. Ao sair, disse que apenas agradeceu por ter estado ali e por ter tido muitas oportunidades na vida. Patrícia também se mostrou emocionada ao conhecer o local, mas como ela é muito reservada, não disse nada. Disse comente que adorou o local e que estava interessada em conhecer outros locais. O restante do dia foi muito alegre e proveitoso. Caminhamos muito pela cidade e nos divertimos muito.

Também fomos até a Igreja da Virgem Peregrina, padroeira da cidade. A planta da igreja simula uma concha de vieiras, símbolo do Caminho de Santiago. Em todos os locais em que passamos, sempre carimbamos nossas credenciais. Sem os carimbos não teríamos como comprovar nossa jornada.

Para o jantar, resolvemos experimentar todos os tipos de *tapas*. Foi uma noite fria e divertida. A cidade estava repleta de turistas, peregrinos e os próprios moradores que adoram jantar fora de casa e fazer um *happy hour*. Os bares estavam todos cheios e alguns tinham fila de espera. Voltamos tarde para o albergue e, por onde passávamos víamos uma cidade movimentada. Nessa noite pude saber um pouco mais de Patrícia, pois nesses últimos dias ela não falou muito.

5.4 PATRÍCIA: ESTAVA ELA EM PENITÊNCIA?

A partir das minhas observações, apresento a Patrícia como sendo uma “agente” (ORTNER, 2007), quanto ao seu espírito de renovação e mudanças. Ao longo dos dias em que estivemos juntas, Patrícia falou somente o necessário, mas estava sempre disponível para qualquer coisa.

Quando se trata de peregrinar a pé, esse simples ato parece ampliar-se através de inúmeros gestos, expressões e atitudes que vão sendo demonstrados ao longo do percurso. A peregrinação disciplina o corpo e a mente, através de um controle de sentimentos e desejos. Algumas pessoas ao longo de seus caminhos possuem a atitude de recolhimento. Não falar, ou falar pouco, não comer demais ou apenas realizar o seu percurso sozinho. Esses detalhes foram observados em Patrícia, por isso acho importante trazer a história dela para esse trabalho. É interessante pelo fato de que Patrícia passa a falar mais somente no final da sua jornada. Teria ela uma promessa a ser cumprida?

No nosso jantar na cidade de Pontevedra, Patrícia começou a falar mais. Acho que ela estava mais confiante de nossa amizade. Pedimos os pratos típicos e bebemos vinho da região. A noite estava fria, mas o céu lindo e repleto de estrelas. Nesses dias em que estivemos juntas, Patrícia foi sempre muito atenciosa, simpática e sorridente, mas não é uma pessoa de falar muito, muito menos de sua vida particular com pessoas que mal conhece.

Patrícia é brasileira, natural de São Paulo, é mestre em engenharia da computação, tem 51 anos, e atualmente vive na cidade de Lisboa, Portugal. No ano de 2017, conheceu na internet seu atual marido, um português que morava na cidade do Porto. No ano de 2018, Patrícia se mudou para Portugal para ter uma nova vida. Como não pretende seguir a mesma profissão, Patrícia participa de cursos direcionados a terapias ocupacionais, sua nova profissão.

Patrícia é muito amiga de Janete. Elas se conheceram realizando o Caminho Francês em 2014. Patrícia comentou que, Janete, no início do caminho francês em 2014, estava muito focada e não queria conversar com ninguém, mas que, ao longo dos dias foram se tornando mais próximas e que até hospedavam-se nos mesmos albergues. Depois disso, estavam sempre juntas, conversando sobre tudo, e que deveriam realizar outros caminhos juntas no futuro. E isso se realizou, pois os demais caminhos que se seguiram, estavam sempre juntas. Ela agradece muito a cada momento e as oportunidades com a nova amiga.

Patrícia não gosta muito de falar de si, mas aos poucos, se permite contar suas experiências de vida e de peregrinações. Nessa noite, relatou que buscou o Caminho em 2014 como uma forma de se encontrar no mundo. Que tinha passado por uma separação complicada e não entendia como tudo poderia mudar. Ao longo dos anos, Patrícia participou de grupos de terapias, grupos exotéricos e danças circulares, como forma de conectar a mente e o corpo. Encontrou no caminho uma liberdade e conexão que não tinha encontrado em nenhum outro lugar. Não pretende parar nunca, ainda mais agora que está vivendo em Portugal. Para ela, cada etapa é importante, cada momento é físico e emocional.

Patrícia disse que estava feliz com a nova vida em Portugal, que precisava se adaptar, pois os portugueses são ainda muito reservados e que não fazem amizades fáceis. Ao trazer um pouco da história de Patrícia, tento mostrar o processo de mudança ou “metamorfose” (VELHO, 2003) em que estava passando, ao largar a sua cidade e seus familiares para viver uma nova vida com um novo amor em outro país. Teve que aos poucos se adaptar ao seu novo estilo de vida, com uma nova língua (mesmo sendo o português, existem diferenças nas palavras) e com novos costumes. Nesse caso, Patrícia está reinventando a sua vida social (VELHO, 2003) através da nova realidade.

Para ela, os grupos alternativos holísticos e de terapia, estavam ajudando nesse contato e na forma como se adaptar. Aos poucos, Patrícia estava compreendendo o seu lugar na nova sociedade, e as novas amizades favorece esse novo convívio, mas mesmo assim, o seu silêncio demonstrava que ela estava preocupada com as suas novas escolhas. Patrícia disse que estava feliz por fazer esse caminho com a gente, de nos conhecer, e que esteve nos últimos dias muito pensativa, sobre a sua nova vida e sobre o seu futuro. Não chegou a dizer com todas as palavras, mas ao observar seus gestos e olhares, dava para perceber que

Patrícia tinha feito uma promessa, por isso a sua pouca interação conosco. Mesmo assim, essa noite foi muito divertida.

Mais um dia se inicia. Minhas amigas estão se preparando para fazer o caminho da Variante Espiritual, que é conhecido por ser um trecho entre o mar e a entrada do rio até a cidade de Padrón, onde dizem ter iniciado a origem do caminho. Acordamos e organizamos nossas coisas. Os donos do albergue deixaram cápsulas de café, leite e pão para que pudéssemos tomar um bom café da manhã, antes de começarmos nossa jornada. Adoramos esse agrado, e ficamos felizes com isso. Saímos por volta das oito horas da manhã. O sol estava radiante, o céu muito azul, mas a temperatura estava muito baixa.

Na saída da cidade, encontramos alguns peregrinos franceses que já tínhamos encontrado há alguns dias. Alguns acenos e risos, pois ninguém falava a língua de ninguém. A cidade estava vazia, só se via a movimentação dos peregrinos em busca das setas amarelas. Mesmo com a existência de setas indicando a direção, encontramos alguns perdidos, caminhando no sentido oposto. Mas logo eles perceberam que estavam errados e começaram a seguir os demais. Nesse momento, as minhas amigas foram realizar o Caminho Espiritual e, por isso, seguiram em outra direção, pela costa espanhola, que teria percurso de três dias. Despedimo-nos e marcamos de nos encontrarmos em Santiago de Compostela. Segui sozinha até a estação de ônibus na saída da cidade. As únicas pessoas que encontrava eram os peregrinos. A cidade estava silenciosa, quase sem movimentação.

Caminhando pela cidade quase desértica, muito próximo da rodoviária, encontrei com Jana. Trocamos algumas palavras de alegria e apoio e marcamos de nos encontrarmos em Santiago de Compostela.

Nesse dia, meu joelho voltou a doer muito, acredito que abusei no dia anterior. Optei por fazer o trecho até a cidade de Padrón de ônibus. Chegando à rodoviária, tive que esperar uma hora. É uma estação pequena, mas possui um grande movimento de ônibus que saem para todos os locais.

Cheguei à cidade de Padrón por volta das 11h. A estação rodoviária fica afastada um quilômetro do centro. A cidade é pequena e, conforme os estudos arqueológicos, existiam vestígios do exército romano no século 26 a.C. A principal igreja da cidade é chamada Igreja de Santiago e em seu subsolo, está a pedra que conforme as lendas, foi o local onde amarraram o barco que trouxe os restos mortais

do apóstolo. A Igreja é grande para o tamanho da cidade. Logo atrás da Igreja passa um rio, que corta a cidade em duas, e no outro lado existe um grande mosteiro acima do morro. A vista é linda.

Ao caminhar pela cidade, a sensação é de percorrer uma cidade medieval deserta. O dia estava cinza e frio. O sol não queria aparecer. As pessoas não saem muito de suas casas cedo da manhã. Em frente à igreja, a cafeteria local estava aberta, servindo o café da manhã para os poucos peregrinos que ali se encontravam. Resolvi comer algo, pois não saberia qual o horário que chegaria à Santiago. A cidade de Padrón possui um centro medieval, com prédios muito antigos e históricos. Afastando-se do centro antigo, percebe-se uma cidade mais moderna com prédios da época de 1960. Caminhando mais alguns minutos, me deparei com grandes casarios e chácaras. Seguindo as setas amarelas, pela rodovia principal, chega-se à cidade de Íria Flavia. A placa indica o início da cidade, que a meu ver é apenas uma pequena vila.

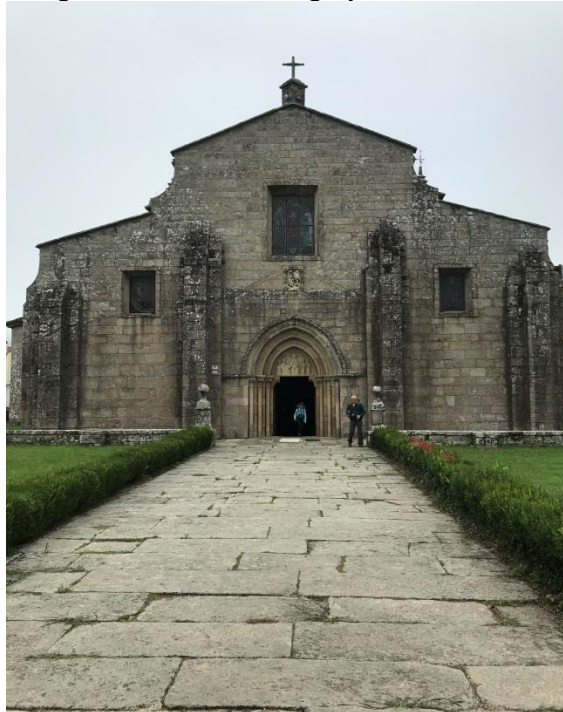
Para chegar até a pequena cidade de Íria Flavia, deve-se caminhar pela rodovia, um caminho de dois quilômetros entre as duas cidades. O percurso é calmo, e o silêncio só é quebrado quando passa algum carro pela rodovia. É uma região interiorana, com muitas fazendas e construções antigas. Ao longe posso observar a Igreja, com uma aparência escura e suja. Quanto mais próxima, percebi ao seu redor um grande cemitério. Para chegar à frente da Igreja, passei por um belo jardim, com grandes árvores e um gramado muito verde e bem aparado. O caminho até a entrada da Igreja é feito de pedras grandes e antigas, desgastadas com o tempo.

A região de Íria Flavia é conhecida por muitas crenças, lendas e tradições associadas ao apóstolo Tiago. Uma delas é que ele teria tentado evangelizar a Espanha começando nessa região. A outra mais antiga, é que teria sido em Íria Flavia a chegada dos restos mortais do apóstolo, vindo da Palestina num barco de transporte no ano de 44 d.C. A Igreja Santa Maria de Íria Flavia foi reconstruída no século XII sobre um antigo templo destruído pelas tropas mouras em 999 d.C. (RODRIGUES, 2018). Foi toda construída em pedra escura e seu estilo é gótico e barroco. A Igreja possui um muro em torno do cemitério e a cada cinco metros estão algumas estátuas, altas e magras de mulheres, santas e anjos. O cemitério mais antigo, data da construção da igreja. As tumbas eram construídas em pedras e altas do chão. Já o cemitério mais moderno possui suas lápides no mesmo nível da

calçada. Nota-se o desgaste nas pedras que levam até a Igreja, gastos pelos anos de uso.

Por fora, parece uma igreja simples e sem graça, mas a sua beleza está internamente. As pedras internas das paredes são mais claras, em tons acinzentados. Seus enormes e lindos lustres de cristais e candelabros iluminam o seu interior, que também possui um retrato românico da Virgem Maria e tumbas dos primeiros 28 bispos que dirigiam sua sede.

Figura 9 - Frente da Igreja de Íria Flávia



Fonte: Acervo pesquisadora (2019)

Figura 10 - Lateral da Igreja de Íria Flavia e o cemitério



Fonte: Acervo pesquisadora (2019)

Depois de percorrer o interior da igreja e seus arredores, fiquei alguns minutos no jardim central observando as pessoas que chegavam. Muitos eram turistas e, percebi ao longe que os peregrinos não chegavam perto da Igreja, apenas passavam pela rua ao lado e sumiam na floresta que fica muito próxima da vila. A atmosfera local era estranha, o clima acinzentado não ajudava a ter uma boa sensação. O silêncio só era quebrado pelos passos dos peregrinos e pelo cantar dos pássaros. Desde que soube da existência da vila e da Igreja com meu nome, fiquei ansiosa para conhecer. Mas estando lá, senti o ambiente pesado, triste. Foi uma sensação de euforia e tristeza em minutos. Pelos poucos minutos que fiquei ali parada, observando o ambiente, tive a sensação que o tempo não passava. Decidi caminhar até a rodoviária para pegar um ônibus para Santiago de Compostela.

Durante o percurso de dois quilômetros até a rodoviária da pequena cidade de Padrón, fiquei imaginando a minha chegada à Santiago. Pensei nos diversos sentimentos que eu teria, se seriam bons ou ruins. Se eu ficaria eufórica ou me manteria calma e serena. Pelo que me conheço, observaria tudo e, muito tempo depois, iria refletir sobre os sentimentos. Tive que aguardar um tempo até que o próximo ônibus chegasse. A rodoviária é muito pequena, típica de estações de interior, apenas os banheiros funcionavam. Os guichês estavam fechados e, pouquíssimas pessoas circulando. Para saber o horário do próximo ônibus, a

empresa de transportes fixa nos murais as informações por meses e estações. Como as passagens são compradas e pagas diretamente para o motorista, não há necessidade de ter pessoas trabalhando nos guichês de vendas.

O ônibus chegou e, poucas pessoas embarcaram. Muitos peregrinos e turistas desceram. Escolhi o primeiro assento, assim teria a vista completa da estrada, controle da minha localização e estar mais perto do motorista para perguntar informações.

A paisagem ia mudando conforme mais nos aproximávamos de Compostela. Na rodovia, ao longe dava para perceber a extensão e grandiosidade da cidade. Meu coração batia mais forte. Meu joelho doía mais.

Desci na frente da estação de trens e tive que me situar para qual lado caminhar. Cheguei à Santiago no meio da tarde de uma sexta-feira. O sol estava forte e o céu era de um azul incrível. A agitação da cidade é muito diferente da anterior. Caminhei por uma das principais avenidas que dá acesso à cidade velha. Percorrendo esse trajeto passei por muitas lojas, restaurantes, ruas e avenidas que naquele momento tinha uma grande movimentação. Fiquei um pouco desconcertada com tanta modernidade para uma cidade tão antiga. Quanto mais próximo se chegava da parte antiga, mais pessoas eu encontrava. Como a cidade é grande e muito movimentada, tive que pedir informações de qual caminho seguir, pois não havia setas amarelas indicando o trajeto.

A arquitetura aos poucos vai mudando. Do estilo moderno e colorido, passa para o estilo medieval e escuro. Próximo a uma das entradas da muralha, o frio na barriga aumenta. A entrada pela qual passei me levou a ruelas estreitas e de pedra, com muitos restaurantes, lojas de *souvenirs*, lojas de prata, lojas de cerâmicas e pequenas livrarias. Estava percorrendo esses caminhos medievais, onde peregrinos de todos os lugares e épocas passaram. A sensação de que o tempo parou, foi interessante. Já falei do tempo parando na cidade de Padrón, mas aqui também senti isso. Não sei explicar, mas é uma sensação estranha. Percebi que a vida continuava por causa dos vários comércios existentes ao longo das vielas medievais e das inúmeras pessoas andando e conversando.

Quanto mais próximo da Catedral, mais agitação e movimentação. As ruelas ficavam mais estreitas, um estilo típico medieval. Os prédios surgem com suas enormes portas e arcos. Ao passar por essas enormes portas, ficava imaginando qual é o mundo existente atrás delas. Deixei a imaginação voar. Ao longe, a música

da gaita galega ou *gaita-de-fole* galega (DUBY, 1995), toca uma música típica da região. Olhando sobre os telhados dos grandes prédios, avista-se as enormes torres da Catedral. Mais alguns passos, contornando a grande multidão, pelos diversos labirintos, chega-se a grande Praça Obradoiro.

A Catedral de Santiago de Compostela está ali, grandiosa e imponente. É tão alta e extensa, que meus olhos fixam em seu esplendor. Tudo é interessante. As escadarias, as suas portas enormes, suas torres, e lá bem ao alto, a imagem do apóstolo Tiago. A imensidão da Catedral nos leva a ficar por alguns minutos observando cada detalhe e imaginando como tudo isso pode ter sido construído em um tempo tão remoto. Diante daquele cenário, tudo se torna cristalizado, familiar e que merece ser investigado, tendo em vista a complexidade da realidade social existente naquela cidade.

Percorro a praça de um lado a outro. O número de peregrinos chegando neste horário é grande. A forma como cada um estabelece contato com a praça e a Catedral se torna único. O “estar na praça” sem ter pessoas conhecidas em volta, foi uma sensação maravilhosa. Observar os peregrinos e a forma como eles se comportam, os que já estavam ali atirados ao chão, à felicidade nos rostos, a alegria de terem conseguido chegar ao seu destino final, foi aos poucos sendo realçada em cada olhar.

Por alguns momentos, permiti que minha atenção não ficasse presa apenas à Catedral, mas a cada um que estava chegando. Existe ali, uma variedade de motivos, cada um agradecendo ao seu modo.

Após alguns minutos, fui em direção ao albergue. Chegando lá, organizei as minhas coisas, e fui descansar. O Albergue é muito central, e localiza-se a uns trezentos metros da Oficina do Peregrino, e à uma quadra da Catedral de Santiago. Em sua volta, muitos bares e restaurantes se espalham nas minúsculas ruas. O comércio local estava repleto de turistas e peregrinos.

Voltei a Praça Obradoiro muitas vezes, e percebi que ela não é como as outras praças, onde existe maior sociabilidade entre seus moradores existindo assim uma interação maior. Essa praça possui um único motivo, a chegada dos peregrinos, pois não existem atividades de lazer nela e nem em seu entorno. Permaneci na praça umas duas horas, observando a dinâmica ali existente. Os moradores que por ali passam, acostumados com a Catedral, com os peregrinos e turistas, parecem não ver o que acontece. Para muitos, a Catedral e as pessoas são

invisíveis. Mas, ainda que para alguns possa ser invisível, nas situações em que há uma efetiva interação pelo uso, o monumento se caracteriza como atuante não humano (LATOUR, 2012), pois tanto participa, quanto faz a diferença na rede de mediação.

A Praça Obradoiro não possui muitos locais para sentar, por isso os peregrinos que chegam exaustos sentam-se no chão. Os poucos locais são feitos de pedra junto ao muro lateral, como se os assentos fossem parte do muro. Cheguei à cidade na sexta-feira à tarde, e pude observar todo o movimento da praça até terça-feira. Durante o final de semana, a praça se enche de turistas que veem de todos os lugares da Europa, em grandes grupos. Esses grandes grupos descem de seus ônibus e caminham em direção à Catedral para tirar muitas fotografias, e ficam, em média, quinze minutos no local. Percebe-se os diferentes interesses nos diversos grupos existentes, os turistas se misturam aos moradores e aos peregrinos. Conforme todos os centros urbanos, a praça é um local onde “[...] coexistem grupos sociais, culturas, línguas, religiões, idades e atividades humanas diversificadas.” (ECKERT; ROCHA, 2008, p. 344).

A grande praça vem ao longo de muitos anos permitindo a passagem de milhões de pessoas que buscam a sua satisfação pessoal. Os grandes grupos de turistas que se deslocam até à praça permanecem alguns minutos, em contemplação a Catedral, majestosa e milenar. Milhares de fotografias são tiradas de sua fachada a cada segundo. Os peregrinos chegam, agradecem e contemplam a sua majestosa arquitetura. Por ali, ficam muitas horas deitados no chão, encostados nas paredes dos muros descansando dos últimos dias de longas caminhadas.

Consigo, em meio a grandes grupos, identificar os moradores da região ou os trabalhadores dos estabelecimentos próximos. Estes não param, seguem rápidos e nervosos em meio à confusão. Muitas vezes, os moradores caminham rígidos e com as mãos aos bolsos, olhar fixo à frente, expressões sérias. Para eles, o dia a dia repleto de peregrinos é normal.

O simples ato de transitar pela cidade velha, pela praça, é muitas vezes uma forma de encurtar o caminho entre sua casa e seu trabalho, caracteriza para eles um “não-lugar”, um ato praticado sem a intenção de apropriação. Segundo o antropólogo Marc Augé (1994), em seu conceito de “não-lugar”, “[...] se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se

definir nem como identitário, nem como relacional e nem como histórico, definirá um não lugar”. Os “não lugares”, os locais de passagem, que podemos pensar como os shopping centers, os aeroportos e o turismo podem ser ressignificados, com identidades e com sentidos.

Então, a Praça Obradoiro para os peregrinos se tornará um lugar, e para os muitos moradores que apenas passam por ali, se tornará um não-lugar. Marc Augé (1994), também destaca o fato de existir o “não-lugar” como “lugar”, isto é, o não-lugar existe de forma pura; relações e, conseqüentemente, lugares nele se recompõem e se reconstituem (COELHO, 2004). O que para mim é um lugar, por ter algum significado, para outro poderá apenas ser um local sem significado, uma passagem, um não-lugar.

Este conceito é essencial para quem se preocupa com os espaços em uma localidade. Nesse caso, a Praça Obradoiro, é considerada um local de grande importância para os peregrinos, pois está localizada em frente à Catedral de Santiago, um local de chegada, de agradecimentos e de um novo recomeço.

Conforme os relatos de alguns peregrinos, a Praça Obradoiro é vista como:

Um local de contemplação, de descanso e de recomeço. Ao chegar na praça, me senti pequena com a grandeza do local, e assim, percebi que ainda teria muito o que fazer na vida para compreendê-la. (BEATRIZ, 2019).

A chegada é emocionante. No primeiro momento tu imagina como é, depois, ao chegar na praça, de longe, tenta identificar os conhecidos e vai ao encontro deles. Todos se abraçam! A emoção é muito grande, e aí vem a percepção de que a superação é tudo. Me sentei no chão, e fiquei por alguns minutos pensando em tudo o que vivi. Me senti acolhida e segura neste local. (FERNANDA, 2019)

Um local de acolhimento. Um local por onde passam milhares de pessoas com o objetivo de recomeçar as suas jornadas. A experiência que tive, foi de deixar um “eu” para trás, um “eu” velho e antigo, para começar um novo capítulo e assim me tornar mais livre e feliz. (JOSÉ FRANCISCO, 2019).

A Praça Obradoiro, para os peregrinos que chegam após alguns longos dias de caminhadas e de ressignificações de suas vidas, passa a ser um lugar de grande importância. Um recomeço, um marco de superação, uma forma de agradecimento ou até mesmo, um local para dar sentido às suas vidas.

Por quatro dias seguidos, passei muitas vezes pela praça, em diversos horários, e observei a movimentação que ali ocorre. Algumas vezes, permaneci

observando, outras vezes apenas percorri a praça de um lado a outro. Nesses momentos, observei como este local é utilizado. Aos finais de semana, muito cedo, saem dali os grupos de turistas/ peregrinos que desejam conhecer outros locais próximos, como Finisterre e Muxía, tornando um ponto de encontro para essas saídas.

Em um dos momentos que parei na praça, sentei para observar sua movimentação. Observei a entrada e saída de muitas pessoas do prédio que fica ao lado direito da Catedral. É uma construção histórica, fundada em 1499 pelos Reis Católicos que chegaram à Santiago de Compostela e mandaram construir um hospital para cuidar dos doentes e ajudar os desfavorecidos, as mulheres, os peregrinos e os pobres da região. Hoje, é um parador de luxo, ou seja, um hotel 5 estrelas. Não é permitida a entrada de pessoas que não estejam hospedadas (GOY DIZ, 2019). Em frente à Catedral, um prédio neoclássico, inicialmente era um seminário para futuros padres e, hoje, se encontra a sede da prefeitura e o governo local. E o prédio na esquerda, fica o Colégio de San Xerome, construído no século XVI. Foi fundada para estudantes que não tinham dinheiro para frequentar uma universidade. Na parede lateral da parede do colégio, existe um grande quadro com o desenho de uma árvore, com o fundo preto e os galhos da árvore em prata, cada galho está representando um curso oferecido pela Universidade que funciona nesse prédio desde o século XVI. Muitos são os turistas e peregrinos que param ali para tirar fotografias.

Durante o dia, são as chegadas de peregrinos que movimentam a praça, e, à noite, o grupo de cantores e músicos que fazem a alegria dos todos que por ali passam. Todas as noites, grupos de cantores e músicos da Universidade vão para a Praça alegrar os turistas que por ali passam. Suas vestimentas são típicas, calças pretas, camisas brancas, uma faixa vermelha sobre a camisa e uma capa preta, longa até o chão. As músicas são cantadas em galego, são alegres, são agitadas fazendo com que todos os presentes dançam, cantem e batam palmas junto.

No dia seguinte, após um bom café da manhã (croissants e uma xícara de café com leite grande), fui ao encontro da guia de viagens e do grupo de pessoas que fariam uma excursão até a cidade de Muxía e Finisterre. Dizem às lendas que o apóstolo Tiago foi visto caminhando pelas praias de Muxía antes de voltar à Jerusalém. Em Finisterre, os peregrinos buscam este belo local para apreciar o pôr-do-sol e ali agradecer pelo seu objetivo alcançado. Alguns estudos arqueológicos

descrevem a região de Finisterre como sendo um local de culto celta ao sol. O templo de culto ao sol ficaria ali, como um local mais importante da Península Ibérica.

Finisterre é um local interessante. A sensação é de estarmos realmente no fim do mundo, pois até onde nossa vista enxerga, é tudo mar, não existindo nada além. A estrada é longa e serpenteia a borda do morro, com lindas paisagens do mar. Ao chegarmos bem ao cume, existem algumas pequenas lojas com muitos *souvenirs* e, bem ao pé do morro, está o farol. Um pouco mais abaixo está a Cruz dos Farrapos e também um monumento em formato de bota forjado em ferro, local do término da peregrinação. Alguns relatos antigos comentam que as pessoas caminhavam até a Cruz dos Farrapos, e ali deixavam suas roupas e colocavam fogo, como parte do último ritual renovação e purificação (SINGUL, 1999). Logo após, reafirmavam a sua condição de homem novo, recebendo a caridade de roupas novas doadas pela Catedral, como um ritual de iniciação (VAN GENNEP, 2011).

Com o ritual da queima de roupas na Cruz de Farrapos, a tradição encontrou um problema municipal com o risco de incêndio, acumulação de detritos e danos à natureza envolvente, pois nesse local não existe nenhum tipo de infraestrutura preparada para este fim. Então, nos últimos anos, a queima de roupas e objetos foi proibida na localidade.

A criação desse local como sendo o final da peregrinação, na verdade seria uma forma de cristianização dos cultos pagãos locais. Os galegos não tinham uma religião, mas sim, várias. Os santuários eram na maioria das vezes nas montanhas, onde muitos galegos as veneravam.

O dia estava nublado e ventava muito, dando a sensação de muito frio. O passeio durou o dia todo. Neste grupo, estavam muitos turistas e peregrinos que aproveitaram o dia para fazer este roteiro. A região é muito interessante e, conforme dizem as lendas, o apóstolo Tiago teria passado por esses locais em busca de fiéis. Não vejo essa região como um local de peregrinação do apóstolo, pois até hoje, são poucas casas ali existentes e, com certeza, era um local apenas de passagem ou cultos, e não como local de moradias.

Ao retornar ao albergue no final do dia, conheci uma colombiana chamada Diana que é médica e mora em Barcelona. Muito simpática e comunicativa. Diana estava no albergue esperando a hora passar para acompanhar um grupo noturno pela cidade histórica chamado Tour da “meiga”. Começamos a conversar e nosso

papo estava muito bom, quando Diana me convidou para ir junto, e assim, poderíamos conversar mais. Aceitei, pois achei uma grande oportunidade de percorrer a cidade à noite. Enquanto esperávamos o grupo se formar, ficamos conversando. Diana me contou que estava realizando a peregrinação porque sua vida é muito estressante e que ela trabalha como médica na área oncológica.

Ao caminharmos pelos locais, fomos sendo guiados por ruelas estreitas, como se estivéssemos em um filme. A noite era de lua cheia e brilhante. Muitas pessoas na rua, restaurantes repletos de turistas e peregrinos. O frio de 12º graus não espantou ninguém. Acredito que neste grupo estavam em média 40 pessoas e todos interessados nas histórias e lendas do local. A cidade à noite é repleta de seus moradores e turistas que ali permanecem, os vários restaurantes e bares que abrem suas portas somente à noite, fazendo com que a atmosfera da cidade antiga continue pulsando.

A praça e seus arredores envolvem as pessoas, seja ela repleta de peregrinos, de turistas ou apenas de seus moradores. A atmosfera nos leva a imaginar uma época em que tudo era diferente. O nosso imaginário interfere nas imagens fotográficas ali tiradas, como também no que iremos enxergar logo a seguir. A construção narrativa é criada a partir dos locais visitados, trazendo a sensação de algo passado com a experiência da modernidade. As trocas de experiências interpessoais existentes proporcionam novas narrativas, novas imagens e novas ideias em relação ao que foi registrado.

A guia dizia que era uma meiga (bruxa, em galego), e que iria nos levar aos locais mais interessantes da cidade, olhando a noite. A vestimenta da meiga era interessante: uma capa preta até o chão, roupa preta e uma vassoura, além de um chapéu. Ela é estudante da Universidade, no curso de História e, para conseguir um pouco de dinheiro, em alguns dias da semana faz esses passeios com os turistas. O passeio realmente foi muito bom. A meiga nos contou um pouco da história dos prédios localizados na parte medieval murada da cidade. Falou sobre o bairro judeu, do prédio onde foi feita a inquisição, do mosteiro que fica ao lado da catedral, das histórias existentes e que envolvem o mosteiro, da igreja que recebia os peregrinos moribundos e da construção de um prédio onde seria transformado em hospital para receber os peregrinos.

O final do passeio foi em frente ao cemitério mais antigo da região. Não pudemos entrar, pois já estava fechado, mas a meiga disse que seria um passeio

interessante durante o dia. No final, eu e Diana resolvemos jantar em um restaurante conhecido de todos os peregrinos. Pedimos uma entrada saborosa e um prato principal delicioso. Não demoramos muito no jantar, pois Diana já estava de partida para Barcelona e tinha poucas horas até seu voo sair. Trocamos número de telefone e redes sociais.

No dia seguinte, acordei cedo e fui até a oficina dos peregrinos, para retirar a Compostelana, que é um ritual chave de conclusão do Caminho. Em meados da Idade Média a Compostela servia como uma credencial para o retorno do peregrino, que atestava a sua conclusão com o efeito de uma sanção religiosa ou civil. Atualmente, serve como uma marca pessoal e um controle religioso para a Igreja (GUIMARÃES, 2008). O tempo mudou completamente. Estava frio e muita chuva. Ao chegar à Oficina do Peregrino, fiquei em uma pequena fila que levava ao subsolo para retirarmos uma ficha, com o nosso número de atendimento e com um código QR. Se a fila estivesse muito demorada, poderíamos sair da Oficina, passear pela cidade e acompanhar pelo celular o andamento da fila pelo nosso código escaneado. A Igreja se atualizando para atrair e confortar os peregrinos através da tecnologia. Um sistema moderno para um percurso milenar. Como o dia não estava propício para um passeio, permaneci por ali, observando os peregrinos.

Esperei por três horas. O bom é que o local é todo fechado, então não me molhei. Aproveitei para observar os peregrinos que chegavam e partiam. Um caldeirão de línguas e culturas. Muitos alemães, muitas mulheres acima de cinquenta anos e poucos jovens. Enquanto aguardava, não vi mais do que algumas mulheres brasileiras. Espantei-me com o grande número de chineses, em grupos ou sozinhos. Parece que estão sempre perdidos. Ao saírem da sala com a Compostelana em mãos, todos estão felizes, com um lindo sorriso no rosto, de dever cumprido. Muitas fotografias são tiradas neste momento, como uma recordação de um longo percurso e superação, seja ele físico ou psicológico. Um ritual que engloba as diversas crenças que por ali passaram, como uma forma de aceitação social e pessoal (PEIRANO, 2003).

A observação foi interessante. Ouve-se de tudo. Muitas histórias são contadas. Pessoas que não desistem mesmo depois de terem sofrido acidentes, torções de pés, e de caírem. Poucos são os jovens que estão ali. E quando relatam suas experiências, parecem estarem acostumados com as longas caminhadas. Depois de falar com os peregrinos ao longo do caminho, percebi através de seus

relatos, que os europeus estão acostumados a caminhar. Saem em suas férias de verão em busca de locais na natureza para acamparem ou até mesmo a praticarem esportes de aventura. Para eles, realizar o Caminho de Santiago é um exercício físico e de envolvimento a natureza.

Depois de pegar a minha Compostelana, fui até a Igreja de São Francisco de Assis para assistir à missa do meio-dia para os peregrinos. Como a Catedral de Santiago está em restauração para o Ano Santo, as missas são realizadas em várias outras Igrejas da cidade. Para muitos religiosos e não religiosos, a Missa do Peregrino é um ritual essencial para a conclusão do Caminho. Nesse momento existe a ambiguidade do chegar ao final e a noção de que a vida continua.

Nesse momento a chuva forte dava uma trégua. Estava repleta de pessoas de todas as nacionalidades e muitos turistas. Não tinha nenhum lugar para sentar. Em todos os lugares possíveis tinha pessoas em pé ou sentadas no chão aguardando o início da missa. O calor no interior da Igreja era intenso, pelo grande número de pessoas e pouca circulação de ar. Não demorou muito para os Padres entrarem na Igreja, com um ritual litúrgico que é celebrado todos os dias ao meio-dia. Depois do início da missa, alguns peregrinos são chamados para até o púlpito para fazerem seus agradecimentos. Muitas são as nacionalidades chamadas, e há uma grande mistura de línguas. Muita emoção em cada leitura de agradecimento, com aplausos e cantos religiosos. A missa durou uma hora aproximadamente.

Mesmo com um clima chato, a cidade estava repleta de pessoas que se espremiavam pelas pequenas ruelas medievais, muitas vezes, se escondendo da chuva que ia e vinha com frequência. Aproveitei o dia chuvoso para conhecer o Museu dos Peregrinos, outros museus e Igrejas que ficam na parte histórica, como a Catedral de Santiago de Compostela.

No dia seguinte, segunda-feira, estava mais frio e a chuva estava mais intensa. Tive que colocar todas as roupas que tinha levado, porque a temperatura estava muito baixa. A cidade parecia mais vazia. Poucos eram os peregrinos que chegavam. Saí do albergue às 08h30 e fui fazer minha pesquisa na biblioteca das peregrinações, pois tinha combinado com a bibliotecária responsável uns três meses antes. O percurso não era longo, mas com a chuva que caía, cheguei ao local completamente encharcada. O prédio é fantástico. Na entrada tem uma bela escada toda esculpida em pedra, circular que leva aos andares superiores. Aguardei a bibliotecária autorizar minha subida. No segundo andar, no meio do corredor, uma

grande lareira, toda em pedra. As paredes devem medir uns sessenta centímetros. As janelas são grandes e sua armação é toda em ferro preto. Subimos mais um andar e, a sala era enorme. Livros em todos os lados. Ao centro da grande sala, mesas com computadores. Pesquisei no computador o assunto desejado, por tema ou por título e, em seguida a bibliotecária trazia o livro. Fiquei até o meio-dia fazendo pesquisas. Ficaria ali por um bom tempo se tivesse esse tempo. O local é muito especial, pela história que guarda e também pelos diversos livros disponíveis.

Por volta do meio-dia, as minhas amigas enviaram uma mensagem informando que já estavam em Santiago de Compostela. Marcamos de nos encontrarmos no albergue.

Depois de fazerem o *check-in*, saímos para almoçar, e assim, caminhar pelas belas ruas medievais de Compostela. Neste momento, a chuva parou e o sol apareceu. Caminhamos muito, paramos para tomar um bom café e, na agitação do vai e vem, encontramos outras peregrinas que estavam chegando à cidade. Fomos a Catedral de Santiago e, dessa vez, não tinha fila. Pude olhar melhor o seu interior e perceber as restaurações que estão sendo realizadas para o ano Santo⁹ de 2021. A Catedral é lindíssima, toda em ouro com belos vitrais, estátuas maravilhosas e uma enorme estátua de Tiago, o apóstolo, atrás do altar.

Com o número reduzido de pessoas neste dia, a fila dentro da Catedral para abraçar o apóstolo e ver seus restos mortais era pequena. Então fiz novamente o mesmo percurso, só que com mais calma. O ritual de abraçar o Apóstolo está cada vez mais popular. Agora qualquer pessoa que passe por ali deseja abraçar o Apóstolo, mesmo não entendendo o ritual. Muitas pessoas que observei na fila davam risadas e alguns homens se perguntavam por que estavam ali. Outras apenas seguiam a fila, sem compreender o que aquele ritual quer dizer. Para muitos peregrinos, o abraço simboliza o acolhimento amável do Apóstolo na sua casa. Temos nesse ritual a perspectiva do peregrino, tratando o ritual como importante e, a perspectiva do turista que muitas vezes não compreende o ritual do outro, pois são grupos que agem e pensam diferentes (PEIRANO, 2003). Através desses rituais, percebe-se a existência e a diferença entre o peregrino e o turista. Ambos estão partilhando do mesmo espaço físico, mas as motivações são diferentes. Mesmo

⁹ Ano santo: O ano santo de Compostela, ano jacobeu ou jubilar, é celebrado desde o século XII, quando o dia 25 de julho, festa de São Tiago no calendário cristão, coincide com um domingo. Durante este ano, a Igreja concede a indulgência plenária ou o jubileu, ou seja, liberta o peregrino em questão das penas pelos pecados.

tendo desejos e motivações inversas, não existe um estranhamento ao ocuparem o mesmo local.

Ao passar pelo abraço ao Apóstolo Tiago, descemos uma escadaria que nos leva abaixo do altar, um local reservado para os supostos restos mortais de Tiago. Os degraus possuem um declive e desgaste do tempo e da passagem de inúmeras pessoas. As supostas relíquias do Apóstolo Tiago ficam guardadas em um relicário de prata, atrás de grades grossas de ferro. Muitas pessoas, fiéis e peregrinos jogam pequenos bilhetes com suas graças e pedidos ao Apóstolo.

Ao percorrer os belos corredores da Catedral, de perceber o quão imenso é o local, percebe-se a existência de um local sagrado, um centro milenar de peregrinação cristão e de não cristãos, que por séculos, percorreram longas distâncias em busca das relíquias do apóstolo Tiago. Também os fiéis, turistas e peregrinos podem observar três colunas com figuras que contam histórias bíblicas, do Antigo e Novo Testamento. Ao caminhar pela porta da Glória, ou o corredor que leva até o altar, temos vinte e dois pilares, enormes. Muitas estátuas, perfeitamente esculpidas, estão espalhadas pela Catedral, detalhando as passagens da Bíblia e da vida de Jesus Cristo. As luminárias são enormes e de cristais. Existem muitos confessionários, que atendem as muitas línguas que por ali passam. As esculturas, tanto nos confessionários como na construção da Catedral, transmitem o cuidado em que foram realizados. A riqueza de detalhes é interessante e instigante. A atmosfera existente é muito particular, que torna a Catedral muito diferente das outras Catedrais e Igrejas. Pode-se dizer, talvez, que o grande número de peregrinos tenha alguma influência.

O contraste existente na cidade, do novo e do velho, do colorido e do cinza, do sol e da chuva, estimula as descobertas vividas no Caminho de Compostela. Cada pessoa, com suas características, suas especificidades, nos permite perceber as diferenças que encontramos pelo caminho, com uma grande variedade de participantes em tão limitado espaço de tempo.

O dia passou tão rápido que mal percebíamos as horas. Janete disse que gostaria de ir à missa do peregrino e perguntou se queríamos acompanhá-la. Como não tínhamos nada para fazer, decidimos ir junto. A Igreja que estava celebrando a missa do peregrino na segunda-feira fica um pouco mais afastada da Catedral. Está situada ao lado do mercado de Abastos, uns dos mercados mais conhecidos da Espanha. Nesse local são oferecidos todos os tipos de frutos do mar, verduras,

frutas, vegetais e condimentos. No horário que passamos pelo local, as barracas já estavam fechadas, o que nos fez apreciar a construção e as vitrines das lojas com seus muitos produtos típicos regionais.

A missa foi realizada na Igreja de São Félix de Solovio, que foi construída no século X. Um templo pequeno e muito bonito, todo construído em pedra. A igreja estava repleta de peregrinos de todos os locais. A missa foi celebrada em espanhol e em alemão, e sua duração foi de 45 minutos. Quando chegamos, havia poucos lugares para nos sentarmos, mas conseguimos um banco mais ao fundo da Igreja que estava vazio, permitindo que nos sentássemos juntas.

Como estava mais ao fundo, tinha a visão de toda a Igreja, o que facilitou a minha observação dos fiéis e peregrinos que estavam presentes. As pessoas que se encontravam, nessa missa estavam mais interessadas em participar dos rituais e eram “praticantes regulares”¹⁰, pois sabiam o ritmo do culto religioso, muito diferente do público que participou da missa de domingo, realizada na grande Igreja de São Francisco de Assis. Nos finais de semana, a cidade fica repleta de viajantes e turistas, o que leva muitas pessoas a participarem da missa por ser um ritual já celebrado há séculos e estar descrito nos guias de viagens como um local de obrigatoriedade a ser visitado.

Mas, o que me chamou a atenção foi à forma como Janete se comportou na missa. No momento em que o padre enunciou que poderíamos abraçar e cumprimentar o seu próximo, Janete se levantou e ficou no canto da Igreja. Ela disse para mim: “não participo desses rituais”. Eu me perguntei: por que ela estava ali se não aceita os rituais do local? Qual o significado para ela de frequentar uma missa e não participar dos rituais?

Acredito que, para Janete, a sua ligação seja diretamente com Deus e não com os intermediários, mas é necessário se conectar com algum lugar sagrado para agradecer pela sua chegada em Compostela e estar bem. Seria a sua experiência eminentemente pessoal, uma propensão a “crer sem pertencer”, onde a pessoa dá à sua busca espiritual um outro sentido religioso, quando ela estabelece um vínculo entre a solução pessoal e uma tradição instituída à qual se reporta de maneira livre (HERVIEU-LÉGER, 2008).

¹⁰ Praticante regular é citado no livro de Danièle Heriue-Léger, 1999, p.81.

Durante a missa, observei Maria Fernanda e Patrícia, que estavam concentradas e participativas. Não recusaram nenhum ritual e, ao fim, saíram satisfeitas e felizes, como se a sua missão já tivesse sido cumprida.

Caminhamos pelas ruelas estreitas e medievais da cidade, observando a construção das antigas casas, com seus diversos restaurantes e comércios abertos. Nesse horário, a cidade estava mais calma. A noite estava fria e a chuva tinha passado.

Após caminharmos pelas diversas ruas da cidade, decidimos juntar todas as peregrinas para um último jantar. Escolhemos um restaurante que servia *tapas galegas*¹¹, para confraternizar a nossa chegada e também a nossa amizade. Escolhemos um restaurante do outro lado da cidade histórica, bem próximo aos muros medievais. A sensação de caminhar nessa parte da cidade, á noite, é muito estranha. Em algumas localidades, a cidade fica vazia, dando a sensação de estarmos em um filme. Resolvemos pedir vários tipos de tapas, assim poderíamos experimentar tudo o que o local oferecia. Janete, Patrícia e Maria Fernanda pediram um vinho da região, Jana bebeu cerveja. Eu, Uli e a sua pequena filha, preferimos beber refrigerante.

A imagem abaixo reflete a nossa alegria de estarmos bem e em companhia uma da outra em um momento de confraternização. As quatro brasileiras e as três alemãs, em um momento de despedidas e promessas.

¹¹ Comida típica da região. São entradas de vários tipos e com vários sabores (bolinhos, batatas, bruschetas).

Figura 11 - Último jantar em Santiago de Compostela, Espanha



Fonte: Acervo pesquisadora (2019)

No jantar, pude saber um pouco mais sobre a peregrina Uli e sua pequena filha. Uli fala um português perfeito. É professora de alemão e português na sua cidade, e quando estava estudando decidiu fazer um estágio de um ano no Brasil. Conhece muitos lugares, inclusive a cidade de Porto Alegre, onde tem muitos amigos.

Uli conseguiu alguns dias de férias e decidiu aproveitá-los com sua filha. Ambas adoram fazer trilhas e caminhadas em seu país junto com seus familiares, por isso a realização do caminho português não era novo para elas. Perguntamos a pequena Mia se ela estava cansada da caminhada que, com um belo sorriso falou que estava feliz e queria continuar a aventura com a sua mãe. O jantar foi bem divertido e alegre. Despedimo-nos e fizemos promessas de um novo reencontro.

6 A PEREGRINAÇÃO COMO MERCADO DE SERVIÇOS

Os cenários de mudanças existentes no mercado de serviços são destacados por alguns estudiosos como sendo a Revolução Industrial a causadora das transformações sociais, com a criação da classe média, o aumento do tempo livre e a procura por viagens (REJOWSKI, 2002).

Com a necessidade de buscar uma qualidade de vida melhor, as pessoas passaram a gastar seu tempo livre viajando para lugares distantes como: praias, termas, montanhas e para lugares sagrados. O que antes era visto como um lazer da elite, agora passou a ser popular. O fato que marcou essa grande movimentação, foi sem dúvida, o desenvolvimento dos transportes que impulsionaram a movimentação entre países e continentes.

O aumento progressivo do fluxo das viagens fez com que a Igreja Católica buscasse incentivar mais as peregrinações com a promessa de concessão de indulgências e graças espirituais, como é o caso de Santiago de Compostela que celebra, desde a Idade Média, o Ano Santo¹². Por trás dessas viagens religiosas, sempre houve a indústria de indulgências plenárias e de comércio de relíquias de Cristo, da Cruz e dos Santos (REJOWSKI, 2002).

A peregrinação e o turismo estão conectados em uma rede complexa, em que o mercado de serviços ofertados não é simples nem homogêneo. Os limites existentes entre peregrinação e turismo não são claros, por isso muitos autores (MACCANNEL, 1989) exploram a relação existente entre turismo e peregrinação buscando mostrar que a peregrinação não só é um antecedente do turismo, mas o turismo é uma forma atual de peregrinação.

Hoje, as peregrinações estão mais parecidas com uma atividade turística, por utilizarem os mesmos meios de transportes, hospedagens, infraestrutura existente nas cidades e também os serviços oferecidos pelas empresas turísticas e, principalmente, pela utilização do dinheiro como forma de troca de serviços. Para Burns (2002), o turismo pode ser interpretado como uma forma de peregrinação “[...]”

¹² Ano Santo Compostelano é celebrado desde a Idade Média e remonta ao papa Calixto II, que em 1122 concedeu ao santuário compostelano o privilégio jubilar. Os Anos Santos são aqueles em que o dia 25 de julho coincide com um domingo, o que acontece de 6,11 e 5 anos por século. CARDALDA, Laureano Xoaquín Araujo, 2009.

no sentido de que apresenta estágios ou características similares, isto é, uma jornada ritualística, do estado comum para o espacialmente separado e fora do comum, por determinado período.” (BURNS, 2002, p.121).

Esses diversos serviços proporcionados pelos mercados locais possibilitam a continuidade de um caminho milenar e totalmente voltado ao comércio, que é organizado segundo um calendário de épocas para oferecer uma infraestrutura ao longo dos trajetos e nas localidades próximas a rota do Caminho de Santiago de Compostela.

Esse conjunto de atividades turísticas e de serviços é utilizado pelos mais diversos segmentos que fazem parte da rota da peregrinação motivada pela jornada a um destino religioso. Alguns desses caminhos tanto podem ser uma invenção recente, como antigos polos religiosos e turísticos que são ressignificados por meio dos novos agentes, seja pela ação do estado como também pelo mercado de serviços e turísticos da região.

As novas ressignificações, dadas as diversas rotas ao longo do Caminho de Santiago de Compostela, podem ser formuladas pelos novos atores sociais, que envolve prefeituras locais, as Igrejas Católicas, as agências de turismo, as Associações de peregrinos, os transportes, as hospedagens, as empresas de alimentação e as organizações da sociedade civil. As peregrinações modernas fazem parte do contexto social, de uma relação de circuitos (ZELIZER, 2011), por isso, é importante perceber a necessidade e o envolvimento que esses mercados possuem.

As pessoas que estão envolvidas na oferta de serviços reconhecem o quão delicado é a mistura de trocas econômicas com a atividade de peregrinar. O turismo como fenômeno massificado e das transformações que ele acarreta, sempre foi debatido por estudiosos (Burns & Holden, 1995), por haver grande intensificação de deslocamentos espaciais nas sociedades, gerando assim um consumo de massa. Como existe uma diversidade existente nesses eventos – peregrinação e turismo – precisamos avaliar as positivities e negatividades construídas através de uma perspectiva.

Ao longo dos anos, houve um estudo e um planejamento referente as atividades econômicas que envolvem o setor turístico e religioso integrando a comunidade na participação desse desenvolvimento local. A comunidade tem o direito de se pronunciar a favor ou contra as políticas referentes ao desenvolvimento

turístico da região. Alguns moradores que não estão conectados diretamente a essa atividade turística, devem ser informados sobre como devem tratar com simpatia e tolerância os turistas e peregrinos, mediante a argumentação de que o turismo é uma atividade que traz dinheiro para a sociedade através dos serviços prestados (BARRETO, 2009).

A qualidade de vida desses moradores é necessária para a evolução do sistema econômico e, por isso, alguns estudiosos desenvolveram uma tabela que descreve os impactos positivos e negativos das regiões que recebem turistas e peregrinos.

Quadro 2 - Impacto negativo e positivo no Caminho

Impactos positivos	Impactos negativos
Aumento de renda	Aumento sazonal de preços
Criação de empregos	Especulações imobiliárias
Construções de novas instalações / albergues/ hotéis	Danos ambientais
Melhora na infraestrutura local	Superpopulação
Aumento de laços comunitários via voluntariado	Urbanização excessiva
Aumento no interesse dos moradores na participação de eventos	Aumento nas hostilidades aos visitantes
Aumento do orgulho local	Comercialização de atividades que deveriam ser privadas
Aumento do espírito comunitário	Exploração econômica
Surgimento de novas ideias	
Fortalecimento das tradições e valores regionais	
Aumento do reconhecimento internacional	

Fonte: Brent Ritchie, J. R. (1987).

Conforme o quadro acima, não há dúvida, que os impactos e a qualidade de vida da sociedade local melhoram na medida em que os impactos positivos sejam superiores aos negativos. Esses dados são constantemente estudados pelo governo espanhol, que tem como interesse receber mais e mais peregrinos, pois o impacto econômico possibilita ampliar os bens e serviços para regiões locais, gerando um maior efeito multiplicativo sobre as regiões¹³.

¹³ Jornal La Voz de La Galicia: https://www.lavozdegalicia.es/noticia/mercados/2019/05/05/camino-santiago-radiografia-ruta-famosa-mundo/0003_201905SM5P2991.htm. Acessado em setembro 2021.

Anualmente, mais de 200 mil pessoas¹⁴ chegam até a Oficina do Peregrino, em Santiago de Compostela, em busca da sua Compostelana. Esses dados estão no site da Oficina, que contabilizam os peregrinos através de questionários antes da entrega da Compostelana. Nesses dados, não estão contabilizados a inclusão dos turistas que chegam a cada semana por meio de agências de viagens, que oferecem pacotes específicos para os turistas que desejam apenas conhecer a cidade. A movimentação crescente de pessoas nos diversos caminhos existentes sustenta o comércio, a gastronomia, as hospedagens e os demais serviços oferecidos pelos moradores e comerciantes locais.

A partir da inauguração de rodovias e estradas ao longo do percurso, o espaço sofre novo impacto, possibilitando que haja um deslocamento em massa aos locais sagrados, tornando inseparável o mercado/consumo dos movimentos religiosos e das peregrinações. Nos últimos anos, as empresas de turismo e de organizações em massa, vão ocupar o espaço que era somente da Igreja, oferecendo um bem religioso como um bem turístico (REJOWSKI, 2002).

A Igreja Católica, percebendo que as pessoas, ao se deslocarem aos locais sagrados, se tornam mais exigentes com os serviços, começam a competir com essas novas empresas turísticas, criando assim as suas empresas turísticas com o foco na religiosidade. Ou seja, a Igreja Católica apenas mudou de lugar, o que antes era ofertado em troca de dízimos e doações, agora possui outra forma de agregar valor através dos diversos pacotes de viagens e serviços oferecidos aos fiéis e peregrinos.

A existência do consumo na viagem, tanto para fins religiosos ou não, são comuns tanto para o turista como para o peregrino, diferenciando-se apenas na atitude que cada um assume perante o consumo. O peregrino representa 2,3% dos gastos turísticos da comunidade, tendo um impacto econômico superior ao do turista nacional, uma vez que gera 18% a mais de empregos¹⁵. O turista apresenta um consumo a mais de bens e serviços, com um valor gasto elevado. O turista além de gastar com bens e serviços básicos como hospedagens e alimentação, gasta também com entretenimento, lazer, consumo de *souvenirs* e outros produtos.

¹⁴ Dados da Oficina do Peregrino em Santiago de Compostela.

<https://oficinadelperegrino.com/estadisticas2/> . Acessado em Abril 2021.

¹⁵ Jornal La Voz de La Galicia: https://www.lavozdegalicia.es/noticia/galicia/2018/04/17/peregrino-duplica-turista-impacto-economico/0003_201804G17P6993.htm. Acessado em setembro 2021.

Os peregrinos, em geral, possuem moderação no que diz respeito ao consumo de bens e serviços. Apenas consomem o básico como alimentação e hospedagem. Raramente consomem *souvenirs*, e se o consomem, são poucos produtos, pois os consideram supérfluos e dispensáveis. O circuito (ZELIZER, 2011) por onde o dinheiro passa faz parte de um sistema de trocas, sujeito a influências e relações de poder, como também de relações sociais e classes sociais, que influenciam a sua utilização.

Mesmo que a peregrinação esteja em oposição às trocas monetárias, estas transações econômicas se encontram em um sistema econômico-social específico. Para analisar, trago o pensamento de Zelizer (2011) que propõe a noção de circuito econômico como uma ferramenta para compreender o contexto das transações econômicas para permitir a sua significação. Assim, os entrelaçamentos feitos pelas pessoas passam por uma série de cálculos das atividades, o que delimita as várias relações “[...] por meio de práticas cotidianas, sustentando os laços por meio de atividades conjuntas, negociando constantemente o conteúdo exato destes laços sociais importantes.” (ZELIZER, 2011, p. 310).

Os circuitos estudados por Zelizer (2009) em seu trabalho sobre moedas locais, ela traz a existência de formas monetárias de circulação em uma região restrita, identificada por igrejas, cooperativas, e outras comunidades. Nas peregrinações, podemos dizer que existe um circuito afetivo, e que as pessoas podem participar e fazer parte de vários circuitos simultaneamente, compartilhando vários tipos de afetividades. Ao fazer parte desses circuitos, as pessoas são afetadas (FAVRET-SAADA, 2005) por palavras, eventos comidas, moralidades e tantos outros objetos que ali circulam. O ser afetado permite a circulação em certos circuitos, como também é uma postura para o entendimento das moralidades presentes.

Essa afetação me fez perceber que existem circuitos (ZELIZER, 2009) que apoiam os caminhantes e peregrinos através de um sistema que envolve as muitas instituições que dependem de trabalho voluntário, como é o caso dos albergues municipais, das Associações espalhadas pelo mundo e também pelos serviços de informações aos caminhantes em algumas cidades. Quem trabalha voluntariamente é afetado pelas pessoas e pelas energias que o caminho possui. Envolvem-se pelos diversos tipos de afetividades existentes.

É interessante compreender que o sistema de mercado se encaixa nas peregrinações dependendo de como os serviços são afetados e reorganizados. Ao olharmos em nosso entorno, deparamos com um mundo globalizado e circundado pela economia. Para que o sistema funcione, é preciso que a economia tenha seu próprio lucro e que consiga mais vantagens financeiras.

Atualmente, quem chega à cidade encontra um local repleto de melhorias que foram exigidas pelos órgãos envolvidos com o desenvolvimento e *marketing* da região. Os projetos incluíram a criação de novos albergues ao longo dos caminhos, manutenção dos patrimônios, recuperação de algumas rotas, sinalização, um programa cultural e também a revitalização socioeconômica de algumas áreas.

Enquanto eu realizava a pesquisa sobre a revitalização das pequenas cidades, através das rotas existentes ao longo da Espanha, verifiquei a presença de muitos brasileiros que decidiram deixar suas vidas no Brasil para se dedicarem ao novo projeto, administrar seu próprio negócio e oferecer toda a ajuda necessária aos caminhantes.

A história que chamou a atenção foi a de Acácio. Por muito tempo, ele trabalhou na empresa de seu pai. Não satisfeito, tentou mudar de profissão, o que exigia viajar entre Rio de Janeiro e Florianópolis por alguns anos. Decidiu que precisava de férias que trouxessem algum benefício pessoal, um deslocamento que tivesse algum significado e que o fizesse feliz. Então, no ano de 1998, Acácio percorreu os 819 quilômetros no Caminho Francês. Retornou ao Brasil por sete meses apenas. No ano seguinte, Acácio voltou à Europa e peregrinou por cinco vezes o Caminho de Santiago.

“Eu caminhava e trabalhava como voluntário hospitalar em albergues.” (ACÁCIO, 2020). Na sua quinta peregrinação, Acácio conheceu a italiana Orietta que viria a se tornar sua esposa. Quando chegou a Santiago, começou a procurar albergues para trabalhar em troca de hospedagem e comida. No ano de 2001, o escritor Paulo Coelho procurou Acácio para ser seu guia no Caminho, pois Paulo Coelho iria fazer um documentário para a Tv japonesa. Acácio e Paulo Coelho tinham uma amiga em comum que foi quem informou Paulo Coelho sobre a nova vida de Acácio na Europa.

Depois de 18 dias dando assessoria a Paulo Coelho e a equipe de Tv japonesa, concluído o documentário, Paulo Coelho perguntou para Acácio qual o valor que ele deveria pagar pelo seu trabalho, quando Acácio disse: “Eu respondi

que não cobraria nada, mas que se um dia precisasse de ajuda, eu iria procurá-lo”. Paulo Coelho olhou para Acácio e fez um juramento, que iria montar um albergue nos Pirineus (início do Caminho Francês).

Durante cinco anos, Acácio e Orietta circulavam, de povoado em povoado, trabalhando em albergues em troca de hospedagem e comida. Foi então que decidiram que estava na hora de comprarem o seu próprio albergue. Mas, para isso, precisariam de doações. Foi então que Acácio procurou por Paulo Coelho que pediu uma lista de tudo o que eles precisavam. “Eu fiquei esperando pela resposta na recepção do hotel. Algumas horas depois, Paulo desceu à recepção e disse: eu te dou tudo que está na lista.”.

O albergue de Acácio e Orietta está localizado em um pequeno povoado, com pouquíssimos moradores, mas que foi crescendo, ao longo dos anos, pelas diversas opções de serviços (albergues, hotéis privados, serviços de bicicletas, restaurantes). Acácio comentou que no início os donos de albergues mal se conheciam. Foi, então, que Acácio criou um circuito que favoreceu a chegada de mais brasileiros na região. Através desse sistema, hoje a região possui uma rede de serviços aos peregrinos e Paulo Coelho e sua esposa Christina se tornaram os padrinhos oficiais do albergue.

Eu acredito que este apoio do Paulo ao projeto do Refúgio é uma forma que ele encontrou de agradecimento por tudo o que recebeu do Caminho de Santiago. Aliás, sempre que fala do seu sucesso, ele manifesta o seu reconhecimento pelo que o Caminho lhe deu. (ACÁCIO, 2020).

Hoje, existem muitos brasileiros que trocaram a sua vida estressante no Brasil por uma vida diferente na rota de Compostela. Esses brasileiros ajudaram a revigorar regiões espanholas que estavam sendo abandonadas e fizeram desse local seu novo lar. A necessidade de auxiliar as pessoas que se encontram no caminho, de oferecer assistência e um local para passar a noite, vem do espírito peregrino, uma forma de troca (MAUSS, 1974), de dar, receber e retribuir.

A peregrinação a pé tem como um propósito chegar ao santuário e, para isso, muitas vezes é necessário que haja a comunicação com diversas pessoas, sejam peregrinos ou não. O sistema de informações e as sinalizações são melhorias exigidas, como também a utilização de novas tecnologias, facilitando a chegada do peregrino ao seu destino. A revitalização de algumas regiões é outro fator importante, pois em algumas localidades o índice populacional é muito baixo e a

região é pobre, com uma economia basicamente de subsistência (CELERI; CARMO; SILVA, 2017).

A seguir, proponho um olhar para a relação entre as diversas necessidades dos peregrinos, o que gera momentos de sociabilidade. Entre necessidades elencadas, estão a comunicação; a alimentação oferecida na região; os transportes; o papel das agências de viagens e serviços e o comércio local, movimentado principalmente pelas lojas de souvenirs e outros produtos relacionados à peregrinação.

6.1 A COMUNICAÇÃO

A forma de se comunicar, foi ao longo dos séculos, sendo modificada. Na Idade Média, para os padrões atuais, era lenta, precária e difícil. Não existia mecanismos de imprensa que pudessem copiar em larga escala livros e jornais. Tudo era feito manualmente, e demorava muito. Temos que observar também que, nessa época, eram poucas as pessoas que tinham algum estudo e sabiam ler. A comunicação era praticamente oral.

Na Idade Média, no ano de 1150, o Códice Calixtinus ou *Liber Sancti Jacobi*, foi escrito por um clérigo francês que teve a ideia de preparar o livro com todas as informações sobre o culto ao Apóstolo Tiago. Esse grande livro contém cinco partes: a primeira é a mais extensa, por descrever sermões, missas, rezas de horas canônicas, cantos, danças, procissões e relatos da Paixão a São Tiago.

Na segunda parte, descrevem os 22 milagres do Apóstolo, dando ênfase aos que aconteciam no Caminho de Santiago. O livro três, explica as raízes do descobrimento do sepulcro, narrando também o episódio do *translatio* do corpo até a Espanha. No livro quatro, narra a épica e fantástica história da liberação da Espanha vista por Carlos Magno. E o último livro, sem dúvida o mais interessante para os peregrinos, pois é chamado de “guia do peregrino”, descrevendo as cidades, as pousadas, a qualidade dos rios e fontes, a hospitalidade existente e as características geográficas e econômicas dos locais que fazem parte do caminho (SINGUL, 1999).

Essa era uma das formas de comunicação que os antigos peregrinos tinham sobre o Caminho de Santiago de Compostela, e que foi transmitida pela Europa entre os séculos X e XI. As pessoas interessadas buscavam o guia do peregrino

para obter informações sobre a peregrinação e o que poderiam encontrar. As narrativas existentes sobre as peregrinações ao Caminho de Santiago de Compostela não são novas. A literatura antiga tinha como objetivo detalhar os caminhos, as hospedagens, as culturas locais e também a comida.

A comunicação é de extrema importância, e integra um sistema de sinais definidos que podem ser sinais, sons, gestos, uma língua ou códigos que transmitem um significado (BORDENAVE, 1982). A comunicação é transmitida através de um canal de comunicação como cartas, livros, cartazes, telefone, internet e redes sociais. A internet é uma ferramenta que nasceu para revolucionar as comunicações entre as pessoas em todos os cantos do mundo.

Com o passar dos séculos e com o aperfeiçoamento da escrita, os jornais circulavam nas cidades, mais pessoas começaram a enviar cartas e o correio foi considerado um dos mais antigos meios de comunicação. Com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, os meios de comunicação têm avançado significativamente, proporcionando a difusão dos conhecimentos e da comunicação no mundo. A comunicação humana passou por uma evolução constante, e ainda está evoluindo.

Hoje, com a tecnologia presente em nossas vidas, vivemos em um momento onde a pressa tomou conta da nossa rotina e que os momentos de conversas informais e vivências com amigos estão cada vez mais escassas. Não temos mais interesse em comprar guias de viagens, pois temos tudo isso na internet. São guias atualizados e com muitas informações de graça, além de termos o *Google Maps* que facilita a locomoção.

As novas experiências estão mudando a forma de se comunicar. Tudo é exposto nas redes sociais e se torna descartável em minutos. As fotografias agora são instantâneas, as filmagens, as mensagens de celular, sites de internet estão ali para fornecer grande parte de informações instantaneamente. Na era do compartilhamento e da reprodução frenética de *posts*, nas diversas redes sociais digitais, tudo é convertido em imediatismo, momentaneidade e rapidez, destacadas por comentários e curtidas de pessoas que estão sempre em observação.

Vivemos em um mundo onde não estamos mais acostumados a ficar sem a tecnologia (internet, *smartphones*), por isso não achei estranho encontrar uma fila de pessoas nos albergues aguardando para utilizarem as tomadas e assim carregar seus aparelhos telefônicos. Enquanto os celulares eram carregados, as pessoas

ficavam nas suas redes sociais postando fotografias, vídeos e falando com seus familiares através do *whatsApp*.

Ao participar das reuniões na Associação dos peregrinos, escutava das pessoas recém-chegadas muitas dúvidas em relação à comunicação. Comentávamos as diversas possibilidades existentes e as redes sociais eram sempre citadas como a melhor forma, além das outras ferramentas.

Muitas pessoas estavam em dúvida aos sistemas existentes, então, um senhor que estava ao meu lado levantou, pediu a atenção e falou sobre os diversos aplicativos, criados exatamente para quem deseja realizar a peregrinação à Santiago de Compostela.

Os diversos aplicativos possuem informações com riquezas de detalhes como: sugestões de rotas, níveis de dificuldades, detalhes sobre a história de cada local etc. Existem também aplicativos que organizam as fotografias de acordo com o progresso do caminho, construindo uma história de imagens. Ao chegar em casa, busquei todos esses aplicativos para estudá-los melhor e ver se algum poderia me ajudar. São tão ricos em informações, que decidi não baixar nenhum, pois a minha intenção era realizar a peregrinação o mais naturalmente possível, sem uso da tecnologia.

Tentei ao longo da minha peregrinação utilizar as redes sociais o mínimo possível e falar com meus familiares poucas vezes. Percebi que as minhas colegas de peregrinação estavam conectadas a internet a todo o minuto. Maria Fernanda, antes de deixar cair seu celular, conectava com a sua família a todo o instante, além de ouvir músicas e utilizar um aplicativo que descrevia a rota com informações detalhadas. Patrícia, também estava utilizando o celular para falar com seu marido a todo o momento.

A tecnologia facilitou a expansão da comunicação e a maneira como a experiência do peregrino se redesenha, a partir da relação deste ator social com os dispositivos móveis e a internet. Esse problema foi observado na forma como Maria Fernanda utilizava as redes sociais e o contato direto com os familiares através das diversas fotografias e *selfies*.

Para a organizadora do grupo, Janete, a utilização do celular durante a sua peregrinação serviu para que ela pudesse realizar algumas reservas de albergues antecipadamente, pesquisar as rotas que deveríamos seguir, e também descobriu os horários e locais das missas no site da Catedral de Santiago de Compostela.

Outros peregrinos disseram que não utilizaram seus celulares como forma de guia na escolha de seus caminhos. O celular era um recurso caso precisassem de alguma coisa urgente e para receber informações de seus familiares que estavam distantes.

A Associação criou, através do *whatsApp*, um grupo para os peregrinos que estão em viagem, facilitando assim a comunicação. Conforme os relatos, muitas pessoas que estão no Caminho, em algum momento, precisam de alguma ajuda e, então, eles recorrem ao grupo da Associação que está sempre pronto para ajudar.

Além do grupo no *whatsApp*, a Associação dos Peregrinos utiliza seu site e blog para informar e divulgar as novas rotas existentes, os novos albergues e muitas outras informações de interesse dos peregrinos. Esses sites são recheados com muitas experiências, fotografias e vídeos que, ao longo de alguns anos, têm atraído um número considerado de pessoas interessadas em descobrir e difundir esses locais.

A comunicação oral também é importante ao longo do Caminho de Compostela, pois através dela pedimos informações, trocamos ideias e conselhos. Durante a minha experiência no Caminho Português, busquei conversar com as pessoas locais, com os moradores, com os prestadores de serviços, perguntar informações e trocar experiências. Essa troca ainda é necessária para construirmos nossos olhares e percepções. Ainda é necessário haver esse contato pessoal, para dar legitimidade ao caminho, tornando-o mais real possível.

Nos albergues, tivemos a oportunidade de conversar com muitas pessoas, de todos os lugares, e geralmente a língua falada era o inglês, mesmo que fossem poucas palavras, pois algumas pessoas sabem apenas o básico. Percebi que são poucas as pessoas que sabem falar um outro idioma e, assim, existe a dificuldade de manter uma conversa mais longa.

Posso dizer que o peregrino moderno é um negociador que, algumas vezes, se revela incomodado pelo uso das tecnologias, mas em outras, diz que “cada um sabe de si” e “não posso julgar o outro”. Cada pessoa tem a opção de negociar, pensar e se afirmar como peregrino. A internet mudou a forma da experiência de peregrinação e como também a forma de ritual e pelas novas identidades que emergem da caminhada.

Mesmo estando em uma sociedade altamente tecnológica, o uso dos celulares durante a peregrinação pode ser observado na obtenção de informações,

tirar fotografias, para a comunicação com seus familiares e para a utilização das redes sociais como entretenimento. O uso da tecnologia no Caminho de Santiago de Compostela, para muitos, não passa de entretenimento. Para outros, é visto como desnecessário, pois ali o que importa é exatamente o afastamento da rotina e do estresse.

6.2 A ALIMENTAÇÃO

O pão e o vinho foram a base da alimentação dos peregrinos por longos séculos, como também peixe, legumes, verduras, hortaliças e frutas. Tudo isso dependia do poder de compra do peregrino. Muitos peregrinos não possuíam condições financeiras adequadas, e por isso, os mais pobres consumiam miúdos (fígados, orelhas, pés, tripas, etc.). Ao longo dos mosteiros, a alimentação variava entre sopas, queijos, vinho e pão (CORREIA, 2016).

O hábito alimentar estabelece uma integração social e se torna um meio de comunhão e comunicação entre as pessoas. Mesmo que a globalização alimentar se faça presente no cotidiano através das grandes redes de alimentos, os estilos alimentares locais se mantêm vigentes e os produtos tradicionais continuam a ser elaborados. A necessidade em consumir alimentos tradicionais e típicos de uma região se deve a ordem simbólica. As pessoas se sentem ligadas emocionalmente a determinados alimentos. No caso de quem está e, peregrinação à Santiago de Compostela, temos o prato do peregrino que estabelece esse simbolismo.

Soube da existência do prato peregrino através dos livros, dos blogs e nas reuniões da Associação. As pessoas descreviam a sua satisfação por comer uma boa refeição a um preço acessível. O cardápio é o mesmo - frango, batatas e algum acompanhamento, sendo diversificada a forma de fazê-lo. O valor do prato do peregrino custa em média, € 8 por pessoa e inclui entrada, prato principal e sobremesa, acompanhado de uma bebida. A entrada pode ser uma sopa, uma *bruschetta* ou pão.

A diversidade existente de comidas nos restaurantes ao longo dos trajetos possibilita uma alimentação saudável. Quem deseja fazer seu próprio alimento nos albergues conta com a grande variedade de produtos oferecidos nas redes de supermercados ou até mesmo os pequenos comércios locais.

Figuras 12 - Prato do peregrino com entrada e prato principal.



Fonte: Acervo pesquisadora (2019)

Algumas vezes compramos os suprimentos para o jantar e fazíamos tudo no albergue. Ficava muito mais econômico e delicioso. As conversas e trocas de receitas eram sempre divertidas e bem-vindas. Aqui, podemos trazer os agentes e sujeitos que compartilham ou não manifestações e valores. Os afetos (FAVRETTA, 2005), nessas ocasiões, eram manifestados na forma de alimentação, na cozinha de um albergue. A sociabilidade existente na refeição, muitas vezes, compartilhada, é intensa.

A sociabilidade nas cozinhas dos albergues é uma forma de novos contatos, novas trocas. Um ambiente que possibilita o desenvolvimento de laços, afetos e poucos desafetos. Os peregrinos não são obrigados a participar desses contatos coletivos, pois cada pessoa pode ser reservada para alguns circuitos e participar de outros.

As pessoas que decidem compartilhar suas refeições nas pequenas cozinhas dos albergues se permitem conviver em um local de muita agitação. Existe uma grande gentileza pelas pessoas presentes que podem ajudar na liberação do espaço nas bancadas, na organização da mesa, e até mesmo, na divisão de seus alimentos. Escutei muito o pedido de desculpas e muitos agradecimentos.

Enquanto estávamos organizando as coisas para o nosso jantar, tivemos que aguardar um grupo de franceses, italianos e noruegueses terminarem suas refeições para utilizarmos as louças e panelas que eles ainda estavam ocupando. Após alguns minutos, eles organizaram tudo, deixaram tudo limpo e nos ofereceram saladas, massas e pães com queijos que tinha sobrado, como uma forma de sociabilidade

entre peregrinos. Uma forma de novo contato e respeito com a alimentação, pois a intenção nunca é jogar nada fora.

Mas não é sempre que temos o desejo de nos reunirmos em uma pequena cozinha de albergue. Estamos ali para fazer exatamente o contrário, sair da rotina. Aproveitar mais cada momento, confraternizando com os amigos, mas em outros locais, como restaurantes, parques e cafeterias. Os peregrinos alternam os jantares nos albergues com os jantares nos restaurantes, depende da necessidade de alimentação que cada pessoa tem naquele dia.

De acordo com o local e o momento, o grupo¹⁶ escolhe o tipo de refeição principal que irá fazer. Os peregrinos que optam por contratar os serviços de empresas especializadas, muitas vezes tem uma pessoa que irá preparar as refeições. Mas o peregrino que está sozinho sempre faz suas refeições no restaurante, ou prepara seu próprio alimento.

O grupo que eu acompanhava, escolheu fazer algumas refeições nos restaurantes, outras vezes comprávamos ingredientes e fazíamos nos albergues ou então comíamos lanches - sanduíches, quiches, frutas, etc. No café da manhã, se não encontrávamos no dia anterior um supermercado, comíamos em alguma cafeteria na cidade que estavam sempre próximas dos albergues.

Geralmente no horário do almoço, como estávamos caminhando, parávamos para comer um lanche ou cereal. Se a fome fosse muita, ao chegarmos próxima à cidade, comíamos o prato do peregrino que era sempre bem servido e não tinha muitas variações. Esse prato é servido em todos os restaurantes, tanto em Portugal como na Espanha. O que muda é o acompanhamento, os temperos e a forma que é feito o frango e a batata. Para os espanhóis, a batata é considerada o nosso arroz, eles comem com tudo.

Cada pessoa paga pelo seu almoço ou jantar. Algumas vezes, saímos para apreciar o prato da região, e beber vinho ou cerveja. Nesses dias, somávamos o valor total e dividíamos igualmente. Assim todas saíam satisfeitas e felizes.

Íamos aos supermercados locais para fazermos compras para o outro dia, e assim, cada uma fazia a sua escolha, pagando pelas suas despesas. Os supermercados são todos modernos, bem equipados e possuem uma variedade

¹⁶ Aqui está presente um aspecto do comportamento humano que é a noção de *communitas* que Turner (1974) se propõe evocar.

enorme de alimentos. Os valores são acessíveis, e dependendo dos alimentos, mais baratos que no Brasil, mesmo fazendo a conversão da moeda.

Consumi algumas frutas, azeitonas, salgadinhos, sanduíches prontos e *croissants*. Os supermercados são os locais prediletos das pessoas, pois podemos percorrer os corredores observando os alimentos diferentes que, muitas vezes, são típicos da região. Encontrei, na Espanha, muitos tipos de azeitonas e algumas frutas diferentes, mas a maior parte dos produtos é igual ao Brasil, trazendo a ideia de um mundo completamente globalizado e sem graça.

Na cidade do Porto, em Portugal, existem muitos restaurantes com todos os tipos de comidas. Como estava sozinha, consumi apenas lanches rápidos como pastéis e sanduíches, além do Pastel de Belém. Fui muito bem atendida e os valores estavam bem acessíveis.

Na cidade de Ponte de Lima, decidimos comer bolinhos de bacalhau, estavam ótimos e bem gordurentos. Na cidade de Tuí, já na Espanha, o almoço foi o prato do peregrino - frango com batatas, legumes e pimentões verdes. Nesse restaurante, não ofereciam a entrada. Para o nosso jantar, decidimos pelo prato do peregrino, por conter outros ingredientes: uma sopa na entrada, frango frito com batatas fritas como prato principal e um sorvete de creme de sobremesa, acompanhado por um refrigerante ou suco.

Na cidade de O Porriño, comi um hambúrguer com o pão típico da região para o almoço e, para o jantar, fomos nos deliciar em uma cafeteria. Pedi um bolo de chocolate com chocolate quente. Uma delícia tudo. O valor não foi tão barato, mas valeu a pena.

Em Pontevedra, almoçamos por volta das 14h. Eu pedi pão com sardinhas, frango frito à milanesa com batatas fritas e um sorvete de chocolate e creme na sobremesa. O valor desse prato foi € 9. À noite, saímos para degustar a culinária local e comemos omeletes com batatas, *pimentos verdes* fritos, croquetes, e batatas com carne.

Os espanhóis adoram sair à noite para jantar, como também para fazer *happy hour*. Todos os bares e restaurantes estavam repletos de pessoas sentadas e em pé esperando sua vez. Tivemos que caminhar muito até encontrar algum que oferecesse lugar para todas. A recepcionista queria saber de onde éramos e ela ficou alguns minutos conversando, falando sobre a sua cidade e também das melhores opções de pratos para apreciarmos.

Já na cidade de Santiago de Compostela, as opções são diversas. Em cada esquina, ou em cada pequena porta, existe um restaurante que oferece pratos típicos da região como: os frutos do mar, carne de porco, sardinhas, bacalhau, tortas e sopas. Muitas padarias e sorveterias.

Eu decidi almoçar, algumas vezes, em um restaurante turco que fazia ótimos *Kebab* com batatas fritas. Esse restaurante fica em uma das principais entradas da cidade velha, em frente a uma grande praça e ao lado das muralhas medievais. Da janela, eu tinha a visão de tudo. Jantei algumas vezes no restaurante Manolo, que oferece comidas típicas galegas á preço do prato do peregrino. Esse restaurante está sempre lotado e geralmente tem fila de espera.

Ao longo da minha pesquisa, não identifiquei a origem do prato do peregrino, mas acredito que ele foi criado para facilitar a vida dos viajantes e peregrinos na hora de pedir a comida. O valor acessível, também equilibra o orçamento dos caminhantes.

Em todos os restaurantes, fomos sempre muito bem recebidas. Percebi a existência da diferença no atendimento nas cidades grandes e pequenas. Nas cidades maiores, há uma grande movimentação de pessoas nos restaurantes, sejam turistas, peregrinos ou os próprios moradores, criando assim um fluxo maior de pessoas e nos atendimentos. Nesses locais, os atendentes não podem ficar muito tempo conversando e trocando informações. São atendentes jovens que possuem habilidade e rapidez no atendimento.

Nas pequenas cidades e vilas, geralmente os restaurantes são familiares e os atendentes são pessoas mais idosas que adoram conversar e trocar informações. Fazem um ótimo atendimento, dão dicas dos melhores pratos, falam de suas experiências e passam a sensação de estarmos em casa. Claro, que isso não é uma regra. Existem lugares em que as pessoas são fechadas e falam apenas o necessário.

Os portugueses são mais fechados, econômicos com as palavras e reservados. Mas buscam atender bem o cliente. Já na Espanha, o clima é outro. As pessoas são mais agitadas, falantes e receptivas. Gostam de dar ordens e organizar tudo. As mulheres são muito falantes e alegres. Apesar de terem singulares em muitas coisas, possuem uma grande variedade, e essa mistura e diferença é que faz do Caminho uma grande aventura.

Figuras 13 - Pratos típicos da Galícia



Fonte: Acervo pesquisadora (2019)

Uma das grandes mudanças ocorridas comercialmente, foi a criação do prato do peregrino e a criação de muitos tipos de restaurantes ao longo das rotas, que facilitaram ao viajante ter a possibilidade de consumir alimentos típicos, baratos ou até mais caros.

6.3 A HOSPEDAGEM

As práticas de hospedagens vêm ocorrendo entre os homens desde os primórdios da existência humana. Através do acolhimento do outro, houve uma interação entre as pessoas de diferentes hábitos, emoções, culturas que, a partir da tolerância e da compreensão, puderam conviver com as diferenças existentes.

Não temos como ensinar a hospitalidade, mas ela deve ser vivenciada e construída através das diversas diferenças e experiências com o outro. A hospitalidade está presente na Bíblia, nas tradições do oriente e nas tradições judaicas cristãs, que menciona o viajante estrangeiro que precisa ser acolhido, um processo de respeito entre quem chega e que recebe.

Para Camargo (2007), a hospitalidade não é um negócio e, sim, uma troca entre pessoas, um modelo de trocas centrado na dádiva (MAUSS, 2013), que ainda está presente hoje em dia. Esse dever de dar, receber e retribuir é a base da obra de Marcel Mauss, “Sociologia e Antropologia” (1950) que analisou as formas de contratos e sistemas de trocas nas sociedades da Polinésia, Melanésia e Noroeste

americano. Para Mauss (2013), as trocas de dádiva têm grande importância para as comunidades que não possuem a mesma finalidade que o comércio.

Alguns estudiosos buscaram inspiração na teoria de Mauss (2003), para o entendimento da dimensão da humanidade de hospitalidade, onde existe um ritual de continuidade.

O hóspede numa cena converte-se em anfitrião numa segunda cena, e essa inversão de papéis prossegue sem fim. Nesse sentido, a hospitalidade é o ritual básico do vínculo humano, aquele que o perpetua nessa alternância de papéis. (CAMARGO, 2007, p. 7).

O mais importante é o vínculo que se estabelece nessas relações. Mas, a hospitalidade comercial está ligada diretamente com as relações mercantis, como ocorre na compra de um pacote de viagem, uma reserva de hotel e nos demais serviços, que geralmente existe um contrato onde ambas as partes estão envolvidas.

Ao longo da minha pesquisa sobre as hospedagens no Caminho de Santiago de Compostela, observei que, na Idade Média, existia uma relação mais próxima do peregrino e do hospitaleiro. Naquele tempo, as hospedagens eram feitas diretamente nas abadias locais e nos mosteiros, onde havia um contato direto com os monges. Aos poucos, foram sendo criadas as pousadas e hospedagens mais baratas, em que os peregrinos deveria pagar pela hospedagem, criando assim um distanciamento e uma cobrança maior de quem estava pagando pelos serviços prestados.

Quando os peregrinos se hospedavam nos mosteiros, eles dormiam em colchões espalhados pelo chão, muitas vezes nos grandes salões. Não existiam muitas opções: ou o peregrino se alojava em um mosteiro ou em algum salão de Igreja. Se não conseguissem chegar à cidade próxima, muitas vezes ficavam ao relento.

Hoje, possuímos muitas opções de hospedagens, das mais simples e baratas até as cinco estrelas com todas as mordomias e preços. Mas, as hospedagens não são iguais para todos os peregrinos. Alguns levam seus sacos de dormir, outros levam barracas, e a maior parte se hospeda em albergues públicos ou particulares, e poucos se hospedam em hotéis caros.

Tive a oportunidade de conversar com um peregrino que fez o Caminho Português se hospedando em quartéis de bombeiros ou em ginásios, onde as condições de espaço, privacidade e higiene são precárias. Ele decidiu ficar nesses locais como forma de interagir com as pessoas e economizar um pouco do seu dinheiro. Claro que a experiência foi importante, como forma de novos olhares e sentimentos, mas não existia conforto nem privacidade.

Tradicionalmente, os caminhantes dormem em albergues. Além de serem mais econômicos, possibilitam bastante interação com os outros caminhantes. Também é considerado o tipo de experiência que se deseja ter, bom como o orçamento.

Quem se hospeda em um bom hotel possui muita privacidade, mais conforto e todos os serviços que o hotel oferece: quarto individual, banheiro individual, café da manhã, roupas de cama e toalhas limpas. Mas, a busca por esse tipo de hospedagem sairá mais cara e são poucas as pessoas que estão caminhando que escolhem esses locais. Geralmente, encontramos turistas hospedados nos hotéis mais caros. Grupos grandes, muitas vezes, preferem se hospedar em bons hotéis pois está incluso no pacote.

Ao se hospedar em um camping, opção menos popular, a pessoa terá que levar a sua barraca ou o seu saco de dormir. Não oferecem quase nenhuma estrutura e, em geral os valores são mais caros que os albergues municipais. Nunca ficam na rota da peregrinação, tendo a pessoa que desviar do seu caminho.

As escolhas mais comuns e clássicas são os albergues municipais e particulares. Existem em todas as rotas de Compostela, nas grandes e pequenas cidades. Ao fazer essa escolha, a pessoa terá uma variedade de experiências, trocas com outros caminhantes, desafios e alegrias. Os albergues variam muito de preços entre € 5 a € 8 por pessoa. Existem alguns que não cobram nada, mas funcionam em troca de doações.

Os albergues disponibilizam um número limitado de camas, a maioria em beliches, com colchão. Alguns oferecem lençóis e cobertores, outros apenas o básico, por isso alguns não reservam com antecedência as camas. Os banheiros são sempre compartilhados, com ou sem separação feminino/masculino. Geralmente, os albergues oferecem uma sala ou espaço de convívio, jardim, bar e uma cozinha para preparação das refeições.

A estrutura existente no geral é muito boa. Cada albergue possui suas próprias regras em relação aos horários de entrada e saída. O horário de entrar é até as 22h e a saída pela manhã até as 08h. Em todos os locais é necessário deixar a bota ou o tênis na estante, logo na entrada, para não levar para dentro nenhuma sujeira da rua. Isso porque caminhamos na chuva, molhamos os pés e muitas vezes estamos com as botas sujas de barro. Existe uma organização, e regras que todos seguem.

Figuras 14 - Estante para sapatos e quarto do Albergue



Fonte: Acervo pesquisadora (2019)

Outra regra interessante é nunca colocar a mochila nas camas, para não trazer nenhum tipo de sujeira, pois a higiene é muito importante. Isso porque, ao tirarmos a mochila das costas, colocamos no chão, independentemente de onde estejamos, pois o movimento se torna automático, tirar a mochila e se livrar por alguns minutos do peso. E essa regra é cumprida por todas as pessoas. Ao deixar minha bota, na primeira vez, pensei comigo que alguém poderia pegar enganada, mas isso nunca aconteceu.

Alguns peregrinos que optam por contratar os serviços das agências de viagens solicitam, com antecedência, a marcação dos hotéis e albergues para não ficarem sem opções na hora que chegam ao local. Quando existe muita procura, como é o caso das estações como a primavera e o verão, algumas pessoas locais alugam quartos em suas casas ou até mesmo alugam suas casas para os diversos peregrinos.

Nos Anos Santos, os moradores que se situam próximos das rotas de Compostela já sabem que haverá uma grande procura nas hospedagens, então se organizam para oferecer suas casas ou quartos para essas pessoas.

Beatriz relatou que, na peregrinação que realizou em um Ano Santo, teve dificuldades em conseguir hospedagem fácil. Ao chegar ao seu próximo destino, a pequena cidade não oferecia mais quartos disponíveis, então os próprios organizadores ou donos dos albergues organizaram acomodações em um grande salão de festas da Igreja local para acomodar os peregrinos.

Nessa situação, percebi uma semelhança com os peregrinos na Idade Média, que ficavam hospedados em grandes salões de Igrejas e espalhados no chão. A única diferença é que, hoje em dia, cada pessoa que sai em caminhada leva consigo seu saco de dormir, podendo assim se acomodar em qualquer lugar.

Beatriz conta que os moradores locais ofereciam colchões e roupas de cama para que todo mundo ficasse acomodado. Para Beatriz, a sensação foi da aflição para a alegria.

No primeiro momento achei que após um longo dia de caminhada, de estar muito cansada eu iria dormir na rua. Mas aos poucos, vi que muitas outras pessoas também estavam sem um lugar para dormir. Logo, os moradores da pequena cidade organizaram tudo e nos levaram até uma Igreja, nos acomodaram no salão de festas e nos ofereceram algo para comer. Me senti muito grata e feliz. (BEATRIZ, 2019).

Percebe-se, no relato de Beatriz, que existe um movimento na sociedade local em favor e ajuda aos peregrinos que chegam. É uma forma de afetação (FAVRET- SAADA, 2005), sentimento de empatia com o próximo e de gratidão por eles estarem ali.

Ao pesquisar sobre as diversas formas de hospedagens existentes ao longo do caminho de Santiago de Compostela, descobri que existem três tipos de albergues: os municipais, os paroquiais e os privados/ particulares.

Os municipais recebem auxílio financeiro do governo e os funcionários são voluntários. Cobram em média € 5, mas as estruturas são mais básicas. O segundo tipo são os albergues, dirigidos por instituições religiosas, como igrejas, mosteiros e conventos. São locais simples, mas são locais acolhedores. Os valores cobrados também são baixos. Nesses locais, é de costume oferecer jantar e café-da-manhã, por estarem em locais afastados.

Os albergues privados e particulares pertencem a pessoas que dedicam seu tempo e seus dias na administração e organização do local. Oferecem acomodações mais confortáveis, acolhedoras e com mais acolhimento. Os valores cobrados

são mais caros, em média € 10 por pessoa. Há uma variedade de serviços oferecidos, como máquinas de lavar roupas, lareira e os jantares são realizadas pelos donos do local. As cozinhas são bem equipadas, onde o peregrino poderá realizar suas próprias refeições.

Na minha peregrinação, tive a oportunidade de me hospedar em albergue privado e municipal. Consegui perceber o que significa o básico nos albergues através das acomodações, que são bem perceptíveis tanto nas coisas físicas (estrutura) como nas formas de contato pessoal (voluntários). Nos albergues municipais, os quartos são mistos, havendo banheiros separados. Nos albergues particulares, existe quartos privados que acomodam casais, quatro ou até seis pessoas.

Nos albergues municipais, existe a mistura nos dormitórios, mas é tudo muito respeitável. Independente da cultura e do país, as pessoas sabem o que podem ou não fazer. Existe um grande respeito pelo outro e pelo silêncio.

Nos albergues privados, temos a opção de ficar em quartos menores ou individuais. No meu caso, dividi o quarto com Janete, Maria Fernanda e Patrícia. Mesmo assim, nunca houve problemas com bagunças e barulhos. Estávamos sempre respeitando o espaço de cada uma.

A experiência de conviver com pessoas de muitos lugares foi interessante. Mostrou-me que, independentemente da cultura, existe o respeito ao outro e a cooperação no que for necessário. Quem um dia pensou em dividir o seu sono com muitas outras pessoas? Acreditei no primeiro momento, que seria um grande problema, que poderia ter a minha intimidade invadida, mas foi muito diferente do que eu pensava. Todo mundo estava no mesmo barco, na mesma necessidade, por isso é muito importante respeitar o próximo. Foi uma nova superação e de quebra de preconceitos.

6.4 OS TRANSPORTES

No período da Idade Média é mencionado pelos autores como um período de retração dos deslocamentos, mas os peregrinos é que viajavam mais e, muitas vezes, em grupo. Boyer (2003, p. 70) diz que as peregrinações e cruzadas:

[...] foram migrações coletivas originais, pois não eram provocadas nem pelo medo (da fome ou de invasores), nem pelo lucro; elas só esperavam uma recompensa no além, desde que consiga atingir o objetivo que é um lugar sagrado [...] para o peregrino que chegou ao lugar sagrado, o passado se torna presente: ele revive a Crucificação, a Hégira, tal milagre do santo. A dificuldade da caminhada tem, por si só, um valor redentor.

Nas narrativas históricas desse período, tem-se o destaque para a “[...] dificuldade da caminhada por si só.”. (GASTAL; CISNE, 2009). Para Rejowski (2002), menciona o ruim estado das estradas e das vias de acesso, a insegurança durante as viagens e, como consequência, a redução do fluxo de peregrinos. Aos poucos, os cavalos e as carroças auxiliavam os nobres e reis a realizarem esses trajetos. Com o crescimento do turismo massificado, houve uma melhora e modernização nos transportes, no qual o trem, o avião e o automóvel foram os responsáveis por intensificar esse movimento e consequentemente o turismo.

Independentemente do local, hoje os meios de transportes são responsáveis pelo deslocamento de pessoas, motivadas por diferentes tipos de turismo. Com o crescimento do turismo massificado, houve uma modernização nos transportes, o avião e o automóvel intensificaram a atividade turística.

Os aeroportos ao longo dos anos, tiveram que ser modernizados, oferecendo uma gama de atividades de lazer, entretenimento e descanso. Esses locais passaram a oferecer diversos serviços e estão em busca de atender às necessidades das pessoas, deixando de ser apenas um terminal de transporte, para ser um centro de negócios. Um exemplo disso é o aeroporto de Cingapura¹⁷, que hoje em dia é considerado um dos melhores aeroportos do mundo.

O aeroporto do Porto, Portugal, não é grande, mas é moderno e recebe um grande número de turistas a cada hora. Existe uma empresa de telefonia que oferece seus serviços aos recém-chegados, vendendo seus *chips* de celular e internet por € 30. São apenas três cafeterias que oferecem produtos diferenciados. Não possui restaurante. Tem apenas duas livrarias que vendem de tudo, inclusive *souvenirs*.

Enquanto esperava pelo serviço de *transfer* que contratei para me levar até o albergue, observei mais como é a movimentação e a circulação no aeroporto. O serviço de *transfer* cobra € 7 por pessoa pelos serviços até os albergues e hotéis no centro histórico. O transporte é realizado em uma van que comporta até 12 pessoas.

¹⁷ Disponível em <http://www.guiadecingapura.com/como-chegar/changi-o-aeroporto-de-cingapura/>. Acesso em: 10 abril. 2021.

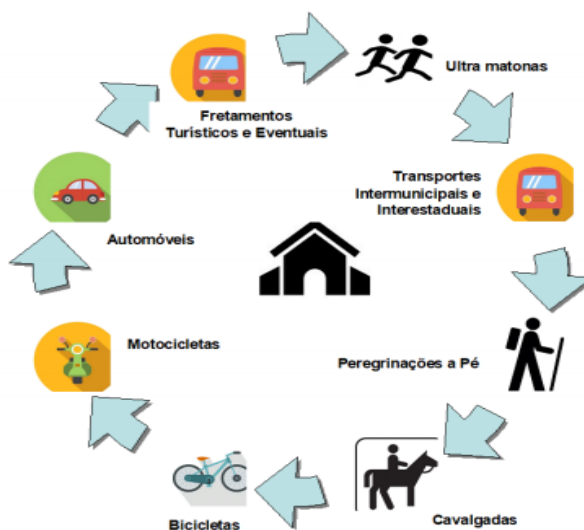
Nesse horário, eu estava só, então pude conversar com o motorista, que foi muito simpático e aproveitou para ser um guia durante o percurso.

Como a cidade do Porto é muito turística, podemos comprar *tickets* de um ou dois dias de passeios nos ônibus de turismo que circulam pelas regiões mais afastadas do centro, nos levando aos pontos turísticos mais distantes. Esses *tickets* podem ser adquiridos diretamente com o motorista do ônibus e o valor para um dia é de € 10.

Utilizei os serviços e meios de transportes disponíveis para me locomover na cidade do Porto, como também até a cidade de Ponte de Lima, local de início da minha peregrinação. O transporte de ônibus municipal é muito bom e barato. Os ônibus são novos e oferecem *wi-fi*.

Muitos dos deslocamentos são realizados pela motivação religiosa, mas, mesmo os que não o fazem, podem contar com os meios de transportes modernos existentes, com muito conforto e comodidade. Para se chegar até a cidade de Santiago de Compostela, o peregrino e caminhante pode contar com uma variedade de formas ou rede de ligações para chegar até o ponto final da peregrinação, conforme o desenho a seguir.

Figura 15 - Possibilidades de transportes.



Fonte: Silva; Oliveira (2019).

Alguns autores distinguem as peregrinações pelo tipo de meio de transporte utilizado. Os deslocamentos podem ser realizados a pé, a cavalo, de avião, de

ônibus ou de carro. Como o peregrino é um modelo do *homo viator* que se locomove em peregrinação, é viável a utilização dos mais diversos meios de transportes para efetuar o percurso até o seu destino final. Para Santiago de Compostela, dada às características das estradas e dos caminhos medievais, a melhor forma de percorrer é a pé, a cavalo ou de bicicleta. Mas, não podemos “[...] negar a condição de peregrino àquela pessoa que se desloca a Santiago de avião, carro ou ônibus, por motivos religiosos.” (SANTOS SOLLA, 1993, p.786).

Para uma grande parte dos peregrinos, existe uma ética para se fazer o Caminho, uma forma correta, ou seja, não tratar o Caminho como uma diversão ou apenas uma viagem, pois é preciso respeito. Para essas pessoas, um peregrino que faça cortes no seu percurso, utilizando os meios de transportes, é malvisto. O *turigrino* é a forma empregada para chamar essas pessoas que pulam fases e utilizam o Caminho para outros fins. Nesse caso, não seria um turismo convencional. Isso remete às noções distintas empregadas por Ingold (2015), de “transporte” e “peregrinação”. Enquanto o transporte é essencialmente orientado para um destino, uma chegada a algum lugar, a peregrinação está condicionada a continuamente se pôr em movimento:

[...] [movimento] é exemplificado no mundo como uma linha de viagem. É uma linha que avança da ponta conforme ele prossegue, em um processo contínuo de crescimento e desenvolvimento, ou autorrenovarão. Conforme prossegue, no entanto, o peregrino tem que se sustentar, tanto perceptiva quanto materialmente, através de um engajamento ativo com o país que se abre ao longo do seu caminho. Embora de vez em quando ele tenha que fazer uma pausa pra descansar, e pode voltar repetidamente ao mesmo lugar para fazê-lo, cada pausa é um momento de tensão que – como segurar a respiração – se torna cada vez mais intenso e menos sustentável quanto mais o tempo dura. Na verdade, o peregrino não tem destino final, pois onde quer que esteja, e enquanto a sua vida perdure, há algum outro lugar aonde pode ir (INGOLD, 2015, p. 221).

Nas reuniões da Acasargs e também nas redes sociais, as pessoas relatam a sua indignação em relação aos que decidiam, às vezes, utilizar os serviços de transportes entre as cidades. Essa é uma questão que não se chega a um acordo. Muitas brigas, desentendimentos e aborrecimentos eu presenciei nas reuniões. Mas, ao estar lá no Caminho, cada pessoa o realiza conforme seus princípios e interesses.

Observei que a peregrinação é realizada a pé por 99% das pessoas. Percebi grandes grupos de pessoas realizando seu percurso de bicicleta, mas nenhuma

pessoa a cavalo. Também há quem opte por realizar alguns trechos de ônibus e os fazem sem nenhum problema ou julgamento. Os diversos serviços estão disponíveis para os moradores locais, turistas e peregrinos. Os valores cobrados são os mesmos e o serviço prestado (atenção e comunicação) são os mesmos para todos. Não presenciei nenhuma interferência dos peregrinos com os outros peregrinos em relação aos transportes.

As pessoas buscam, ao longo de sua peregrinação, formas de chegar ao santuário ao seu modo, de apropriação e reprodução desse espaço simbólico. Nesses termos, Ianni (1995) assegura que esses homens e essas mulheres fazem viagens horizontais de deslocamentos geográficos e viagens verticais para dentro de si mesmo. O sentimento da “busca” é parte imprescindível nos estudos das peregrinações.

A aproximação ao sagrado é feita principalmente com o corpo. No comportamento de devotar com os pés, a estrada assume maior importância do que o santuário. Notamos isso, pelo fato de que o peregrino passa pouco tempo no local sagrado, e permanece no caminho por vários dias. É durante a sua jornada que o peregrino recebe os dividendos da peregrinação e percebem o significado de seus sacrifícios.

Existe um critério relacionado com a padronização das peregrinações, que podem ser formais e informais. As formais teriam uma maior rigidez dos rituais e dos comportamentos das pessoas, como é o caso das peregrinações a Meca, que são práticas obrigatórias para o crente. As informais visam um formato flexível, valorizando a experiência individual, mas aberta aos conteúdos simbólicos, como é o caso de certas peregrinações japonesas (MORINIS,1984), e as peregrinações à Compostela.

Essas questões me levam a pensar que, independentemente da forma como a pessoa realizou a sua peregrinação, se foi formal ou informal, o que mais importa é o caminho que ela realizou, para dentro de si, em busca de respostas para o seu *self*. Os meios de transportes estão à disposição para quem deseja utilizá-los, mas não como uma forma de julgamento, pois o caminho é individual e pessoal.

O que importa é a jornada realizada entre o “ponto A” e o “ponto B”, o vivenciar os momentos aceitando os riscos e as dificuldades existentes na trajetória. Para os autores como Graburn (2009), Steil (2003, 2008), Carneiro (2004) afirmam que o importante da viagem pode ser entendido como uma forma de ritual, na qual a

pessoa sai da rotina em busca de novas experiências liminares, e ao retornar ao mundo cotidiano, muitas vezes voltam transformados.

6.5 AS AGÊNCIAS DE VIAGENS E SERVIÇOS

O turismo tem como principal característica o deslocamento de pessoas de um local a outro por um tempo determinado. Para esse deslocamento é necessário que haja os emissores e os receptores que constituem as redes de relacionamentos para o desenvolvimento dos serviços. Para que os serviços possam ser oferecidos aos turistas e aos peregrinos, é necessário que haja pessoas interessadas nesses bens de serviços.

Com a grande procura pelo turismo e pelas peregrinações, nos anos de 1980, a Espanha criou políticas de desenvolvimento e de mudanças sociais que aos poucos, foram sendo implantadas por todos os locais e rotas que passam os caminhos (BLOM; NILSSON; SOLLA, 2008).

Essas mudanças favoreceram o crescimento de várias outras motivações como o esporte, o ecoturismo, o turismo de aventura e o próprio turismo religioso. No ano de 1984, o Caminho foi elevado ao posto de primeiro itinerário cultural europeu e, em 1993, a cidade de Santiago de Compostela foi declarada Patrimônio da Humanidade (BLOM; NILSSON; SOLLA, 2008).

Houve, ao longo de alguns anos, muitos eventos que estimularam o crescimento e as visitas turísticas na região, que favoreceram o crescimento das empresas especializadas em serviços específicos ao turismo e a peregrinação.

Por muito tempo, Santiago de Compostela não era um destino comum de ser vendido. Com o *marketing* desenvolvido a partir da visita do Papa João Paulo II, em 1983, e com o livro de Paulo Coelho, em 1986, o turismo e as peregrinações começaram a crescer.

Houve uma grande procura desse destino pelos brasileiros após os anos 2000. Em 2005, foram apenas 1.163 pessoas. Cinco anos depois, em 2010, chegaram à Santiago 2.121 pessoas. Em 2015, 3.938 pessoas¹⁸. Um aumento considerado se for observar o quanto estamos longe do Caminho e o quanto de dinheiro temos que disponibilizar para isso, em comparação com os europeus.

¹⁸ Informações coletadas no site da Oficina do Peregrino na Espanha.
<https://oficinadelperegrino.com/estadisticas2/>; Acessado em 07/04/2021.

À forma como as pessoas se organizam para guardar o dinheiro necessário para a peregrinação é muito variada. Os circuitos (ZELIZER, 2011) por onde o dinheiro circula até seu destino desejado vai depender de como a pessoa se relaciona com ele, ou como a pessoa o adquire. Para o professor Carlos, os seus rendimentos extras obtidos foram através da sua busca, na cidade de Porto Alegre, por latinhas de cervejas e refrigerantes. Para outros caminhantes, a forma de realizar a peregrinação foi utilizar as férias, utilizando o dinheiro em um circuito diferente do original.

Hoje, ao colocar nos sites de buscas “peregrinação à Santiago de Compostela” ou somente “Santiago de Compostela” aparecem várias opções e informações sobre os diversos caminhos, pacotes e serviços oferecidos.

Ao fazer buscas nas várias empresas de turismo, encontrei muitos tipos de pacotes, e para todos os tipos de pessoas. São oferecidos pacotes individuais, para grupos, para pessoas que desejam realizar o trajeto em bicicleta ou para pessoas que precisam de alguma atenção especial.

Na oportunidade que tive de falar com Marco sobre os serviços que ele presta em sua agência de turismo especializada no Caminho de Santiago, ele me contou que já acompanhou grupos grandes de pessoas que desejavam realizar o trajeto de bicicleta. Também já acompanhou pessoas com deficiência física, em cadeira de rodas e muitos jovens que buscam a primeira experiência do peregrinar em um grupo.

Enquanto decidia a data da minha viagem, pesquisei e enviei e-mails para várias empresas que estavam oferecendo os pacotes. Os serviços são oferecidos por várias agências na Europa, mais precisamente em Portugal e na Espanha. Nos sites das agências especializadas, as informações não são completas, nos obrigando a ter que buscar as informações via e-mail. Foi o que tive que fazer.

Solicitei para duas agências valores de seus pacotes fechados com duração de sete dias. Uma das agências respondeu no mesmo dia, passando os valores de um pacote em grupo, detalhadamente. A outra agência demorou um pouco mais, mas também ofereceu um dos melhores pacotes. Os valores estavam entre € 750 e € 920 por pessoa. Decidi que não faria parte de nenhum grupo fechado, pois desejava caminhar mais livre e sem horários fixos, pois quem decide por realizar uma peregrinação em grupo, deverá seguir as regras e os horários estabelecidos.

Analisei as duas propostas e percebi que uma das empresas foca nos serviços mais sofisticados, caros e personalizados. A outra, em serviços mais simples e básicos. Se existe este tipo de diferenciação na prestação dos pacotes e serviços é porque existe um público diferenciado que paga por isso.

A pessoa que se interessa pelos serviços das agências mais sofisticadas, muitas vezes, se hospeda em hotéis fazendas ou hotéis cinco estrelas. É exigente com os serviços prestados e busca mais mordomias como bons restaurantes e transportes privados. Essas agências perceberam um campo amplo possibilidades nesse nicho, oferecendo ao viajante, opções e serviços conforme a necessidade de consumo do mesmo.

As empresas que são mais básicas, que oferecem seus serviços aos grupos, trabalham com pacotes já prontos e com hospedagens mais em conta, como os albergues municipais ou particulares. Durante as minhas pesquisas, percebi que, quem escolhe esses serviços busca realizar uma peregrinação mais tranquila e com segurança.

Quando as pessoas escolhem fazer parte de um grupo, escolhem pelo bom atendimento, organização em toda a sua caminhada, pagam pelos serviços (carregamento de bagagem, reserva dos albergues, alimentação), e pela atenção dos guias. Se os serviços não são bons, as pessoas não utilizariam.

Os guias são instruídos a manter seus membros todos juntos, para que ninguém se perca. Algumas vezes, pode haver conflitos entre as pessoas de um grupo e, nesses casos, o guia deverá ter pulso firme. Mas, a maior parte do tempo, existe no grupo uma cooperação psicológica, onde todos ajudam com palavras de motivação. De uma forma geral, dentro de um grupo grande, cada peregrino preocupa-se consigo próprio, ao andar ao seu ritmo, formando até mesmo pequenos grupos. Pude perceber que pessoas que estavam juntas, caminhavam separadamente, alguns mais rápidos, outros mais lentos por causa de alguma dificuldade existente.

Posso dizer que isso aconteceu comigo. Por ter os problemas no meu joelho, em alguns momentos, não conseguia caminhar em uma velocidade compatível com minhas colegas, então eu ficava para trás, andando lentamente. Algumas vezes as meninas me esperavam, outras elas saíam em velocidade, me esperando no próximo local de descanso. Eu disse para elas que eu chegaria, ao meu tempo, e que poderiam seguir sem mim. Não queria atrapalhar a caminhada delas.

Como estava andando mais lentamente, pude observar mais a minha volta a natureza, as flores, o cantar dos pássaros e o barulho dos rios. O ato de andar adquire uma amplitude sensorial quando associado à experiência de percorrer longos caminhos. Para Tim Ingold (2015) a experiência corporificada desse movimento de perambulação é experimentada em todo o percurso. O peregrino está em constante movimento e é exemplificado no mundo como uma linha de viagem, pois ao longo do caminho, cada pessoa deixa uma trilha que é entrelaçada conforme a sua vida, e vincula-se à de outros.

A função de um guia é não deixar ninguém para trás. Observei a preocupação que Marco tinha em relação ao seu grupo. Ele estava sempre disposto e atento aos pedidos e problemas existentes tanto em seu grupo como com as pessoas que estavam no albergue. Quem procura os serviços da empresa de Marco buscavam exatamente isso, segurança e organização. Marco acompanha o grupo com uma caminhonete, onde ele carrega as mochilas e suprimentos como água, comida e algum remédio. Também se preocupa em organizar em cada etapa uma mesa com lanches leves e bebidas (geladas ou quentes) para seus clientes.

Todos os participantes do grupo de Marco estavam satisfeitos pelos serviços adquiridos. Ficam claras as dimensões existentes entre a amizade e o serviço prestado (econômico), pois não devem se misturar para uma não contaminar a outra (SIMMEL,1896). A fronteira estabelecida por Marco começa na entrega de um material bem organizado, contendo uma pequena mochila, roteiro detalhado com locais por onde vão passar, as hospedagens e o tipo de alimentação que vão ter, ao longo do acompanhamento, além da credencial do peregrino. Marco criou esse método para não ter nenhum problema com seus clientes. Para Simmel (1896) esse sistema denomina a fronteira existente entre as relações de proximidades que envolvem uma atividade econômica.

Mas não são todas as empresas que fazem esse tipo de acompanhamento. Algumas, apenas oferecem o transporte das mochilas aos albergues escolhidos pelo caminhante, não se responsabilizando pelo trajeto que o peregrino irá fazer e se irá chegar. Essas empresas cobram por serviço prestado, em média, € 5 por trecho e por mochila.

Na entrevista que fiz, Ana deixou claro que utilizou os produtos de uma agência de viagens portuguesa para levar a sua mochila e reservar o albergue. Pagou somente para estas tarefas. Ao comentar sobre os serviços adquiridos, disse

que eram bem organizados e pontuais. Não teve nenhum problema com as mochilas e nem com as reservas realizadas com antecedência. Ana disse que se precisasse carregar a sua mochila, não teria realizado a caminhada, pois ela tem muitas dores nas costas e o peso seria um problema.

Enquanto conversava com Pedro, o motorista que me levou da cidade de Rubiães até a cidade de Valença, em Portugal, ele transportava dez mochilas que deveriam ser entregues em albergues especificados. Pedro não trabalhava para nenhuma agência de viagens, fazia tudo por conta, e para ter clientes, fazia amizade com os funcionários e donos dos albergues nas cidades próximas, sendo assim, sempre indicado.

Pedro disse que os peregrinos despachavam as suas mochilas para não carregar peso em longos trajetos e que essa procura tem aumentado muito nos últimos anos. Acredita que a divulgação pelos serviços na internet e nas agências de viagens favoreceu o seu trabalho. Para ele, a grande procura por esse tipo de serviço se deve ao fato de as pessoas buscarem mais tranquilidade e conforto nas suas caminhadas.

Para Paola, uma peregrina acostumada a participar de corridas de longa distância, a escolha por utilizar o serviço de despache de bagagem foi durante um dia de muita chuva e sua mochila ficou encharcada, pesando mais. Com o desconforto de estar toda molhada e a mochila estar pesada, ela decidiu que nos próximos trechos despacharia a bagagem. Os demais dias foram tranquilos e ela não se arrependeu de usar os serviços contratados. Não se sentiu mal por isso e muito menos se sentiu menos peregrina.

Os serviços prestados pelas agências têm gerado discussões entre as pessoas que acreditam que peregrinar ainda seja algo que deva ser sacrificante, doloroso e que a pessoa deva carregar a sua mochila mesmo tendo dificuldades.

Observando a forma como os novos peregrinos enxergam as peregrinações e os sentidos que cada um dá a elas, acredito que as futuras caminhadas terão um olhar diferenciado, onde a experiência e as novas aventuras farão parte da descoberta de caminhar em um lugar repleto de novas culturas e muita natureza. O sofrimento será amenizado pelos diversos serviços que são ofertados, e pela nova percepção do caminhar.

A seguir, um site de serviços oferecendo o transporte de bagagens e outros produtos para quem deseja realizar a peregrinação mais tranquilamente e sem sofrimentos.

Figura 16 - Site Agência de Viagens



Fonte: Santiagobackpack (2021)

Conforme Turner (2008, p.159),

[...] nas peregrinações, os simples fatos demográficos e geográficos de que grande número de pessoas venha em períodos determinados e de distâncias consideráveis entre suas casas e o local sagrado exigem certo grau de organização e disciplina.

O temor de não alcançar os objetivos é constante entre os peregrinos que temem por lesões, torções, bolhas e fraturas, que podem fazer com que muitas pessoas desistam antes do tempo. Existe um amplo mercado especializado para esportes de aventura e é crescente o número de busca pelos serviços dessas empresas que, além de oferecerem o transporte de bagagens, oferecem assistência ao longo do trajeto.

6.6 AS LOJAS DE PRESENTES E *SOUVENIRS*

Independente da religião, os locais religiosos e de turismo possuem sempre uma gama de produtos e ampla área de consumo. O mercado de *souvenirs* está presente na maior parte dos destinos turísticos e religiosos do mundo, ofertando

uma grande variedade de produtos para pessoas ávidas em consumir itens que possam servir como lembranças de viagens.

Em 1985, como já mencionado, a cidade de Santiago de Compostela foi declarada Patrimônio da Humanidade pela Unesco¹⁹ e, desde então, o espaço das ruas no centro histórico está dedicado ao comércio turístico, singularizando-se pelas numerosas lojas de *souvenirs* que têm proliferado desde o ano 2000, exatamente no momento em que Compostela se tornou um destino turístico moderno.

Nas diversas lojas, podemos encontrar uma enorme gama de produtos religiosos como imagens do apóstolo, objetos “sagrados”, anéis, canetas, camisetas, livros, cartões postais, brinquedos, e uma infinidade de outros produtos. Com o excesso de *marketing* existente no Caminho, percebemos a banalização dos símbolos, como também de sítios sagrados que, ao longo dos últimos anos, tem se transformado em um fenômeno mercadológico.

A sociedade moderna se apropriou de alguns símbolos do Caminho e da história como um pano de fundo para criar valor e promover um dos grandes fenômenos capitalistas: o turismo. A transformação dos símbolos, impregnados de valores ligados ao consumo e ao status estão inseridos no novo significado.

¹⁹ <https://www.caminodesantiago.gal/pt/descubra/origens-e-evolucao/de-fenomeno-religioso-a-experiencia-cultural>.

Figura 17 - Variedade de *souvenirs* nas diversas lojas em Compostela



Fonte: Acervo pesquisadora (2019)

O surgimento de mercados religiosos está relacionado diretamente ao caráter experiencial da peregrinação. As experiências religiosas dos peregrinos são construídas a partir de emoções e sensações produzidas pela imersão do seu *self* nas atividades simbólicas e físicas da peregrinação, como a viagem, os rituais e o contato com objetos e seres sagrados.

A nossa rotina moderna possibilitou a criação e a universalização dos meios de produção capitalista, constituindo novos circuitos e mercados de bens e serviços (religiosos e não religiosos). Os produtos atraem tanto os turistas como os peregrinos, pois, vivemos em uma sociedade do consumo (Baudrillard, 2009), onde podemos viver sem produzir, mas, não sem consumir. O turista é um consumidor nato em relação aos *souvenirs*, pois existe sempre a necessidade de trazer uma lembrança do local visitado. O peregrino, com a sua necessidade do desapego e falta de espaço, muitas vezes, escolhe apenas uma pequena lembrança, como é o caso de Janete.

Enquanto estávamos jantando na cidade de Tuí (Espanha), as lojas em nossa volta estavam repletas de presentes e *souvenirs* com muitas opções de estampas do Caminho. Janete pediu licença e saiu, dizendo que apenas olharia a loja. Não demorou muito, ela retornou, trazendo em suas mãos alguns pares de meias com várias estampas e cores, e nos pergunta qual é a mais bonita. Escolhemos um par

em tons azul marinho com setas amarelas. Janete retornou à loja e decidiu comprar as meias. Em seguida ela vem com a sua sacola e disse que era uma pequena lembrança desta minha caminhada: “sempre que posso levo algo que eu consiga carregar”.

Durante a caminhada, como estava chovendo muito, Janete decidiu que compraria uma sombrinha, que deveria ser muito colorida e que estampasse algo do Caminho. Não demorou muito, e lá estava ela com a sombrinha. “Mais alguma coisa para carregar, disse ela”.

Ao entrar em uma dessas lojas, o instinto do consumidor aflora. Existe tanta variedade de pequenas coisas, que não existe a possibilidade de sair da loja sem nada. Existem canetas, lápis, pequenos broches, adesivos, bonés, camisetas, sacolas, bolsas, mochilas, são tantas coisas que dá para se perder. Tudo o que se possa imaginar está estampado com algum símbolo do caminho.

Os *souvenirs* produzidos em massa, com preços acessíveis, ganham novos significados e usos alternativos. Esses objetos começam sua vida social no mercado, como produtos de pouco valor econômico e, quando comprados, as pessoas mudam o valor delas dando poder divino e valor simbólico. Muitas lembranças “[...] circulam em ambientes culturais e históricos específicos.” (APPADURAI, 1986, p. 11).

As lembranças de peregrinações parecem se conectar de maneiras diferentes. Em meu percurso, não vi nenhum homem comprando um presente, apenas as mulheres pareciam possuir essa ligação com a lembrança.

Os produtos atraem tanto os turistas como os peregrinos, pois, vivemos em uma sociedade do consumo (BAUDRILLARD, 2009), onde podemos viver sem produzir, mas, não sem consumir. O turista é um consumidor nato em relação aos *souvenirs*, pois existe sempre a necessidade de trazer uma lembrança do local visitado. O peregrino, com a sua necessidade do desapego e falta de espaço, muitas vezes escolhe apenas uma pequena lembrança, como é o caso de Janete.

No plano turístico estratégico elaborado pelo Conselho de Santiago (2004), o turismo religioso não era visto como um mercado de produtos, apenas como uma categoria que deveria se sustentar. Já nos anos seguintes, o mercado religioso passou a aumentar, talvez pela grande procura do turismo, gerando bens de consumo (KRIPPENDORF, 1989).

Segundo Rocha (1985), os bens de consumo têm a capacidade de criar pontes e muros, que podem afastar como aproximar os indivíduos. A aquisição de determinado bem, um produto ou um serviço, faz com que o indivíduo pertença àquele universo simbólico.

O turismo sendo um bem intangível, os rituais de troca (MAUSS, 2003), posse, cuidados pessoais e desapropriação não se aplica não da mesma forma que os bens materiais. O consumidor turístico pode absorver o serviço que está consumindo pelo meio de *souvenirs* e presentes (materialmente), e pelas fotografias que seriam ilustrações dessa narrativa onde ele constrói ao longo da experiência.

7 O OLHAR DO CAMINHANTE E SUAS EXPERIÊNCIAS

No capítulo a seguir é abordado os aspectos que levam os peregrinos a percorrer estes caminhos sagrados. As categorias escolhidas servem de guia para uma melhor análise das narrativas.

Foram escolhidas três categorias: as motivações, os sacrifícios e as aprendizagens pós caminho. Estas categorias foram mencionadas em várias narrativas, se tornando importantes para a compreensão deste trabalho.

7.1 AS MOTIVAÇÕES

Pesquisar sobre as motivações existentes nas peregrinações, descobrir o que as impulsionaram e ainda estimular os homens e as mulheres a se lançarem aos diversos caminhos, foi importante para compreender o que é peregrinar na atualidade.

Viajei através de livros e filmes até a Idade Média, para descobrir quais motivações existiam, naquele tempo, para sair em peregrinação à Santiago de Compostela. Na Idade Média, o maior interesse era o religioso, pois a devoção ao Apóstolo Tiago estava na origem cultural e social da peregrinação ocidental. Nessa época, existia a devoção aos santuários espalhados pelo caminho, e os peregrinos que caminhavam até Compostela, muitas vezes, visitavam outros lugares sagrados, com a intenção de conhecer os locais onde repousavam os corpos dos santos.

Mas, o motivo mais puro era a devoção ao santo. O peregrino empreendia uma viagem *pietatis causa* (compaixão), como fizeram monges, bispos e alguns santos como São Francisco de Assis e Santa Isabel de Portugal, a Rainha Santa. Também era para satisfazer um voto, enfermidade pessoal ou familiar, a preparação espiritual para pedir uma graça, como expiação espiritual, como purificação, por alguma culpa ou grave pecado cometido (SINGUL, 1999).

Mesmo que o peregrino não tivesse motivações religiosas para fazer o caminho, havia outras razões como a simples vontade de viajar e conhecer novas terras e conhecer novas pessoas. A necessidade de descobrir o mundo, de sair em busca de novas aventuras sempre fez parte do ser humano e, não é um impulso que só hoje possuímos.

Ao longo da história do Caminho, temos muitos relatos de viajantes-peregrinos como Jacopo *Sobieski* (século XVII) e o bolonhês *Domênico Laffi*, que fez três vezes a peregrinação por diversos motivos, e que descreve a sua “[...] natural inclinação de querer ver coisas novas.”. Outros peregrinos percorriam o caminho para melhorar seus negócios em outras terras, aproveitando o fluxo cultural e econômico da peregrinação ao longo dos trajetos (SINGUL, 1999).

Não podemos nos esquecer de destacar também as peregrinações como penitência, uma fórmula forçada da legislação. Uma das peregrinações forçadas descritas no século XV foi como consequência de um tratado de paz entre um rei e seus vassalos. E, outra peregrinação de penitência, aconteceu na cidade flamenga de Bruxas, em 1305, quando o rei da França, depois de um tratado de paz, mandou três mil peregrinos flamengos da cidade vencida em peregrinação a Compostela (SINGUL, 1999).

Havia também a peregrinação menos nobre, em que as pessoas peregrinam como pedintes. Essas pessoas faziam os longos percursos a fim de conseguir doações e comida, que eram oferecidas pelos mosteiros e viajantes mais ricos. Muitas dessas pessoas eram encontradas nas portas das igrejas e próximas aos locais sagrados.

Mesmo com o passar dos séculos, algumas motivações não mudaram. A vivência do Caminho de Santiago, hoje em dia, é uma forma de praticar o ecumenismo espiritual, pois encontramos católicos, protestantes, budistas e muitas outras religiões em um mesmo lugar. Também há a necessidade de se desvincular do propósito religioso das primeiras peregrinações, existindo a necessidade de buscar aventuras, atividades físicas, turismo, transformação interior ou apenas fugir do cotidiano (SILVA; SANTOS, 2015).

No que diz respeito à motivação que conduz à decisão de peregrinar, existe uma diversidade, múltiplas motivações em uma mesma pessoa, as várias experiências religiosas e as mobilizações a partir de um interesse em determinada situação.

Para o estudante brasileiro Marcelo, que estava quase retornando ao Brasil após dois anos de estudos na Irlanda, a realização da peregrinação à Compostela tinha um propósito específico, apenas caminhar para emagrecer um pouco e, fazer turismo. Mas, após o seu envolvimento com as pessoas que encontrava ao longo do

caminho português, a sua percepção foi se modificando. O foco agora era mais voltado as relações de amizades e ao seu mundo interior.

É um local com muita simbologia. Aprendi aos poucos a observar isso e a sentir mais o que o meu eu pedia. O caminho te oportuniza muita coisa, como estrutura, amizades e novos olhares para a paisagem a sua volta. Um percurso seguro e receptivo. (MARCELO, 2019).

A percepção de que existe algo além do que nos é dito, faz com que muitas pessoas continuem a sua busca, seja uma busca espiritual ou interior. O importante é compreender a finalidade da sua jornada, para assim ela se tornar uma viagem de contemplações e realizações. Ao perceber o relato de Marcelo, podemos observar a existência das práticas religiosas saindo do seu limite religioso como práticas alternativas de lazer, cultura e diversão.

O olhar é individual, mas quem o faz pode ser atraído pelas paisagens, pela arquitetura ou ainda pela forma como as pessoas vivem no interior do país. Existe na sociedade contemporânea, uma mistura de diferentes domínios da existência, de coisas religiosas e não-religiosas. O que possibilita um intenso diálogo com as esferas da divisão e do consumo de bens culturais (AMARAL, 2000).

Já para Sofia, a sua motivação foi de cunho religioso. Houve um compromisso firmado com o Santo, Apóstolo Tiago, para obter um milagre. Através desse lugar que Sofia deseja alcançar, pela peregrinação, existe um vínculo estreito, pessoal, que unirá pelo resto da vida o peregrino e o Santo. Sofia sempre teve interesse em fazer o Caminho de Compostela de bicicleta. Mas, no ano de 2016, ao realizar seus exames de rotina, descobriu que estava com câncer de mama. Por isso teve que adiar sua peregrinação que viria a fazer com suas amigas.

Quando soube que estava com câncer, que teria que passar por muitos procedimentos, fiz uma promessa para o apóstolo Tiago, que quando melhorasse eu faria a peregrinação até a sua casa de bicicleta. Enquanto estava em tratamento, conheci meu atual namorado, que logo veio a se tornar meu noivo. Ele disse que a minha promessa seria a dele também. Logo após a minha recuperação, meu médico me liberou para fazer a minha jornada, desde que eu tivesse todos os cuidados possíveis. Então, eu e meu noivo, fomos no inverno de 2019 pagar a promessa. (SOFIA, 2019).

Para Sofia, a realização da sua jornada ao encontro do Apóstolo a fez perceber o quão tudo é muito simples e passageiro. Para ela, o importante é aproveitar a vida em cada instante, e não se preocupar com coisas fúteis.

Os peregrinos caminham, conversam e expõem suas razões quando são questionados. É frequente ouvir que a motivação foi por problemas pessoais, queria ficar sozinho, trabalhar o desapego, gosta de caminhar, fazer turismo e conhecer lugares diferentes, aprender a viver com o essencial, se superar, vencer os desafios do caminho, refletir, responder às perguntas da vida, compreender a si. A listagem é muito maior que isso, mas essas são as mais repetidas nas conversas.

Algumas vezes, ouvi dos peregrinos a incerteza e a falta de objetividade para dizer a razão de terem realizado a peregrinação. Não sei se não sabiam ou tinham vergonha em expor sua verdadeira razão.

Das peregrinas com quem caminhei, Maria Fernanda estava mais aberta a falar de si, demorou um pouco, mas depois não parou mais. Entretanto, Patrícia e Janete eram mais reservadas. A motivação que levou Maria Fernanda até Santiago de Compostela era uma forma de se tornar mais confiante, de poder realizar seus desejos através de suas escolhas e de perceber o quanto a vida pode ser boa mesmo não dando tudo o que desejamos. A necessidade de se virar sozinha a levou para um mundo distante do seu habitual, e assim, buscar através dos muitos desafios, encontrar a si mesma.

Ao observar Janete e Patrícia, percebi que o Caminho de Santiago se tornou uma busca oculta, mágica e mística para elas. Aproveitar a energia que alguns locais emanam, faz com que elas se sintam melhores e possam recarregar as energias. Para Patrícia, essa peregrinação estava sendo um momento de busca interior, de encontrar respostas para seus questionamentos. Ela não especificou isso, mas, em poucas palavras, disse que estava se adaptando a uma nova vida em Portugal, com seu novo marido e com uma nova cultura.

Para Janete, a peregrinação era um momento de sair do estresse diário, de olhar para si, esse exercício interno e pessoal é praticado em todas as suas peregrinações. Precisa centrar suas energias ao seu caminhar, a sua experiência e aos aprendizados diários. “Preciso conhecer a mim e a minha vida, e ter consciência das minhas expectativas e obrigações diárias, para assim seguir mais tranquila e confiante”. Ao compreender suas necessidades, Janete busca conter a sua

ansiedade e desconforto ao praticar o equilíbrio pessoal nas suas longas caminhadas. Por isso que o afastamento é necessário.

A descoberta de uma experiência interior, através do místico, tem levado essas duas peregrinas, Janete e Patrícia, a percorrerem uma vez ao ano o caminho, em busca de um sentido maior e interior. Conforme Carlos Steil e Rodrigo Toniol (2011, p. 6) descrevem, “as experiências dos sujeitos são os próprios princípios geradores de autenticidade da relação que se estabelece com o sagrado”.

O sentido de encontrar um eu e a satisfação de estar livre ao caminhar, sem uma obrigação de fazer algo, tem atraído muitas pessoas de todos os cantos do mundo. Essa liberdade de espírito está inserida na mobilidade humana há milhares de séculos e, muitas vezes, através desse novo trajeto muitas pessoas encontram um sentido para viver.

Esse sentido para viver foi descrito por Beatriz em seu relato sobre como tudo começou. A falta de respostas, a dúvida em relação a sua vida, a continuação e o início de tudo fez com que Beatriz fosse atrás de explicações. Ao retornar do seu primeiro Caminho, não compreendia como nada tinha mudado, mas aos poucos foi percebendo que houve novas atitudes, novas necessidades e novas buscas. A resposta não veio em seguida, mas aos poucos.

É um passo de cada vez, então, isso eu aprendi: a me respeitar, a dar o tempo que a vida me pede, porque eu sempre fui muito ansiosa, eu sou muito ansiosa, e o caminho me fez entender que é um passo de cada vez, sabe? Que a vida as vezes não é como a gente quer, ela é como ela tem que ser, e a gente tem que entender e aproveitar a maneira como ela se apresenta. (BEATRIZ, 2018).

Essa mesma percepção de que a vida segue seu curso, com seus obstáculos, com suas formas de se apresentar são mencionados nas trajetórias de José Francisco e de Marco.

Quando entrevistei o S.r. José Francisco, fazia pouco tempo que ele tinha retornado de sua terceira peregrinação. Marcamos de nos encontrar na cafeteria do Shopping Bourbon de Porto Alegre, em uma tarde cinzenta. Bancário aposentado, José Francisco tirou férias meses antes de se aposentar para buscar respostas sobre a sua vida estressante. Após realizar o Caminho Francês e o Caminho do Norte, disse que até então não tinha percebido nenhuma diferença em sua vida, apenas que se afastar do estresse diário tinha sido ótimo para o seu bem-estar.

Na terceira oportunidade de peregrinar, escolheu o Caminho Português e, foi quando percebeu que a vida não é como desejamos, mas como tem que ser. Teve muitas complicações com seus pés que o afastaram da peregrinação. A doença diagnosticada foi *fascite* plantar²⁰ fazendo com que seus planos fossem alterados. Teve muita provação ao longo das suas aventuras, por isso ele diz que “não é para ser um caminho de sofrimento, por isso precisamos sempre ter muita preparação, para poder aproveitar todos os momentos”. José Francisco percebeu que as respostas muitas vezes demoram a chegar, mas chegam quando são necessárias.

Atualmente, a peregrinação a pé até Santiago de Compostela não é visto por muitas pessoas com o intuito de salvação ou libertação de seus pecados (TURNER, 1978), mas voltado ao que realmente a pessoa prometeu ao santo ou como um contrato entre o peregrino(a) e ao santo. Talvez, para outros, nem seja um contrato, mas uma forma de compreensão de si com a natureza ou apenas a necessidade de se manter vivo longe do estresse diário.

Ao conhecer Marco, nas poucas horas que estivemos conversando, percebi que é uma pessoa agradável e que busca sempre ajudar quem está a sua volta. Marco é dono de uma empresa de turismo que oferece pacotes e serviços ao longo do Caminho de Santiago, mas especificamente, nas rotas que começam em Portugal. Marco disse que, ao longo desses dez anos em que trabalha com a prestação de serviços nas rotas à Compostela, já ouviu das pessoas as mais diversas motivações, mas que pelas suas experiências, a vida e o caminho sempre têm algo a dizer, mesmo que demore um pouco.

A motivação de Marco em realizar a primeira peregrinação, foi de agradecer suas conquistas pessoais, mas que aos poucos percebeu que o Caminho tinha que fazer parte da sua vida. Marco se dedica ao máximo em oferecer os melhores serviços e atendimentos para essas pessoas que fazem a peregrinação. Recentemente teve problemas de saúde, ficando quase cego por causa da diabetes. Marco acredita que sua dedicação e motivação sejam por causa da sua família e da sua saúde.

Imagina eu ficar cego agora, logo agora que minha família precisa de mim. Tenho filhos pequenos que precisam de meu apoio, e uma esposa maravilhosa que a cada dia é mais dependente. Por isso me dedico vinte e

²⁰ Fascite plantar é um processo inflamatório ou degenerativo que afeta a fásia plantar, uma membrana de tecido conjuntivo fibroso e pouco elástico, que recobre a sola do pé.

quatro horas para Santiago. Acredito que cada pessoa possui o seu caminho, e nunca um será igual ao outro. Por isso vivo para o Caminho. (MARCO, 2019).

As motivações são infinitas. A saída em busca de algo concreto, muitas vezes se transforma em outra coisa, diferente do que podemos imaginar. Estar aberto para as experiências, para vivenciar o que o dia lhe oferece, as oportunidades, tudo isso possibilita mudanças e novos desafios.

Alcançar o santuário é a razão de ser de uma peregrinação e na decisão do peregrinar. Se o objetivo é apenas alcançar o santuário, o mesmo justifica e confere sentido à estrada. O prazer em peregrinar consiste nos obstáculos, na fadiga e até no perigo. Algumas pessoas apenas buscam o Caminho como uma motivação de conhecer lugares diferentes, de apenas se inserir na natureza através do caminhar.

A professora aposentada Ana, sempre teve interesse em fazer a peregrinação, mas a vida a levou para outros rumos. Agora vivendo em Portugal, buscou realizar esse desejo. A sua motivação era apenas de sair em caminhada por lugares desconhecidos. Percebeu que o caminhar a levou a conhecer paisagens lindíssimas que não imaginava existir. A experiência de realizar a caminhada constrói uma história que foi experimentada passo a passo, com a interação à natureza, com a convivência com seu marido e com as distintas intensidades.

Está claro que uma pessoa vai caminhar com múltiplas motivações, sendo religiosas ou não. As histórias que foram contadas tanto nas entrevistas como na peregrinação à Compostela são de grande reflexão. São momentos nas vidas em que essas pessoas param um pouco para pensarem e refletirem sobre as questões existenciais.

Não existe uma idade específica para essas questões, mas geralmente são pessoas com mais de quarenta anos que buscam refletir sobre a sua existência, sobre os rumos de suas vidas, sobre as conquistas, sobre o que desejam realizar. Muitos refletem sobre o tempo que lhe resta de vida e como viver esse tempo, das coisas que ainda podem conquistar e fazer. A necessidade de viver mais o presente e se preocupar um pouco menos com o futuro, trará respostas para o significado da vida. As questões existenciais, estar mais próximo do sagrado, se desconectar temporariamente da vida diária, proporciona uma maior reflexão.

A busca interior, da paz e de respostas está inserida no ser humano desde que ele se percebe por ser pensante e capaz de entender a vida. Para Jana, a

peregrina alemã, a necessidade de estar sozinha, de concentrar as suas energias somente consigo, era fundamental. A motivação era, de recuperar as forças, centrar os pensamentos e descansar. Fugir do estresse diário que a estava matando a cada dia.

O estresse é um vilão na nossa sociedade atual e moderna. A médica Paula, descreve em poucas palavras que, se ela não se reconectasse com a natureza, não saberia quantos dias ainda conseguiria viver. O dia-a-dia de uma médica oncologista é muito fora do normal. Paula conta que buscou na internet por roteiros e lugares em que ela pudesse se reconectar e, foi então que leu sobre o Caminho de Santiago de Compostela. Não pensou duas vezes, organizou tudo e saiu em férias.

Hoje em dia, cada vez mais as motivações parecem se desvincular da finalidade das primeiras peregrinações, levando as pessoas a buscarem aventura, atividade física, turismo, transformação interior e o rompimento da monotonia do dia-a-dia. O significado das peregrinações nas sociedades atuais cria uma nova forma de vivenciar o sagrado, na medida em que traz consigo elementos seculares que influenciam as experiências religiosas. Para os pesquisadores como Steil e Carneiro (2008, p.113), existe a reinvenção das peregrinações, na medida em que os sujeitos religiosos incorporam o turismo como mediação da experiência do sagrado, que absorve elementos de lazer, de consumo e de *marketing*.

Constatai que, a maioria das pessoas que buscam o Caminho de Santiago de Compostela busca encontrar respostas, superar desafios, saem em busca de novas aventuras, saem em busca de novos lugares ou apenas viajar apenas por viajar, sem compromissos e horários fixos. Muitas vezes encontram qualquer motivação para fugir do estresse diário. Os mais jovens aproveitam para conhecer pessoas, conversar e curtir o momento. Já os mais velhos, ficam mais reservados e focados. De qualquer forma, ficar longe do estresse diário é uma forma de recarregar as energias e colocar as ideias no lugar certo, independentemente da idade que se tenha.

A experiência de peregrinar dá muitas possibilidades distintas de interação, superação de obstáculos, o contato com a natureza e suas belezas, além das dificuldades físicas e emocionais. O Caminho é construído passo a passo, com vivências, intenções e intensidades diversas para cada pessoa.

Essas novas formas de peregrinar proporcionam oportunidades para conhecer novos lugares, novas pessoas, divertimento e lazer. Com o novo olhar

entre o antigo e o novo, foi possível gerar novos significados nas peregrinações, que evoluíram para a busca da espiritualidade individual.

7.2 OS SACRIFÍCIOS PESSOAIS

A experiência da corporeidade na peregrinação se torna um movimento de olhar tanto para fora como para dentro. É uma experiência única, em que o ator social tem sua corporeidade dignamente vivenciada, através de seus medos, de incertezas, de dores corporais, em contraponto a natureza bela que se apresenta nas paisagens ao seu redor. Corporeidade é peregrinar e, para muitos, é se permitir ao sacrifício como forma de transcender aos mais variados modos de vida.

O corpo, enquanto suporte físico da peregrinação é a agência do sofrimento. O sacrifício físico, autoflagelante que a pessoa sujeita seu corpo pode ser entendido como meio de o tornar digno da sua alma miserável e pecadora. Por detrás dela está o equilíbrio psico emotivo e por isso a busca da invocação do divino (FORTUNA; FERREIRA, 1993).

O sacrifício (do latim *sacrificium*, *sacer* + *facere*, “tornar sagrado”) é o gesto ritual através do qual algo ou alguém é retirado da condição profana para o sagrado. É uma troca ou barganha para com a divindade. Na visão antropológica, os sacrifícios podem ser realizados com animais, com humanos, com sangue, etc. Eles sempre foram uma forma de agradar as divindades, onde a troca era vista como algo que favorecesse tanto o humano como a divindade. Na antiguidade, a morte gerava a sobrevivência e a vida. Para Corbi (1996, p.18): “Cabe concluir que lo muerto, animal o humano, es fuente de vida, es realidad y lo sagrado”.

Na busca de mais detalhes sobre os sacrifícios, encontrei muitos estudos sobre as sociedades antigas, e nesses estudos, o sacrifício passava pelas mais diversas práticas realizadas com o corpo, que era visto como um instrumento de aproximação do humano com as divindades. Alguns cronistas que viveram nos séculos XVII e XIX, como Hans Staden (1974), e Spix e Martius (1981), procuravam registrar com o máximo de detalhes os rituais indígenas brasileiros, em que o corpo era visto como um instrumento (LESSA, 2007, p. 908). Esses rituais e cerimônias estavam inseridos na cultura desses povos, pois eles acreditavam que o indivíduo

ganhava forças pela assimilação de outros, como familiares mortos, guerreiros inimigos ou por pessoas poderosas e perigosas.

O sacrifício não é nada atual. Existe uma longa história na sociedade humana em que o sacrifício possui diferentes funções e significados nas diversas religiões do mundo antigo: do Egito, da Mesopotâmia, do Judaísmo, do Islã, da religião védica aos fenícios, dos gregos à romana. Mas não é apenas uma questão de povos antigos. O símbolo do sacrifício é uma realidade viva e ativa no homem moderno. O sacrifício está ligado as mais variadas práticas realizadas com o corpo, onde estas dimensões variam desde o prazer, o embelezamento, às mutilações, o sofrimento, a penitência e muitas outras formas de violência física (LESSA, 2007).

Ao ler a biografia de Paulo Coelho, escrita por Fernando Morais (2008), ele descreve que a penitência também é uma forma de sacrifício. O voto de silêncio também é uma forma de penitência. Não parece ser algo comum, mas muitas são as pessoas que fazem o voto de silêncio até atingir o que deseja. O escritor Paulo Coelho passou por muitas penitências para conseguir o que mais desejava. Entre essas penitências estava fazer o voto de silêncio por duas semanas, realizar o “[...] ritual do copo.” todos os dias no mesmo horário por seis meses, entre outras coisas (MORAIS, 2008).

É um juramento que a pessoa faz até atingir o que deseja ou a confirmação. É uma renúncia à agitação cotidiana e assim se aproximar de Deus para confirmar a sua fé. Esta prática é comum nas religiões, como o cristianismo, budismo e no judaísmo. Como diz a sabedoria popular “[...] a palavra é prata, o silêncio é ouro.”. Podemos dizer que é um juramento de melhoria espiritual.

Durante a minha experiência de peregrinação, conheci uma jovem inglesa que tinha feito esse voto de silêncio. Ela realmente não falou uma palavra, apenas se comunicava por sinais. Não posso dizer se ela conseguiu ficar em silêncio até chegar à Santiago de Compostela, mas, quando se deseja muito algo, se consegue.

As peregrinações fazem parte desse mundo de sacrifícios, onde o corpo é a ligação com o mundo religioso. A peregrinação é um ato religioso e que, pela consagração, modifica o estado moral da pessoa que o realiza. Para Mauss e Hubert (2013), em todo o ato sacrificial existem algumas figuras fixas como: o sacrificante, o sacrifício e a divindade, conforme o quadro 02, abaixo:

Quadro 03 - Os tipos de sacrifícios

O sacrificante:	- O sacrificante é aquele que abre mão de algo, aquele que toma a atitude do sacrifício, ou seja, aquele que toma a iniciativa do sacrifício.
O sacrifício	- O sacrifício é o objeto, animal ou qualquer outra coisa que venha a ser consagrado através de um ritual. O sacrifício também pode ser o sacrificante.
A divindade	- A divindade é para quem se destina o sacrifício, aquela a quem se destina conseguir algum favor.

Fonte: Mauss; Hubert (2013).

Os sacrifícios nas religiões mais primitivas tinham características distintas, podendo ser divididas em “sacrifício-dom”, “sacrifício-alimento” e o “sacrifício-contato”, como Mauss e Hubert (2013) propõem em sua obra. O sacrifício, como já explicitado, possui uma ligação direta com o sacrificante. Trazendo a teoria de Mauss e Hubert (2013) para o estudo dos peregrinos, é possível observar que o indivíduo/peregrino faz um sacrifício sendo o próprio sacrificante.

Ao longo da minha observação participante, analisei as peregrinas que estavam comigo e percebi que o sacrifício vai além do corpóreo. Ao se afastar de seu cotidiano, estar longe da família, perder algo que fosse de extrema importância e, mesmo assim, continuar com o seu objetivo, coloca a pessoa como sacrificante de algo.

O sacrifício é algo que surge em nossas vidas como algo em prol de outro. As pessoas que desejam muito realizar a peregrinação à Santiago de Compostela sacrificam finais de semana, momentos de leitura, de esporte e de dinheiro para realizar um propósito. Para o professor Carlos Alberto, o desejo em realizar a peregrinação à Compostela o levou a percorrer por aproximadamente cinco meses a cidade em busca de latinhas e vendê-las para conseguir um valor considerável para comprar a passagem aérea e se sustentar durante o seu caminho.

Através desse sacrifício físico, de pedalar e carregar as latinhas para conseguir dinheiro e da experiência em catar latinhas em uma sociedade com muita discriminação, Carlos Alberto conseguiu fazer a peregrinação e, na sua volta, escreveu um livro contando toda a sua experiência. A narrativa traz os seus

esforços, seus sacrifícios que precederam sua caminhada e também as suas aventuras durante o percurso francês, que durou 27 dias.

[...] pedalando pelos espaços do parque Farroupilha (Redenção) em Porto Alegre, notei uma grande quantidade de latinhas. Em torno delas, havia um grupo de adultos jovens que estavam bebendo cerveja e outras bebidas. Decidi me aproximar do grupo e perguntar se eu poderia amassar e pegar aquelas latinhas. Naquele momento os jovens conversaram em tom de voz alta, de modo que todos estavam perto poderiam escutar, porém quando eu fiz a pergunta a um deles, o grupo praticamente emudeceu... Enquanto eu as amassava e as colocava num grande saco, notei que muitos estavam me olhando, como se estivessem curiosos. Um deles se aproximou de mim e me perguntou: Por que tu tá fazendo isso? Tu és doidão? Eu, praticamente sem parar de pegar as latas, respondi que estava catando-as para fazer o caminho de Santiago de Compostela no ano seguinte... Ah tá, tu achas que eu vou acreditar nisso? Cara, tu és pirado! Só pode ser pirado e doidão! Os outros começaram a rir de mim, e eu só queria pegar as latinhas e sair dali o quanto antes. (CARLOS, 2016, p. 36).

O relato de Carlos Alberto, ao longo de seu livro, nos remete a pensar em nossos desejos e sacrifícios e, em tudo o podemos realizar para conseguir concretizar os nossos planos. Não foi fácil sacrificar momentos de lazer com a família para catar latinhas, se sentiu envergonhado e ridicularizado muitas vezes, mas, a sua decisão era maior que todo esse sofrimento, pois precisava ganhar dinheiro para a caminhada. Com certeza valeu a pena, pois seus relatos descrevem isso.

O que se vive durante e após estas maravilhosas experiências é único, de difícil transmissão e de transcrição nada fácil. Se quiser saber de fato, o melhor é ir peregrinar e depois ter infinitas possibilidades de recordar, explicar, falar, escrever, enfim, multiplicar as infinitas possibilidades de levar o Caminho para muitas pessoas que desejam fazê-lo. (CARLOS, 2016, p. 72).

Ao longo de muitos relatos, percebemos que o sacrifício envolve muito mais que o físico, pois pessoas deixam de realizar muitas coisas em suas vidas para juntar dinheiro e assim peregrinar. Não só o dinheiro está envolvido, mas as relações pessoais também.

Maria Fernanda teve que deixar sua família e marido para poder realizar a peregrinação em busca de mais confiança em si mesma, e também na possibilidade de compreender mais a sua vida. O sacrifício foi externado quando Maria Fernanda teve seu celular quebrado em meio à peregrinação, e nesse momento o sofrimento de não poder mais se comunicar a todo o momento com sua família, foi horrível. O

sofrimento emocional chegou ao extremo. Chorou que nem uma criança, pois não acreditava no que estava acontecendo. Algo sempre é sacrificado em troca de algo, nesse caso, o distanciamento dos familiares fez com que Maria Fernanda se tornasse mais confiante e continuasse adiante em busca do que desejava.

Para o peregrino José Francisco, o sacrifício foi o físico. Na sua primeira peregrinação teve problemas com as bolhas e com as dores musculares. Mas que aos poucos foi se adaptando. Em sua terceira e última peregrinação, o problema foi muito mais sério. Teve fascite plantar, deixando-o impossibilitado de caminhar. As dores nos pés exigiram cuidados e mais remédios para a dor, mesmo assim, ele continuou a viagem como turista, aproveitando os dias e conhecendo novos lugares.

Quando o corpo passou a fazer parte dos estudos dos antropólogos, como nos estudos de Mauss (2003), os demais estudiosos perceberam que ele é mais do que um dado biológico ou psicológico. Essa visão de mundo específica para cada sociedade seria a base para uma diversidade de costumes.

O sacrifício é composto de atos e rituais que servem para colocar em contato o mundo do sagrado com o mundo do profano. O sacrifício serve para reatar laços entre fiéis e a divindade, no caso de pessoas que buscam o transcendental. Para quem não se considera religioso, o sacrifício é apenas a troca existente entre o corpo e o objetivo alcançado, ou também podemos classificá-los como sacrifícios ocasionais, quando se busca realizar o sacrifício em causas que não são constantes (MAUSS; HUBERT, 2013).

Para que o sacrifício aconteça, é necessária uma semelhança entre a divindade e o sacrificante. Na peregrinação à Santiago de Compostela, a divindade é representada pelo Apóstolo Tiago e o peregrino se torna o sacrificante, que disponibiliza através do corpo o sacrifício. Em termos mais aprofundados, “[...] não é apenas uma semelhança que existe entre os dois lados, mas de fato, o sacrificante tem de possuir uma centelha da divindade, por mínima que seja.” (BRITO, 2016, p.26).

O sacrifício físico e corpóreo foi descrito por Fernanda, que enquanto realizava a sua primeira peregrinação, passou por muitas dificuldades, como caminhar na neve, tomar banho frio, não saber falar espanhol e claro, problema com o joelho:

[...] eu segui de Léon para Molinaseca, pulei várias etapas, nem lembro quantas agora de cabeça, mas foram várias, porque eu machuquei muitos os pés, eu fiquei com muita bolha, aliás, eu estava com duas bolhas, mas duas bolhas bem feias e, eu machuquei muito o meu joelho numa descida no Cebreiro, eu fiquei muito machucada, tanto que quando eu voltei pra casa eu fui consultar um ortopedista especialista em esportes, aliás, especialista em joelho que trabalha com esportes e ai ele disse assim: tu nunca mais faz isso, caminhar tanto assim sem um reforço no joelho, sem um acompanhamento. (FERNANDA, 2019).

O sacrifício corpóreo, ganha um novo significado dando lugar à dor, e assim, o ser humano através do sofrimento consegue compreender a sua natureza. Muitas vezes, a dor está ligada ao tempo, ao imediato e ao imprevisto. A dor e o sofrimento físico ou psíquico são sempre um fenômeno de limite. Limites que temos que ultrapassar para conseguirmos seguir em frente.

Para a peregrina Jana, o seu maior sacrifício foi ter que se afastar de seus filhos por um tempo e, ir em busca de algo maior que pudesse ajudá-la nos seus passos futuros. Essa busca era inteiramente pessoal e interna. Para Jana, foi à troca entre ela e o Apóstolo, dando para ele o sacrifício de permanecer por um tempo longe de todos, e assim, ter de volta a sua força para seguir com a sua vida.

O interessante nas narrativas, é que devemos observar e compreender cada pessoa, com a sua singularidade, através das várias vivências que compõe os caminhos já realizados. Cada um possui seus conhecimentos, crenças, leis, costumes e outros hábitos adquiridos, e que são aplicados em relação à corporeidade na peregrinação.

Mas existem vários corpos. Cada um percebe a dor conforme seu grupo, que são recortados conforme o quadro de referência da sua sociedade. Cada sociedade tem “seu” corpo, assim como sua língua, sendo submetida a uma gestão social. Existem esquemas corporais - maneiras de se comportar, de caminhar, de residir, de saudar, de se expressar, etc. (DE CERTEAU *apud* D’ALESSIO, 1982) – que fazem parte de um sistema de convenções e que cada sociedade estabelece quais os limites para a dor.

Esses limites podem ser impostos por nós mesmos, sabendo até onde nosso corpo aguenta, até onde entendemos que podemos chegar. Enquanto temos pessoas que sofrem fisicamente e psicologicamente, existem outras que possuem um controle maior sobre seu eu. Existem pessoas que realizaram a peregrinação e tiveram um controle maior com as dores, por estarem focadas nos seus objetivos e também por levarem a caminhada como algo mais leve, sem cobranças.

Para alguns autores, como David Le Breton (2015), Bruno Latour (2012), Thomas Csordas (2008) e Tim Ingold (2015), tem defendido a inerência entre corpo e emoção, entre razão e emoção e até mesmo entre natureza e cultura.

Nos estudos de Marcel Mauss sobre o corpo em 1925, ele já levanta questões sobre as técnicas que são apreendidas através da educação. Também defende a ideia de *habitus*, que é muito trabalhada nas obras de Pierre Bourdieu (2000), como algo “adquirido” através das técnicas da razão coletiva e individual.

Então, o corpo é construído. O corpo é, antes de tudo, um constructo social. Le Breton (2009, p.165) afirma que:

Embora o corpo materialize a presença do sujeito no mundo, sua realidade é ambígua. O homem é o seu corpo, mas ele também possui um corpo. Suas manifestações específicas não estão todas sob o julgo da consciência, mas elas se inscrevem, apesar de tudo, no interior de modelos sociais. O corpo é um dado socializado e somatizado, ele não se insere no mundo como uma faculdade a priori de deciframento dos enigmas que o mesmo lhe propõe. As funções corporais ou afetivas que sustentam a existência social do indivíduo são adquiridas, não inatas. A dimensão cultural desenvolve, de acordo com as direções precisas, o imenso campo de possibilidades biológicas que o corpo encerra.

Analisando o que Le Breton (2015) descreve sobre o corpo, podemos pensar o corpo do peregrino e as suas emoções sentidas e demonstradas como momentos de liminaridade (TURNER, 1974) pelos quais passa em sua jornada em busca do sagrado. Nem sempre as emoções que se atribui ao sujeito são aquelas que o senso comum fala, mas são mais sutis e estão confinadas no interior da pessoa.

Os peregrinos experientes, que já tiveram a possibilidade de percorrer mais de uma vez os Caminhos de Santiago de Compostela relatam que não buscam o sofrimento corpóreo em sua caminhada. Janete já fez alguns caminhos (Francês, Português, Central e Variante espiritual), e disse que, a primeira vez que realizou a caminhada teve dores musculares, problemas com bolhas nos pés e dores nas costas por causa da mochila. Mas aprendeu que, para realizar uma longa caminhada precisa se preparar antes:

Caminhar, me preparar fisicamente, nadar, isso sempre fez parte da minha vida. Quando eu tenho a data marcada, eu treino três meses antes, reforçando os joelhos, tornozelo, as costas e as pernas. Nos primeiros dias a mochila sempre me causa dor por causa do peso, mas depois fica bem. Caminhar não é pra mim um desafio físico, eu me preparo antes. Me preparo para saber como meu corpo vai ficar, para ter segurança, prevenção. O que é importante pra mim, é não vivenciar os desafios através

de um corpo machucado, eu vou para fazer uma peregrinação. Emocional, espiritualmente estar disponível para o que eu vou viver, e não trazer para o físico, que não seja através de um joelho doendo ou pés cheios de bolhas. Não posso permitir que a dor interfira, eu abro mão de desafios físicos, pois não vou no caminho para fazer penitência. Eu sou contrária a qualquer forma de penitência, a dor física só serviria para me manter distraída ao que realmente importa. Seria um enorme desperdício de oportunidade, seria eu me manter ocupada com o corpo doendo, atrapalhando o meu interesse por outras coisas. (JANETE, 2018).

O interessante neste relato é a preocupação da peregrina em não sentir os desconfortos corpóreos na peregrinação. Para ela o mais importante é o espiritual, os momentos que ela se insere na natureza, e que entende a peregrinação como sendo um presente e não como uma penitência. Seria a busca pela sua dimensão espiritual e a busca do sagrado.

A peregrina Paola também buscou se livrar do sofrimento ao longo da sua peregrinação, contratando os serviços da agência de viagens para carregar a sua mochila. Ela comenta que se sentia melhor caminhando sem o peso, e que podia aproveitar mais os lugares por onde passava, pois quando estava com o peso, seu foco era na dor que sentia nos ombros e assim estava caminhando com raiva e não absorvia o melhor da caminhada.

Na minha próxima peregrinação, também irei contratar estes serviços, facilitam muito a nossa jornada, e mesmo assim não perco o sentido da peregrinação só porque não estou sofrendo. Na verdade, não gosto de sofrer (PAOLA, 2018).

Na peregrinação à Santiago de Compostela existem muitos tipos de peregrinos. Existem aqueles que não estão interessados em contratos com o superior, como uma troca (MAUSS; HUBERT, 2013), mas em busca de aventura, lazer e turismo. Outros são mais religiosos, buscam a conexão com algo superior através das energias e da fé. Nessa trajetória, o interesse de Marcelo foi o de conhecer novos lugares e apenas caminhar:

Eu busquei o caminho português porque precisava ocupar meu tempo livre, por se encaixar aos dias que tinha e assim já faria exercícios. Não me preocupei em acordar cedo, em sair correndo dos locais e passar pelas cidades sem observar tudo. Tirei muitas fotografias e adorei cada local, conheci lugares lindos. Não tive problemas com dores e nem com bolhas, porque fiz tudo tranquilamente. (MARCELO, 2019).

Para Marcelo, a peregrinação foi uma forma de passar alguns dias em caminhada, para melhorar seu físico e também como um momento de lazer, buscou na caminhada o prazer de se conectar com a natureza e com as pessoas que ao longo do percurso ia conhecendo. Não descreve a sua experiência como sendo um sacrifício. Para Le Breton (2015), em o *Elogio da Caminhada*, o autor comenta a respeito do triunfo dessa forma de deslocamento. Se a caminhada nas sociedades ocidentais não se encontra mais no coração dos modos de deslocamento, ele se torna um elemento fundamental de atividades de lazer, busca da tranquilidade, de silêncio, do contato com a natureza, se tornando caminhadas de explorações como as antigas rotas de peregrinação, sobretudo de Compostela (LE BRETON, 2015, p. 15).

Várias vezes eu pensei sobre a minha experiência ao sair em busca de uma jornada nada familiar. As pessoas me diziam que eu não teria condições de fazer a peregrinação, que eu estava ficando louca e que meu corpo não aguentaria. As pessoas mais próximas, realmente não compreendiam por que sair em peregrinação para depois escrever a tese. Questionavam-me se não teria outra forma de fazer isso, enfim, tive que resistir as indagações e prosseguir com o desejado.

Enquanto esperava para embarcar, pensei no que viria a seguir. Vários relatos de sofrimentos, desgastes, dores, bolhas, vieram como se fosse um *tsunami* de informações ao mesmo tempo na minha mente. E então, me perguntava: será que vou conseguir? Será que meu corpo aguenta? Será que estou levando remédios suficientes? Então eu pensava que já estava sofrendo por antecedência e sem motivos.

Tentei organizar as minhas ideias, e ficar o máximo possível concentrada no momento. Prestar atenção no que estava acontecendo a cada instante me ajudou a esquecer das muitas dúvidas e questões. Colocar tudo no papel também estava ajudando, já que escrever nos faz viajar. Pensei na necessidade de buscar novos desafios, de ter novas experiências e percebi que o homem sempre necessitou sair do cotidiano e buscar as novas oportunidades, e que tem levado muitas pessoas a encontrar “o sentido e o estilo de vida” (SIMMEL, 2005, p. 580), necessários para o enfrentamento da rotina. Muitas pessoas encontraram no caminhar uma nova perspectiva de um ser unitário, envolto pela natureza, tornando o mundo a sua volta repleto de valores existenciais e não apenas racionais.

Percebi que a essência do ser humano pode ser reelaborada, possibilitando a troca de experiências com o outro, unindo o corpo físico e o mental. Ao peregrinar, o corpo físico busca novas formas para sentir a vida, para observar os pequenos detalhes a sua volta, para escutar a natureza e para olhar para si. De acordo com o sociólogo Ervin Goffman (1971, p. 6), “o andar é como uma atividade quase que exclusivamente visual”, onde a pessoa guia seu corpo através dos olhos, permitindo assim que cada indivíduo perceba o que está à sua volta.

Ao longo dos quinze dias que realizei a peregrinação – outubro de 2019 – pude eu mesma, me deparar com meu próprio corpo, com meus limites físicos, dores musculares e um desconforto horrível no joelho esquerdo. Antes de sair em caminhada, estava em dúvida no que encontraria pela frente, e agora eu sei até onde posso ir e até onde meu corpo aguenta.

Permiti que meu corpo fosse inserido no contexto etnográfico, com o objetivo de refletir e adquirir minhas experiências. A exaustão física é posta em relevo, e essa valorização da dificuldade em percorrer longos quilômetros pelos mais diversos tipos de trajetos (subidas, descidas, pedras, avenidas, florestas) tornam a experiência real e autêntica. O corpo em esgotamento é narrado por todos que passam por estas experiências, mas que ao final do dia é somatizado como uma espécie de bem-estar. Foi somente assim que pude tomar o corpo como diretriz metodológica deste trabalho, concebendo-o “[...] não como um objeto que é bom para pensar, mas como um sujeito que é necessário para ser.” (CSORDAS, 2008, p. 367).

As crises existenciais, os problemas financeiros, os diversos problemas que aparecem ao longo de uma peregrinação fazem parte das várias experiências que cada pessoa tem ao percorrer o Caminho de Santiago. O percurso não é obrigatório, mas a busca individual de respostas, de encontrar o seu eu mais íntimo leva muitas pessoas a saírem em busca de algo além de suas possibilidades. A realização ao final de tudo é muito maior que qualquer outro sacrifício exigido ao longo do percurso.

O corpo humano tem a capacidade de materializar uma expressão simbólica particular de cada sociedade. Como afirma Mauss (1974), a técnica corporal, maneira pela qual os homens e as sociedades sabem servir-se de seus corpos, não difere do ato mágico, religioso ou simbólico.

Constatai que o sacrifício existe sim, mas ele pode ser amenizado pela forma que cada pessoa sente e se permite vivenciar o Caminho. Para as pessoas que não estão preparadas fisicamente, o sacrifício se apresenta na forma física das dores e torções, como no meu caso. Já para as pessoas que estão mais acostumadas e que compreendem que não é necessário ter dor, o sacrifício se apresenta de outra forma, como processos internos, questões mais profundas e até mesmo exigências sobre seu modo de ser.

Posso concluir que, após uma breve abordagem de alguns teóricos, que a antropologia do corpo e das emoções estabelece uma importante contribuição no campo da pesquisa da peregrinação. É importante termos uma reflexão e compreensão da liminaridade existente entre a vivência do peregrino e a sua jornada em busca do sagrado.

7.3 AS APRENDIZAGENS PÓS CAMINHO

O caminhar, a experiência e a transformação fazem parte da narrativa do pós-caminho de Santiago de Compostela. As histórias são contadas em primeira pessoa, e destaca a importância de se viver o próprio aprendizado.

Para que haja um equilíbrio entre a saúde mental e física, a pessoa precisa aceitar as novas mudanças e as novas experiências que a espiritualidade/religiosidade pode proporcionar. A busca pelo sentido da vida é descrita nas diversas entrevistas e relatos, sendo algumas de forma direta e em outras através de reflexões. O caminhar em Santiago de Compostela vai depender da importância que a pessoa vai dar para as suas questões. Existe uma inter-relação que provoca o sujeito a um constante movimento de busca, encontro e sentido.

Algumas pessoas descrevem o Caminho de Compostela como uma forma diferente de absorver e ver o mundo. Muitos peregrinos narram as mudanças e as aprendizagens após a realização do Caminho, como os sentimentos, as emoções e os novos valores que cada um traz para a nova vida e são relativizados durante a peregrinação. Do ponto de vista do peregrino, tudo possui um sentido e significado, que apresenta cores e nuances absolutamente particular e privado a cada um de nós.

Esses caminhantes descrevem aspectos como a ajuda, a amizade, a força, a confiança, a caridade e a paz entre outros como situações em que cada um entra

em contato com sua própria subjetividade. Como nos lembra Geertz (1983), as vidas, como as sociedades, contêm suas próprias interpretações. Para que possamos ter acesso às interpretações, temos que descobrir como, por isso, muitas pessoas buscam nesse movimento da existência, o caminhar, encontrar as definições dos múltiplos sentidos e significados.

Então, o peregrino teria o seu corpo e suas emoções transformadas após o momento *liminar* (TURNER, 1974) pelo qual passou?

O peregrino está em constante movimento e é visto pelo mundo como um viajante que progride ao longo do caminho. Seria um processo de auto renovação e crescimento que vai ao encontro de Turner (2005, 2008), que fala sobre os aspectos espaciais do ritual de peregrinação religiosa elaborado como um evento *liminar*. Segundo o autor, as peregrinações possuem elementos de obrigatoriedade, um dever, e voluntarismo, que engloba um voto de promessa.

Seria uma situação ambígua, que acontece pela consequência da *liminaridade* “[...] um intervalo entre dois períodos distintos de envolvimento intensivo na existência social estruturada, fora da qual uma pessoa escolhe cumprir seus deveres de peregrino.” (TURNER, 2008, p. 163).

Nas entrevistas que realizei, e nos dados coletados, todos os depoimentos falam da existência de uma aprendizagem que nos é mostrada após a experiência do peregrinar. A maior parte relata que ninguém fica imune, alguns conseguem compreender logo, outros, demoram um pouco mais para perceber as aprendizagens adquiridas após o Caminho.

Reavaliar a vida, os valores pessoais, o caminho que se deseja seguir, ou até mesmo decepção por não ter encontrado nada disso, são importantes para que possamos compreender os objetivos das viagens, seja por uma motivação religiosa ou não.

Nas palavras de alguns peregrinos conseguimos perceber essas mudanças:

A perspectiva da própria vida. Tomar consciência de que a velocidade de 04 km/h se vê tanta coisa, se vive tanto, com meia dúzia de coisas na mochila, altera a perspectiva da vida. Outra noção que aprendemos é a nossa relação com o espaço circundante, com o silêncio, a harmonia com os elementos. Deixamos de olhar para o chão, como fazemos na cidade e olhamos para cima. (RUI, 60 anos)

A peregrinação é uma grande metáfora sobre a vida. A gente aprende sobre respeitar nosso próprio ritmo. Aprende que o caminho é mais importante que a chegada. Aprende sobre o que é e o que não é essencial “carregar”

pela caminhada. Aprende sobre a diversidade do mundo. Sobre si e sobre o outro. Ou... não aprende nada, porque o caminho é pessoal e único para cada um. (ANDREA, 55 anos).

“Acho que o desapego.” (CRISTINA, 40 anos).

Lição do caminho: quando você está com uma bolha ou alguma dor e você aceita isso, então você se cura mais rápido e pode voltar a caminhar. Igual à vida! Quando você aceita o problema, as dificuldades, as soluções, se torna mais rápida. (MARI, 48 anos).

“Para mim, viver a humanidade do Caminho foi o ponto alto. Empatia, compaixão como nunca havia vivido”. (GUILHERME, 52 anos).

Não saberia resumir. Meu primeiro caminho foi em 1999! Desde então, sempre acabo voltando para aprender mais. Cada caminho foi bem diferente, mas uma coisa todos nós tivemos em comum: que simplificar a vida é libertador. (ROSA MARIA, 63 anos).

Do ponto de vista dos peregrinos, seria o caminho, um processo de mudanças que as marcará para o resto de suas vidas. Algumas pessoas acreditam que existe um processo de transformação entre o sagrado e o profano que estão andando juntos.

Seria a conexão com o universal, ter uma experiência com o divino, com a natureza. Ter a possibilidade de ter uma ruptura com tudo o que estava errado, dando lugar a novas formas de viver e sentir. A ideia que os peregrinos fazem sobre as explicações e das interpretações que acontecem ao longo do caminho podem ser descritas como eficácia simbólica muito utilizada por Lévi-Strauss (1970) e Mauss (1974).

Nos demais depoimentos geralmente são enfatizados o sofrimento físico como uma forma de transformação. Mesmo os caminhantes terem levado em suas bagagens remédios para aliviar as dores musculares, a dor é constante nos corpos de quem caminha.

Ao retornarem da sua jornada, ao retornarem às suas vidas diárias, muitas pessoas expressam o desejo de mudar, tomar decisões extremas, de serem menos materialistas, serem mais generosos e de buscarem a vida espiritual para a prática do dia-a-dia. As decisões mais radicais são muitas vezes em relação as separações, a deixar o emprego, mudar de profissão e muitas vezes de viver em um local mais afastado de tudo, mais na natureza.

A transformação para muitos é capaz de acionar valores e práticas centradas com o social. A noção do bem-estar é muito percebida após o seu retorno. A experiência é muito valorizada, que pode levar a um novo tipo de religiosidade, ou

uma nova consciência religiosa (CARNEIRO, 2003). O que importa mesmo são as vivências e práticas, as diversas emoções que a pessoa sente ao longo do Caminho, o autoconhecimento, repensar o coletivo e o individual, sagrado e profano como novas questões da vida social.

Maria Fernanda descreve o caminho como sendo um divisor de águas, onde o antes e o depois existem. Que teve que repensar sobre a sua vida, que as questões existenciais e religiosas pesaram muito para as suas novas escolhas e que buscou fazer uma boa reflexão de tudo. É um processo de busca constante da felicidade, da vida com sua família e aceitação do que o universo reserva para ela.

Patrícia e Janete já conhecem bem os caminhos, mas buscam anualmente a conexão com a natureza, com as suas fraquezas e seus limites físicos e psicológicos. O caminhar é ser capaz de viver no presente e aproveitar a vida e os pequenos momentos, não planejar muito o futuro, pois ele talvez possa não existir. Tudo é mudança, inclusive, nós mesmos.

Ana relatou que se sentiu decepcionada com o caminho, pois não viu nenhuma mudança, nada que pudesse realmente dizer que foi uma grande experiência:

[...] eu não sou religiosa, eu não estou indo por questões históricas. Eu fiquei um pouco decepcionada, eu fiz alguns exercícios durante a jornada, e um deles foi o da tolerância, porque eu não caminhei sozinha, fui com meu marido, então o que mais pratiquei foi à tolerância. Cada um tem seu ritmo, cada um tem os seus desejos, suas necessidades. Não pode realizar o caminho discutindo com quem está contigo, tem que ser algo com muita harmonia. Então isso sim eu pratiquei, mas não vejo como sendo uma grande mudança. (ANA, 2018).

Ana descreve que teve que fazer e praticar o exercício da tolerância com o seu marido, pois ele queria fazer coisas completamente diferentes das dela, e isso gerava conflitos. Ela destaca a harmonia e a tolerância como algumas das mudanças, mas não enxerga como significativas do caminho.

Beatriz me disse que algumas pessoas não percebem as mudanças logo que retornam da sua peregrinação, muitas levam meses para perceber que o que elas sentiram e experimentaram lá no caminho, hoje fazem sentido. Beatriz me contou que, em várias reuniões na Associação, pessoas chegam para ela descrevendo a sua experiência, mas que não sentiram nenhuma mudança, e pedem para ela respostas. Beatriz disse que as pessoas não se permitem observar e sentir o que o

caminho tem a dizer, não percebem que as respostas estão nos pequenos gestos e palavras, e dentro delas mesmas.

Para Marcelo, ele descreve como sendo uma experiência nova, com novos olhares. Ao sair em caminhada, estava com a ideia de fazer turismo e exercícios. Mas ao retornar para casa, percebeu que ganhou muito mais. Ganhou novos amigos, uma nova forma de perceber que a vida é muito mais simples e que o caminhar o levou a desmistificar a ideia de religião e sagrado.

Já para Fernanda, a sua peregrinação serviu para mostrar que somos fortes, que temos capacidades físicas e mentais de superar os grandes desafios. Os problemas que teve na sua primeira peregrinação a fizeram mais capaz:

[...] Imagina que vai chegar lá, que vai ser muito legal, mas, não é nem de perto o que tu sentes quando realmente chega lá, eu sou invencível, eu consegui superar tudo aquilo, sim eu era resistente apesar de não ter sentido isso todos os dias, eu fui resistente sim, porque eu segui eu continuei, eu tive toda esta força pra continuar [...] (FERNANDA, 2019).

Tudo o que acontece no caminho é o reflexo da nossa vida, das nossas escolhas. Para Sofia, após a peregrinação, ela disse que o que mudou foi pensar nas coisas mais simples é o que mais importa. Que o caminho mudou a sua percepção de mundo. Que não teria como passar em branco.

Percebi que devemos gastar ou doar nosso tempo para coisas que realmente interessa. Volta pensando nisso, que pode tudo, confiar e seguir em frente. Eu era uma pessoa muito ansiosa, queria tudo do meu jeito, ter tudo planejado. Mas percebi que isso não existe. Tive muitas dores nas pernas, tive que deixar acontecer. Assim, percebi que a ansiedade foi diminuindo. A gente pensa que pode tudo, realmente pode, mas que às vezes Deus vem e muda tudo. (SOFIA, 2019).

Analisando as aprendizagens pós-caminho, percebi que as pessoas que se permitem viver o momento e ter a conexão com a natureza, são as que notam a mudança por mais simples que seja. O verdadeiro caminho está na volta, em como vamos percorrer a vida com novas percepções, com novas alegrias e harmonia.

Ao retornar da minha caminhada, da minha experiência de peregrinar em terras tão distantes, no primeiro momento não identifiquei nenhuma mudança pessoal. Estava ao mesmo tempo exausta fisicamente e alegre mentalmente. A minha vontade era de contar para todo mundo o que eu tinha feito, dos lugares que

conheci, das amizades que fiz e do quão leve uma pessoa se sente após fazer a caminhada.

Na minha percepção de mudança pós-caminho, vejo as coisas de vários ângulos, que possam me ajudar a compreender e a refletir mais sobre a vida, dos desafios que nos são dados e das forças que temos. Os sentimentos e desejos que vão surgindo ao longo da caminhada estão constantemente em mim. Há uma infinidade de motivações que vão além do que se fala no senso comum das caminhadas.

Estas diferentes perspectivas nos mostram ou evidenciam que o caminho de Santiago é uma jornada individual, pessoal, com objetivos específicos de cada um, num *continuum* de possibilidades, que perpassam pelo sagrado e profano, pelo religioso e pelo turismo levando as mais diversas formas de peregrinar. Nos estudos de Turner (1974) sobre os peregrinos, ao deixarem suas casas e comunidades, entrem num estado de *liminaridade*²¹ quando viajam para um local sagrado, de onde muitas vezes retornam transformados, e assim, são reintegrados em suas comunidades.

No quadro abaixo, faço uma relação das principais aprendizagens descritas nas entrevistas que realizei.

Quadro 04 - As aprendizagens do Caminho

Superação física e psicológica;
Necessidade de aprender outra língua;
Busca por sentidos na vida;
Aproveitar mais os pequenos momentos e a natureza;
Ter mais curiosidade na vida;
Aprender ter mais paciência consigo e com o próximo;
Ter mais tempo pra si;
Cuidar mais do corpo físico, realizar mais caminhadas;
Aproveitar os momentos para descobrir novos lugares (turismo);
A gostar mais de si mesmo;
Aceitar novas religiões, ou maneiras de ver o mundo;

Fonte: a autora (2021).

²¹ Estado de liminaridade: é um estado subjetivo, de ordem psicológica, neurológica ou metafísica, consciente ou inconsciente, de estar no limite ou entre dois estados diferentes de existência. Assim é definido na Neurologia e nas teorias antropológicas sobre os rituais, como o definem autores como Arnold Van Gennep ("Ritos de Passagem") e Victor Turner ("Liminaridade e Communitas", em "O Processo Ritual Estrutura e Anti Estrutura").

No geral, as respostas são parecidas com outros estudos (CARNEIRO, 2003), e demonstram que os novos peregrinos buscam por novas experiências e, permitam obter o bem espiritual.

As conversas que tive durante o caminho e as entrevistas que realizei, conduzem para uma busca da espiritualidade, a busca de um Deus internamente, mudando assim o conceito de sagrado, que deixa de estar num templo e passa a fazer parte do nosso cotidiano. Podemos dizer que estas mudanças são o processo da secularização, que diminui a influência das religiões na vida das pessoas e na esfera pública (CAMPBELL, 2007; HEELAS, 2005).

Quanto mais se aproxima a data de retorno para casa, mais as emoções afloram, desde a euforia até a tristeza. É uma jornada com muitos altos e baixos em que o peregrino descobre suas limitações e suas virtudes. O voltar para casa é com certeza a continuação dessas buscas, a superação e o desafio de conviver com as novas emoções.

O que ficou evidenciado nas falas dos entrevistados, é que, independentemente do motivo da peregrinação, o importante é aproveitar cada momento com as pessoas que estão contigo. Não possuem um sentido religioso forte, buscam praticar através da caminhada uma atividade física e possuem um discurso de autoconfiança como se o caminhar os possibilitasse ir além dos domínios corporais.

De todas as pessoas entrevistadas, poucos são os que se preocupam em fazer exercícios físicos diários. Para Ana, Maria Fernanda, Jose Francisco, Marcelo, Fernanda e Diana, confessaram que não praticam exercícios físicos e, acreditam que não houve mudança significativa pós peregrinação.

Em relação as emoções, todos trazem algum tipo de relato relacionado à fé, a intenção de mudança, mais esperança, mais confiança e a transformação do seu eu e do seu espírito. Essas emoções parecem ser a verdadeira transformação do peregrino.

7.4 QUAL FOI O MEU LUGAR NO CAMPO?

No momento da minha trajetória acadêmica, estava interessada em questões sobre rituais, sacrifícios e o sagrado, por isso voltei meu interesse nas peregrinações, mais especificamente, na peregrinação à Santiago de Compostela.

Tentava compreender os passos de Clifford Geertz (1989) nas formas simbólicas (comportamentos, palavras, imagens) e encontrar o que significava esses termos e o que representavam para essas pessoas.

Um dos entendimentos que me guiaram durante a pesquisa de campo era de que, através de suas ações, os peregrinos, os viajantes estariam definindo para si e para os outros significados, crenças, motivações, questões, que compartilhadas fazem com que o homem seja “[...] um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu.” (GEERTZ, 1989, p.4). Enquanto caminhávamos, me indagava sobre o ritual da pedra, pilhas de pedras que eram construídas ao longo do Caminho. Desejava compreender através de uma simples pilha de pedras, interpretar a fé e a devoção desses caminhantes, queria saber por que uma pedra era convertida em algo sagrado, fazendo parte de um ritual do peregrino. Ao escolherem as suas pedras e deixá-las no caminho através de um ritual, eles estavam incorporando um sistema cultural religioso, com significados, onde os objetos são símbolos que “armazenam significados” (GEERTZ, 1989, p.93).

Para alguns caminhantes, levar a pedra de casa até um dos locais no Caminho, seria uma forma de libertar os problemas existentes, e deixá-los livre, para o universo. Mas, e as pessoas que simplesmente pegavam pedras ao longo do trajeto e construíam pilhas, ou simplesmente as deixavam ali? Qual o significado? O fato é que ao perceber isso, fui tomada pelo sentimento de que os textos que o ritual das pedras poderia revelar algo que simplesmente não pareciam fazer sentido. Essa observação embaralhou minhas possibilidades e interpretações sobre esse fato, as pedras.

Tentando olhar o fato com uma distância necessária, percebi que o pesquisador precisa compreender que o nativo ou o peregrino muitas vezes segue uma interpretação, operando seus próprios atos e direções. Como observadora, tenho que me manter neutra, tendo que me colocar à mercê dos movimentos e das ações dos peregrinos. O peregrino em situação religiosa, ou apenas pelo impulso, tem a autoridade em orientar as suas ações e significados.

Figura 18 - Caminho Português, pedras espalhadas no muro



Fonte: Acervo pesquisadora (2019).

Muitas vezes, o simples ato de depositar uma pedra faz sentido para quem o fez. O sagrado e o profano, os rituais, a devoção, os sacrifícios fazem parte da realidade que estão lá no Caminho, e que nos possibilita operá-las como objetos de análise e reflexão. O importante é perceber também o meu lugar do afeto no trabalho de campo. A antropóloga Jeanne Favret-Saada (2005), em seu artigo *Ser Afetado*, propõe uma análise sobre o lugar do afeto no trabalho de campo. Em geral, os antropólogos negam a sua experiência, e também negam que foram afetados.

O ser afetado ocupa um lugar onde as experiências são próprias. Como expõe Marcio Goldman (2008, p.458), “não significa “virar nativo”, e sim, experimentar algo em alguma medida semelhante ao que o nativo experimenta”.

Para Jeanne Favret-Saada, o ser afetado é:

Quando um etnógrafo aceita ser afetado, isso não implica identifica-se com o ponto de vista nativo, nem se aproveitar da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. Mas se acontece alguma coisa e se o projeto de conhecimento não se perde em meio a uma aventura, então uma etnografia é possível. (FAVRET-SAADA, 2005, 160).

Essas palavras fazem sentido quando penso no momento das pedras. Ao longo do percurso, quando me deparava com as pedras, pensei por alguns minutos no risco de ser afetada e fiquei insegura sobre qual era o meu lugar e se não teria desviado do meu caminho em algum momento. Mesmo em alguns momentos, estando envolvida com as peregrinas e de ter desenvolvido uma relação mais próxima e de amizade, me preocupava com o meu lugar de etnógrafa. Em certo ponto, elas já não eram mais as peregrinas, mas Janete, Patrícia, Maria Fernanda e Jana. Logo, eu já não me encontrava em um lugar confortável. Para Favret-Saada (2005), ser afetado é assumir riscos em nossas pesquisas. Na minha situação, deveria ser afetada por ser peregrina. Nesse caso, é aceitar estar aberta e maleável aos momentos do campo, e pensar na análise depois, pois enquanto estamos no momento, não podemos descrever e nem narrar a experiência, e se a narramos, não compreendemos.

Pensando assim, acredito que tentei ao máximo não ser afetada, pois tinha alguns obstáculos na minha condição de observadora. Como estava indo a campo e estava levando comigo as questões do sagrado e dos rituais, voltei a minha atenção de observadora para essas questões, que aos poucos me fizeram questionar o quanto eu estava pronta para a pesquisa de campo, e o quanto a bibliografia havia sido o suficiente. Preocupei-me na observação e, me coloquei na posição de pesquisadora, e assim, não perder o foco. Ao longo do Caminho fui invadida por muitas informações, que aos poucos fui interpretando e decifrando cada um.

Tudo foi tão intenso que, como etnógrafa, eu estava preocupada em dar conta de registrar tudo nos mínimos detalhes, e com o máximo de informações possíveis. Acredito que não fui afetada, apenas fui tocada pelo Caminho de Santiago de Compostela.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática central da tese trata das peregrinações ao Caminho de Santiago de Compostela. Os resultados foram obtidos com base na observação participante, através das trajetórias e das entrevistas realizadas com os peregrinos que mostraram diferentes formas de interpretar as suas experiências através das categorias estabelecidas como motivações, sacrifícios e as aprendizagens pós caminho.

A primeira entrevista foi realizada com Beatriz no ano de 2018. Busquei através de um roteiro simples de perguntas obter uma narrativa rica em detalhes, mas isso não foi possível, pois Beatriz ficou muito presa as perguntas. Para que isso não ocorresse com as demais entrevistas, busquei deixar os entrevistados livres em suas narrativas.

Para as demais vinte e cinco entrevistas (LAKATOS; MARCONI,2010), realizadas com pessoas que frequentavam a Associação dos peregrinos em Porto Alegre e nas redes sociais – *Facebook*, as perguntas foram abertas, deixando que a narrativa seguisse o seu caminho. Nessa situação, as trajetórias foram mais ricas em detalhes e informações.

Durante a peregrinação no Caminho Português, no ano de 2019, através da observação participante pude acompanhar e participar do dia a dia de três brasileiras e uma alemã. O trabalho de campo mostrou que a pesquisa não ocorreu sem interferências, as quais não podem ser controladas. As peregrinas não tinham interesse, no primeiro momento, de falarem de suas motivações e suas vidas. Com o passar do tempo e do convívio diário, aos poucos, as trajetórias foram tomando forma e todas elas contaram um pouco mais sobre si mesmas, deixando transparecer o que realmente importava para elas.

Houve vários momentos emotivos, intensos e elucidativos sobre a realidade de cada uma. As trajetórias possibilitaram a compreensão das estratégias usadas para lidar com as dores corporais, com os sacrifícios, a relação intensa entre elas e o que desejavam obter com essa experiência.

Na história de todos os entrevistados, a peregrinação à Santiago de Compostela demonstrou ser um *turning point* no curso de suas vidas. A partir da

vivência dessa nova experiência, da exaustão corpórea e do isolamento pessoal, os peregrinos se readaptaram à realidade em que estavam inseridos.

As quatro peregrinas que estavam percorrendo comigo o Caminho de Santiago de Compostela Português, tiveram que superar seus desafios através do sofrimento diário. Quando a pessoa não consegue mudar a realidade exterior, pode mudar a si mesmo pela forma como encara os desafios e determinadas situações.

João Paulo II aborda essa situação quando fala:

No fundo de cada sofrimento experimentado pelo homem, como também na base de todo o mundo dos sofrimentos, aparece inevitavelmente a pergunta: “por quê?” É uma pergunta acerca da causa, da razão, e também acerca da finalidade (para quê?); trata-se sempre, afinal, de uma pergunta acerca do sentido. (JOÃO PAULO II, 2015, p. 16).

Para Maria Fernanda, o sofrimento de perder o celular no meio da sua caminhada, possibilitou que ela compreendesse melhor seus motivos e suas escolhas. Segundo ela, sua verdadeira razão de estar no Caminho veio à tona quando os seus sentimentos de raiva e perda foram expostos. Maria Fernanda percebeu que existem coisas mais importantes na sua vida, e que a superação desses desafios seria uma forma de crescimento pessoal.

A experiência da peregrinação permitiu acompanhar as peregrinas em sua jornada de ressignificação de seus valores. Através das dificuldades da peregrina Maria Fernanda, por exemplo, observei a mão estendida de Janete, Patrícia e Jana, em um momento de solidariedade face ao problema exposto.

As outras quatro peregrinas não tinham claras as questões que a levaram a realizar a peregrinação, mas, aos poucos elas foram percebendo quais eram elas. Para Janete, busca de entendimento e compreensão em relação a sua mãe, a fez percorrer longos caminhos em busca de entendimento. Ela sempre esteve tentando compreender o que iria descobrir sobre si, seus sentimentos mais íntimos e seus medos.

Para Patrícia, suas questões de ordem emocional relacionadas a uma separação recente, e também a nova vida em Portugal, a levaram a uma busca interior profunda. Durante o percurso, ela quase não falava com as suas colegas, somente o essencial, talvez por ter medo de expor seus problemas, ou apenas por não saber qual seria a sua reação diante deles expostos.

E a peregrina alemã Jana, que, ao ver Maria Fernanda expondo seus mais íntimos problemas, decidiu contar um pouco da sua angústia em deixar dois filhos

em casa aos cuidados de seu futuro marido. Para ela, esse afastamento era necessário para colocar sua cabeça em ordem e ter um pouco de paz. A necessidade de ficar sozinha também foi demonstrada quando decidiu caminhar só, para pensar e apreciar seus momentos. Para Jana, a separação é dolorida, mas era necessário para compreender o seu interior.

Ao analisar as trajetórias dessas mulheres, percebi que suas questões não eram de ordem religiosa, e sim, de ordem psicológica, o que as levava em busca de novos valores, experiências e paz interior.

Dessa forma, a compreensão sobre as maneiras de vivenciar a peregrinação, leva a questão sobre as evoluções espirituais. Esses peregrinos descreveram que seus sofrimentos corpóreos são importantes para dar o valor necessário à caminhada. Que as dores musculares e as bolhas fazem parte da experiência. Para alguns, esses sofrimentos são uma forma de evolução espiritual. Mas, para as quatro peregrinas, as evoluções espirituais estão ligadas aos pensamentos internos, aos questionamentos que temos e as formas de respondê-las.

Sendo assim, a busca de respostas individuais acabou se desdobrando em um projeto comum, de autoconhecimento que está ligado à dimensão psicológica, mas que, num primeiro momento, se direcionou aos sofrimentos do corpo, como respostas imediatas aos problemas. Ao longo da caminhada, cada pessoa buscava administrar suas dores físicas, seus pensamentos e sentimentos. Muitos encontraram mais dúvidas do que respostas. Outros, conseguiram perceber nos pequenos detalhes novos sentidos para continuarem vivendo.

Em vários momentos da minha caminhada, eu me perguntava: o que eu estava fazendo ali? Mesmo sabendo que estava fazendo uma observação participante com um grupo de quatro peregrinas, queria entender o sentido de tudo isso. Entender por que muitos tomam a decisão de sair de sua rotina, de seu conforto diário para dedicar seus dias em uma longa caminhada: para quê? Será que a vida vai mudar? Precisaria mudar? Seria possível mudar?

O Caminho de Santiago é uma jornada de autoconhecimento. Uma jornada através da qual podemos refletir sobre nós, sobre o verdadeiro sentido que damos a nossa vida. Assim, encontrei pessoas decididas a responder as suas perguntas mais íntimas, mas também pessoas que buscavam apenas momentos de lazer, de paz interior, de fé e de devoção. Também encontrei pessoas que estavam ali apenas para conhecer novas pessoas, trocar ideias e viver o momento. Percebi que a

peregrinação é um fenômeno social, religioso, de aventura e também midiático. Qualquer pessoa pode sair pelo caminho de Compostela e se tornar parte de um grupo restrito e seletivo que realizam o percurso.

Levando-se em conta o que foi observado, percebi que o fenômeno das peregrinações nas sociedades modernas tem possibilitado um novo modo de vivenciar o sagrado, trazendo elementos seculares que inspiram as novas experiências religiosas. A experiência do caminhar pelas diversas rotas de Santiago de Compostela, hoje em dia, é uma forma de praticar o ecumenismo espiritual e o desapego.

O Caminho de Santiago de Compostela, como um circuito de peregrinação e sentido, pode ser experimentado como um trajeto de lazer e um destino turístico. Santiago de Compostela não é apenas um lugar de espiritualidade, mas também é considerado um lugar de sentido, que propicia aos seus visitantes oportunidades de curar inquietações, encontrar sentidos para a sua existência. Acredita-se que nem todos os peregrinos, turistas e viajantes possam estar em um momento de incerteza, mas, o Caminho possibilita novos olhares e sentidos.

Embora, tenham justificado a realização da peregrinação por múltiplos motivos, ou tenham declarado não saber qual o real motivo para fazê-lo, nota-se que os peregrinos experimentam alguma forma de mudança interior ao experimentar os desafios do corpo (CSORDAS, 2008). Assim, parece que um dos principais objetivos da peregrinação é fazer com que as pessoas passem por situações de limite, que exigem que elas trabalhem as suas situações internas.

Carneiro (2003, p. 191) diz que, do ponto de vista dos peregrinos a Santiago de Compostela, a transformação fundamental por que passam se processa no modo como eles “veem a si mesmo”. A autora indica que “[...] através do ritual poderá ser operado uma ressignificação de suas próprias existências [...]”, e que o caminho pode ser percebido “[...] como uma experiência através da qual é desencadeado um processo de reflexão que pode levar a profundas modificações no modo do indivíduo ‘encarar a sua vida.’” (CARNEIRO, 2003, p. 191).

Assim, ao realizar a peregrinação, percebi a necessidade dos serviços oferecidos pelas agências de viagens e operadoras. Os serviços foram crescendo ao longo dos últimos quarenta anos, e estão disponíveis tanto para os peregrinos como para os demais turistas. Ao longo da trajetória há uma grande oferta de produtos, para os mais diversos tipos de pessoas. Existe a facilidade de se percorrer os

caminhos, pois existem muitas opções de pacotes e serviços disponíveis. Estes serviços moldaram e ainda moldam as formas como os nativos e os peregrinos se relacionam, como também favorecem o aumento da economia local.

A vivência dos valores religiosos e espirituais possibilitaram a manutenção e o desenvolvimento de pequenas localidades ao longo do percurso em razão delas oferecerem diversos serviços que conforma circuitos como os definem Zelizer (2011) na medida em que articulam mercados, significações e valores formulados e vivenciados por diversos atores sociais (prefeituras, Igrejas Católicas, agências de turismo, as associações dos peregrinos, os demais serviços e a população) que estão envolvidos com a peregrinação em suas regiões.

Pude observar que as localidades que existem ao longo do Caminho de Santiago de Compostela sofreram diversas transformações. A mudança fundamental está no fato dos moradores locais terem optado por oferecer seus serviços aos peregrinos e turistas. Eles abriram suas pequenas casas e as transformaram em *hostels*, ou mantiveram os negócios familiares locais, como pequenos bares e restaurantes. A economia local como os pequenos albergues e hospedarias, não ganham muito com isso, pois o valor que cobram são irrisórios. Quem realmente se beneficia são as grandes operadoras, agências de viagens e as Igrejas, que além de movimentar um número grande de pessoas, cobram um valor pelos serviços prestados.

Através da observação participante, percebi que, o turismo de peregrinação continua sendo uma experiência religiosa, mas também se transformou em uma mercadoria pós-moderna. Para Steil (2008) e Carneiro (2007), no mundo pós-moderno ou contemporâneo existem diferenças entre os tipos sociais desses deslocamentos espaciais (turista, peregrino, viajante), considerando como diferentes modalidades de vivenciar as experiências. Existe a experiência incorporada nos elementos de uma espiritualidade e existe a experiência do catolicismo, criando assim fronteiras entre o peregrino e o turista através de suas próprias significações.

A minha experiência no Caminho de Santiago me possibilitou vivenciar entusiasmos, desassossegos e diversos sentimentos que foram surgindo dia após dia. O meu olhar distanciado, às vezes, me permitiu não ser afetada (FAVRETTA, 2005) por palavras, comidas, eventos e demais pessoas que estavam comigo.

O Calor, o frio, o cansaço, as dores musculares e as bolhas, foram algumas das dificuldades encontradas. Mesmo assim, muitas são as pessoas que saem em aventura por novos desafios, não encontrando apenas dificuldades, mas tendo a possibilidade de conhecer um novo ambiente, observar melhor a natureza e, com certeza, explorar mais a espiritualidade. A vivência adquirida me fez perceber a potencialidade do estranhamento e também meus limites físicos e emocionais.

O Caminho é um divisor de águas que possibilita ter um antes e um depois. Um local de conexão com a natureza, com suas pequenas belezas e com seus diversos sons. A compreensão e a capacidade de refletir mais sobre as diversas possibilidades que a vida nos oferece, sem julgamentos, apenas sentir e viver.

Uma das principais conclusões foi a de perceber que o Caminho de Santiago de Compostela é um circuito em que se encontram muitas culturas, muitas religiões, formas de pensar e, permite a convivência de todos eles. Um circuito em que as tradições passam por um processo de recriação, e novas tradições são criadas. O Caminho permite uma mistura de passado e presente, sendo capaz de inspirar novas ideias e concepções. É uma experiência contracultural para alguns, uma etapa no percurso turístico das férias, para outros, e neste sentido, pode ser identificado como um fenômeno social (HERVIEU-LÉGER, 2008).

Tendo em vista os aspectos apresentados, um dos resultados encontrados foi a percepção de que as peregrinações, em suas novas versões, estão se direcionando para um novo modelo, em que a longa caminhada, que exige determinação, persistência, humildade, é vivida mais como um processo de evolução pessoal, de descoberta de si, uma experiência individual, e menos como um sacrifício físico que envolve dores e bolhas nos pés.

Peregrinar com os olhos no presente me levou a observar novas formas de se percorrer esse trajeto, contando com as mais diversas tecnologias e facilidades que aliviam os desafios físicos. O lado econômico é importante, mas foram poucas as pessoas que destacaram suas dificuldades nesse ponto. Foram mais enfáticas em valorizar as demais questões, como as superações, as motivações e as mudanças interiores. Então, o Caminho de Santiago de Compostela seria ainda um caminho de peregrinação, mas também um percurso esportivo, um circuito cultural, uma nova rota do mercado de turismo?

Face a todas essas possibilidades, algumas reflexões podem ser exploradas em trabalhos futuros.

O Caminho, que pertencia há tantas pessoas, agora também me pertence. E o motivo para isso não tem a ver com a minha fé ou crença no poder dos supostos restos mortais do apóstolo Tiago. Ele deriva dos passos dados ao longo do percurso, dos aprendizados e da experiência vivida.

É difícil se acostumar com a condição de peregrina, de estar a cada dia em um lugar novo, onde a paisagem se transforma a cada momento, com a experiência de caminhar vinte ou vinte e cinco quilômetros por dia, de dormir longe de casa em uma cama diferente a cada noite, repartir a comida, interagir e deixar afetar-se pelas diversas pessoas que encontramos. Em que outro momento da vida passamos horas seguidas desfrutando da natureza, do sol, do vento, da chuva e do frio? Quando encontrarmos pessoas de todos os lugares do mundo e conviver com culturas tão diferentes?

Desapegar é uma das lições do caminho. Viver com o suficiente, pois precisamos apenas do essencial. No Caminho, aprendemos a nos desfazer das coisas que pesam. Cada pessoa possui seu motivo, mas muitos se assemelham: perda de um amor, de um emprego, a busca de sentido, de encontro com nós mesmos, entre muitos outros. São essas as questões que despertam a necessidade de se sair em caminhada. Mas, com certeza, em vez de respostas, a pessoa volta para casa com mais perguntas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Carlos (coord.). **Ponte de Lima uma vila histórica do Minho**. Ponte de Lima: Município de Ponte de Lima, 2007.
- AMARAL, Leila. **Carnaval da alma**: comunidade, essência e sincretismo novos era. Petrópolis, Vozes, 2000.
- APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.
- ASHERI, Michael. **Judaísmo vivo**: as tradições e as leis dos judeus praticantes. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1995.
- AUGÉ, Marc. **Não-Lugares**: introdução a uma antropologia da sobre modernidade. Lisboa: Bertrand, 1994.
- BARRETO, Margarita. **Turismo e Antropologia**. São Paulo: Editora Papyrus, 2009.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. São Paulo: Edições 70, 1981.
- BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BOURDIEU, Pierre. **La distinción**: critério y bases sociales del gusto. 2. ed. Buenos Aires: Tauros, 2000.
- BOYER, Marc. **História do turismo de massa**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- BLOM, Thomas; MATS, Nilsson; SOLLA, Xosé Santos. **Pilgrimage or sacred tourism?** A modern phenomenon with historical roots, with examples from Fatima and Santiago de Compostela. Revista Turismo & Desenvolvimento. Portugal, 2008.
- BRENT RITCHIE, J.R. Tourism, competitiveness and societal prosperity. **Journal of Business Research**, [s. l.], n. 44, p.137-152, 1987.
- BRITO, Lucas Alves de. **A religião e o Discurso**: pensando o sacrifício em uma igreja Neopentecostal em Campos dos Goytacazes. 2016. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2016.
- BURNS, Peter M. **Turismo e Antropologia uma introdução**. São Paulo: Chronos, Coleção Tours, 2002.
- BURNS, Peter M.; HOLDEN, Andrew. **Tourism: A new perspective**. London; New York: Prentice Hall, 1st edition, 1995.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.
- CAMARGO, Luiz Otávio de Lima. **A pesquisa em hospitalidade**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 31, 2008, Natal. Anais. Natal: s. ed.,2007.

CARDITA, Ângelo. Peregrinação: possibilidades de compreensão crítica de uma experiência. **Sociologia - Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 24, p.195-213, 2012.

CARNEIRO, Sandra de Sá. **A pé e com fé: brasileiros no Caminho de Santiago**. São Paulo: Attar, 2007.

CARNEIRO, Sandra de Sá. Caminho de Santiago de Compostela: percurso, identidade e passagens. *In*: BIRMAN, Patrícia. **Religião e espaço público**. São Paulo: CNPq/ PRONEX - Attar editorial, 2003.

CARUNCHIO, Beatriz Ferrara. **Busca de sentido para a experiência em peregrinos a Santiago de Compostela**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura; STEIL, Carlos Alberto. A sacralização da natureza e a 'naturalização' do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. **Ambiente & Sociedade**, [s. l.], v. 11, n. 2, 2008.

CELERI, Marcio José; CARMO, Judite Azevedo do; SILVA, Rodolfo Dias da. Envelhecimento populacional na Galícia: o caso do Município de Lugo na Espanha. **Caminhos de Geografia**, [s. l.], v. 18 n. 62, jun. 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/>. Acesso em: 05 ago. 2021.

COELHO, Paulo. **O diário de um Mago**. Editora Paralela, grupo Companhia das Letras, Rio de Janeiro, 1987.

COELHO, Carla Naoum. **Não-Lugares** – uma leitura crítica sob a ótica do turismo. Construções Teóricas no Campo do Turismo. Anais do II seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. UCS. 2004.

COLEMAN, Simon; ELSNER, John. **Pilgrimage: past and presente in the World religions**. Cambridge: Havard University Press, 1995.

CORREIA, Djalma de Souza. Alimentação do peregrino na Idade Média. **Linkedin**, [s. l.], 2016. Disponível em: <https://pt.linkedin.com/pulse/alimenta%C3%A7%C3%A3o-do-peregrino-na-idade-media-djalma-de-souza-correia>. Acesso em: 2021.

CORBI, Mariano. **Religión sin religión**. PPC, Madrid, 1996.

COUSINEAU, Phil. **A arte da peregrinação: para o viajante em busca do que lhe é sagrado**. São Paulo: Ágora, 1999.

CSORDAS, Thomas. J. **Corpo/Significado/Cura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

D'ALESSIO, Márcia Mansor. Histórias de Corpos, de Michel de Certeau. **Revista Espirit**, Paris, n. 62, 1982.

DAMATTA, Roberto. **O ofício do etnólogo, ou como ter "anthropological blues"**. In: DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis: Vozes, 1974. p. 150-173.

DUNN, Maryjane. Historical and Modern Signs of "Real" Pilgrims on the Road to Santiago de Compostela. In: SÁNCHEZ, S.; HESP, A. (ed.). **The Camino de Santiago in the 21st Century: Interdisciplinary Perspectives and Global Views** New York: Routledge, 2015. v. 5.

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. A Cidade: sede de sentidos. **Iluminuras**, [s. l.], v. 9, n. 20, 2008.

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **A Cidade: sede de sentidos**. In: Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos. Blumenau: Nova Letra, 2007, p. 343-361.

ECKERT, Cornélia. **O antropólogo na figura do narrador**. In: Habitus, Revista do Instituto de Pré-História e Antropologia. Universidade Católica de Goiânia. Goiânia, GO: Editora da UCG, v.1, n.2, p.395-420, jul./dez. 2005.

ELIADE, Mircea. **Initiation, rites, sociétés secretes**. Paris: Gallimard, 2001.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Être Affecté. **Gradhiva: Revue d'Histoire et d'Archives de l'Anthropologie**, [s. l.], n. 8, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FORTUNA, Carlos; FERREIRA, Claudino. Estradas e Santuários: percurso sócio-religioso e motivações dos peregrinos-caminhantes a Fátima. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 36, 1993.

FREY, Nancy. **Pilgrim Stories: On and Off the Road to Santiago**. [S. l.]: University of California, 1998.

GASTAL, Suzana; CISNE, Rebecca. **A Produção Acadêmica sobre Roteiro Turístico: Um Debate pela Superação**. In: VI Seminário ANPTUR - Associação Nacional de Pesquisadores em Turismo, 2009, São Paulo. Anais do VI Seminário Anptur - Associação Nacional de Pesquisadores em Turismo. São Paulo: Aleph, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC Livros técnicos e científicos, 1989.

GEERTZ, Clifford. **Local Knowledge**: further essay in interpretative anthropology. New York: Basics Books, 1983.

GIRA, Dennis. **Budismo**: história e doutrina. Petrópolis: Vozes, 1992.

GOFFMAN, Ervin. **Relations in public**: microstudies of the public order. Londres: Allen Lane, 1971.

GOLDMAN, Márcio. Os tambores do antropólogo: antropologia pós-social e etnografia. **PontoUrbe**, ano 2, v. 3, p. 1-11, jul. 2008.

GOY DIZ, Ana E. Do Real Hospital de Santiago ao Parador de los Reyes Católicos: um edifício emblemático da arte galega. **Tourist Studies**, Santiago de Compostela, n. 217-218, 2019.

GRABURN, Nelson. Antropologia ou antropologias do turismo? *In*: GRABURN, N. *et al.* **Turismo e antropologia**: novas abordagens. São Paulo: Papirus, 2009.

GRABURN, Nelson. **International Tourism reconsidered the principle of the alternative**. [S. l.]: University of Pennsylvania Press, 1992.

GUIMARÃES, Waldinei Comercio de Souza. **O Crepúsculo em Santiago**: a jornada do peregrino rumo à religiosidade e a descoberta analítica. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

HEELAS, Paul; WOODHEAD, Linda. **The spiritual Revolution**: why religion is giving way to spirituality. Blackwell: Oxford, 2005.

HERVIEU-LÈGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis, Vozes, 2008.

IANNI, Octavio. **A metáfora da viagem**. Caxambu: Editora Anpocs, 1995.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

JOÃO PAULO II. **O Sentido Cristão do Sofrimento Humano**: carta apostólica Salvifici Doloris. 1998. 2009. 11. ed. São Paulo: Paulinas. 4. reimpr. 2015.

KIM, Dae-Young; LEHTO, Xinran; MORRISON, Alastair. Gender differences in online travel information search: Implications for marketing communications on the internet. **Tourism Management**, [s. l.], v. 28, n. 2, p. 423-433, 2007.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**: para uma compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

LANGNESS, Lewis. **A História de vida na Ciência Antropológica**. São Paulo: E.P.U, 1973.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator rede. Salvador: Edudba, 2012.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias**: antropologia das emoções. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

LE BRETON, David. **Elogio del caminhar**: la biblioteca azul. [S. l.]: Ediciones Siruela, 2015.

LESSA, Andrea. Rituais de sacrifício: a sobrevivência de uma antiga dimensão do corpo humano. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.907-919, jul./set. 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Editora Cosac Naify, São Paulo, 2012.

MACLAINE, Shirley. **O Caminho**. Editora Sextante, 2000.

MACCANNELL, Dean. **The Tourist: a new theory of the leisure class**. New York: Schocken Books Inc. 1989.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Mystica urbe**: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Antropologia**. São Paulo: Ática, 1986.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. *In*: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Edusp, 1974. v. 2.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia com uma introdução à obra de Marcel Mauss de Claude Lévi-Strauss**. São Paulo: EPU, 1974.

MAUSS, Marcel; HUBERT Henri. **Sobre o Sacrifício**. São Paulo: Cosac Naif, 2013.

MENDONÇA, José Tolentino. **O tesouro escondido**: para uma busca interior. São Paulo: Paulinas, 2012.

MORINIS, Allan. **Pilgrimage in the Hindu Tradition**: a case study of West Bengal. Delhi: Oxford University Press, 1984.

NEIF, Nabhan. **Islamismo**: de Maomé a nossos dias. São Paulo: Ática, 1996.

ORTNER, Sherry B. Poder e projetos: reflexões sobre a agência: Uma atualização da teoria Prática. *In*: GROSSI, M; ECKERT, C; FRY, P. (org.). **Conferências e Diálogos**: saberes e Práticas antropológicas. Goiânia: Editora Nova Letra, 2007. p. 45-80.

PEIRANO, Mariza Gomes de Souza. **Rituais, ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PEIRANO, Mariza Gomes e Souza. **A favor da Etnografia**. Brasília, DF: Série Antropologia, 1992. v.130.

PEÑA SANTOS, Antonio. **Os pobos castrexos antes da conquista romana**. O efeito diferencial galego na História. Vol.I, Museo do Pobo Galego, Santiago de Compostela, 2001.

PEREIRA, Amanda Casarin. **O perfil do visitante na festa do jubileu de senador Firmino**. 2003. Monografia (Graduação em Turismo) – Faculdade de Turismo de Santos Dumont, Santos, Dumont, 2003.

PEREIRA, Pedro. **Peregrinos**: um estudo antropológico das peregrinações a pé a Fátima. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

POIRIER, Jean. **História de vida**: teoria e prática. São Paulo: Editora Celta, 1995.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo no Percurso do Tempo**. Editora Aleph, São Paulo, 2002.

ROCHA, Everaldo. P. G. **Magia e capitalismo**: um estudo antropológico da publicidade. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RODRIGUES, Domingos de Gouveia. **História dos Caminhos de Santiago**. [S. l.: s. n.], 2018.

ROUSSEL, Romain. **Les pèlerinages a travers les siècles**. Paris: Payot, 1956.

SANTOS SOLLA, Xosé Manuel. **El Camino de Santiago como alternativa turística de Galicia**, in Actas del Congreso Internacional de Geografía – Los Caminos de Santiago y el territorio. Santiago de Compostela, 1993, pp. 783-800.

SILVA, Míriam Cristina Carlos; SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. **Peregrinar para narrar**: uma leitura de narrativas sobre o Caminho de Santiago de Compostela. [S. l.]: COMPÓS, 2015. Acesso em: http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-13033787-d093-4de0-b953-26f4cb4033db_2820.pdf. Acesso em: 10 mar 2019.

SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito (1903)**. Mana, [s. l.], v.11, n. 2, p. 577-591, 2005.

SIMMEL, Georg. Extraído de SOUZA, Jessé; OELZE, Berthold. **Simmel e a modernidade**. Brasília, UnB, 1998, p.23-40.

SINGUL, Francisco. **O Caminho de Santiago**: a peregrinação ocidental na Idade Média. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

STANLEY, John M. The great Maharashtrian Pilgrimage: Pandharpur na Alandi. In: MORINIS, Alan (ed.). **Sacred Journeys: the anthropology of pilgrimage**. Londres: Greenwood Press, 1992.

STEIL, Carlos Alberto. Oferta simbólica e mercado religioso na sociedade global. In: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias de (org.). **O futuro da religião na sociedade global**. São Paulo: Editora Paulinas, 2008.

STEIL, Carlos Alberto. **Peregrinação, romaria e turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas**. In: ABUMANSUR, Edin Sued (org.). Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo. Campinas: Papirus, 2003. p. 29-49.

STEIL, Carlos Alberto; TONIOL, Rodrigo. **Ecologia, Corpo e Espiritualidade: uma etnografia das experiências de caminhada ecológica em um grupo de ecoturistas**. Caderno CRH, Salvador, v. 24, n. 61, p. 29-49, jan./abr. 2011.

STEIL, Carlos Alberto; CARNEIRO, Sandra de Sá. **Peregrinação, Turismo e Nova Era: Caminhos de Santiago de Compostela no Brasil**. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 2008.

STEIL, Carlos Alberto. **Dossiê “Santuários e Turismo Religioso”** – Peregrinações: sentidos e práticas. Horizonte, Belo Horizonte. V.16. n.49 – 2018.

TONIOL, Rodrigo. **No rastro das caminhadas: etnografia de uma política de turismo rural no Vale do Ivaí, Paraná**. 2012. Dissertação (Mestrado Antropologia Social) – Faculdade de Antropologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

TONIOL, Rodrigo; STEIL, Carlos Alberto. **Peregrinação, viagem, turismo e caminhadas**. In: TONIOL, Rodrigo; STEIL, Carlos Alberto. Nos rastros da natureza. Curitiba: Appris Editora, 2016.

TURNER, Victor. **Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu**. Niterói: EdUFF, 2008.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

TURNER, Victor; TURNER, Edith. **Image and Pilgrimage in Cristian Culture: Lectures on the history of religions**. New York: Columbia University Press, 1978.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**: Paris, 1909. Tradução de Mariano Ferreira. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

VARAZZE, Jacopo. **Legenda áurea**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VELHO, Gilberto. Biografia, trajetória e mediação. In: VELHO, Gilberto.; KUSCHNIR, K. (org.). **Mediação, Cultura e Política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. p. 15-28.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

VERNANT, Jean Pierre. **O Mito e a Religião na Grécia Antiga**. Lisboa: Teorema, 1991.

ZELIZER, Viviana. **A negociação da intimidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

ZELIZER, Viviana. Circuits within capitalism. *In*: NEE, V.; SWEDBERG, R. **The Economic Sociology of Capitalism**. Princeton: Princeton University, 2009.

WERNET, A. **Peregrinação a Aparecida: das romarias programadas ao turismo religioso**. *In*. RODRIGUES, A.B. Turismo, modernidade, globalização. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1999. Pág.83-90

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
PESQUISA DE DOUTORADO
PEREGRINOS NO CAMINHO DE SANTIAGO DE COMPOSTELA**

1 – Nome: _____

2 – Idade: _____

3 – Cidade de Origem: _____

4- Profissão: _____

5 – Como ficou sabendo do Caminho de Santiago de Compostela?

6 – Quais os motivos que o levaram a fazer o Caminho?

7 – Já fez outros Caminhos? Quais? _____

8 – Teve alguma experiência religiosa / mística durante o Caminho? _____

9 – Qual a sua opinião sobre o Caminho de Compostela? _____

10 – Teve algum problema físico / psicológico ao longo do Caminho?

11 – Qual foi a sua sensação em chegar à Catedral de Compostela? _____

12 – O que ficou da experiência?

Data e local: _____



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br